

Coleção
Sexualidade & Mídias

Mary Yoko Okamoto
Bruna Bortolozzi Maia
(Organizadoras)

LEITURAS SOBRE A
SEXUALIDADE
EM FILMES

PSICANÁLISE E VÍNCULOS

VOLUME 03

**LEITURAS SOBRE A
SEXUALIDADE EM FILMES:
PSICANÁLISE E VÍNCULOS**



Mary Yoko Okamoto
Bruna Bortolozzi Maia
(Organizadoras)

**LEITURAS SOBRE A
SEXUALIDADE EM FILMES:
PSICANÁLISE E VÍNCULOS**

VOLUME 3


Pedro & João
editores

Copyright © das autoras e dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Mary Yoko Okamoto; Bruna Bortolozzi Maia (Organizadoras)

**Leituras sobre a sexualidade em filmes: Psicanálise e vínculos.
Vol. 3.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 215p.

ISBN 978-65-86101-24-9 [impresso]
978-65-86101-25-6 [Ebook]

1. Sexualidade em filmes. 2. Psicanálise. 3. Vínculos familiares. 4. Autores. I. Título.

CDD – 150 / 370

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil)



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2020

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
Mary Yoko Okamoto Bruna Bortolozzi Maia	
Capítulo 1	
ÁLBUM DE FAMÍLIA E A TRANSMISSÃO PSÍQUICA: UMA ANÁLISE A LUZ DAS CONFIGURAÇÕES VINCULARES	13
Carolina Caires Motta Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel Mary Yoko Okamoto	
Capítulo 2	
ENTRE MÃES E FILHOS: DOR E GLÓRIA DE ALMODÓVAR	29
Thassia Souza Emídio Juliana Beatriz Ferreira de Souza	
Capítulo 3	
DECIFRAR-SE MUTUAMENTE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DA EXPERIÊNCIA AMOROSA NO FILME ME CHAME PELO SEU NOME	51
Manoel Antônio dos Santos José Eugênio Valério Pereira Thaís Yumi Shirane Vinícius Alvim	
Capítulo 4	
MEDIANERAS: BUENOS AIRES NA ERA DO AMOR VIRTUAL: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS	77
Vinícius Romagnolli Rodrigues Gomes	
Capítulo 5	
BLACK MIRROR - ARKANGEL: REFLEXÕES SOBRE NARCISISMO E PARENTALIDADE NO CONTEMPORÂNEO.	91
Bruna Bortolozzi Maia Dirceu Duarte Gomes	

Capítulo 6 BLUE VALENTINE: REFLEXÕES SOBRE O CASAMENTO E O DIVÓRCIO	107
Raissa Pinto Rodrigues Lucas Rodrigues Bento	
Capítulo 7 AS COISAS IMPOSSÍVEIS DO AMOR: REFLEXÕES ACERCA DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE MADRASTAS E ENTEADOS	121
Giovanna Lima Thomazella	
Capítulo 8 ARMAÇÕES DO AMOR: ARTICULAÇÕES VINCULARES DOS FILHOS ADULTOS QUE RESIDEM NA CASA DOS PAIS.	137
Graziela Vasconcelos da Silva	
Capítulo 9 TULLY: REFLEXÕES SOBRE O DESEMPENHO DA FUNÇÃO PATERNA NA VIVÊNCIA DA MATERNIDADE	153
Giovana Benite dos Santos Isabela Dantas da Silva	
Capítulo 10 O REI LEÃO: REFLEXÕES SOBRE O COMPLEXO DE ÉDIPO	169
Caroline Trevisan Mendes de Almeida Mary Yoko Okamoto	
Capítulo 11 PROJETO FLÓRIDA: DESAFIOS DA MATERNIDADE FRENTE A VULNERABILIDADE SOCIAL	189
Bruna Martins Veroni Palma	

APRESENTAÇÃO

Mary Yoko Okamoto
Bruna Bortolozzi Maia

As transformações sociais ocorridas ao longo da nossa história repercutiram na organização e funcionamento de famílias, filhos, casais e os vínculos amorosos. Assim, assistimos a uma pluralidade de arranjos e rearranjos familiares e amorosos, e diante de novas questões que se impõem, as famílias têm sido atravessadas por novos desafios, questionamentos e transformações de variadas ordens.

Os imperativos sociais, ligados a uma cultura do narcisismo, a novas modalidades de envolvimento amorosos e sexuais, à espetacularização e à publicização da vida privada a partir da conexão com as redes sociais, trazem nesse cenário outras maneiras de se conectar ao outro, evidenciando que os modos de vinculação, base da organização do grupo familiar, também são importantes de serem pensados nesse processo de transformação da família na atualidade.

Diante de tais demandas, o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Vincularidade – LaPsiVi, coordenado pelas docentes Mary Yoko Okamoto e Thassia Souza Emídio, do departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, objetiva organizar e agregar o desenvolvimento de pesquisas, estudos e eventos nessa área, colaborando para o avanço teórico e divulgação científica, para a formação de psicólogos e pesquisadores.

Os capítulos que compõem este terceiro volume da **Coleção Sexualidade & Mídias** são frutos da organização da

Mostra de Filme: Vínculos em Cena, e propõem a discussão de temas relacionadas à organização amorosa e familiar desenvolvidas pelas docentes e pesquisadores de graduação e pós-graduação que integram o LaPsiVi. Além disso, apresentamos um capítulo de um renomado pesquisador, convidado para compor essa coletânea.

As reflexões apresentadas resultaram das discussões de filmes, cujas temáticas giram em torno de pesquisas realizadas no referido laboratório e que compuseram a Mostra de filmes. Apresentaremos aqui os capítulos a partir de suas afinidades temáticas.

O Capítulo 1, **Álbum de família**, trata de uma família marcada por conflitos na transmissão geracional, perpassada por diversos sofrimentos, dentre elas, a violência e os segredos familiares que marcam indelevelmente a parentalidade, as relações conjugais e a repetição de conteúdos traumáticos no encadeamento das gerações.

O Capítulo 4, com o longa **Medianeras**, reflete a solidão do contemporâneo, personificada pela cidade de Buenos Aires e as ausências de janelas e mediações com o mundo externo. Apresenta-se, neste capítulo, as possíveis ressonâncias da solidão e da impossibilidade de solidão nos vínculos e relações estabelecidos no contemporâneo. Os imperativos sociais, ligados a uma cultura do narcisismo, à espetacularização da vida e à publicização da vida privada a partir da conexão com as redes sociais, trazem nesse cenário uma outra forma de se conectar ao outro, evidenciando que os modos de vinculação, base da organização do grupo familiar, também são importantes de serem pensados nesse processo de transformação da família na atualidade.

Seguindo na temática dos vínculos amorosos o Capítulo 3, com **Me chame pelo seu nome** discute a história de dois personagens, em meados dos anos 80, e o

vínculo afetivo-erótico que desenvolvem ao longo da trama, retratando o conflito entre as pulsões e as normas sociais e demonstrando que quem nos nomeia é o outro.

Pensando nas mudanças ocorridas nas formas de vinculação no contemporâneo, o capítulo 8, revela com o filme **Armações do amor** (uma comédia romântica), um fenômeno cada vez mais recorrente, denominado ‘ninho cheio’, que diz respeito àqueles filhos que, a despeito da possibilidade de fazê-lo, escolhem não sair da casa dos pais, mesmo quando adultos. A reflexão aqui é sobre essas transformações no vínculo de parentalidade - filiação e suas possíveis consequências para a construção das subjetividades no contemporâneo.

Outra face de tais mudanças mostra-se no capítulo 6. Em **Blue Valentine**, os autores discutem as relações conjugais na contemporaneidade, dando enfoque para o divórcio enquanto construção histórica e vincular, num filme que apresenta a história de um casal desde o início até o fim do relacionamento, escancarando a impossibilidade de mantermos as idealizações vivas diante de um relacionamento longo, bem como as consequências do divórcio para a parentalidade.

Seguindo nesta temática, no Capítulo 7, a partir de **As coisas impossíveis do amor** discute a temática do recasamento, em especial no que diz respeito ao vínculo madrasta-enteado: seus impasses e suas influências sociais referentes à história vincular. Discute-se também o imaginário social em torno da madrasta, o conflito de lealdade vivido pelo filho e, por fim, a importância do apoio dos pais do enteado para o estabelecimento do vínculo com a madrasta, no qual perpassam conflitos da conjugalidade e da parentalidade.

A temática da parentalidade é enfatizada no decorrer do livro, como no capítulo 2, que trata de vínculos de filiação, a partir principalmente das contribuições de D. W.

Winnicot. Isto se dá partindo das memórias do personagem Salvador, do filme de Almodóvar **Dor e Glória**. O longa apresenta de forma sensível a relação mãe-filho, que parece buscar ressignificação através da narrativa marcada por lembranças do passado.

No capítulo 5, alicerçado na narrativa de ficção científica de **Black Mirror - Arkangel** articula-se a parentalidade com o narcisismo. A história se inicia quando a mãe perde a filha pequena, Sara, no parquinho e implanta um programa capaz de rastreá-la e limitar sua visão, desencadeando questionamentos também sobre a tecnologia no exercício das funções parentais.

Ainda pensando nas transformações contemporâneas da parentalidade, o capítulo 9 aborda, diante da narrativa dramática **Tully**, a vida de uma mãe após o nascimento do terceiro filho, realçando suas dificuldades no puerpério já que não conta com o suporte da função paterna. Destaca, assim, a crescente fragilização da função paterna, fenômeno contemporâneo, bem como suas consequências subjetivas na organização da dinâmica familiar.

Com o Capítulo 11, **Projeto Florida**, nos vemos convidados a olhar do ponto de vista de uma criança para um vínculo mãe-filha que ocorre num mundo em contraste com a magia dos parques da Disney, escancarando as dificuldades da construção da maternidade num contexto de vulnerabilidade social, refletindo sobre as possibilidades de intervenção com estas famílias de forma menos estigmatizada e moralizante.

Por fim, no capítulo 10, com **O Rei leão**, clássica animação infantil refilmada em *liveaction* em 2019, as autoras fazem um paralelo com o Complexo de Édipo proposto por Freud a partir da tragédia de Sófocles, destacando a transmissão psíquica e os pactos inconscientes que estão envolvidos na trama.

Esperamos que a leitura deste livro possa despertar no público, o interesse e a compreensão de algumas vicissitudes que atravessam o cenário vincular no contemporâneo, através de filmes que demonstram com muita sensibilidade, os vínculos amorosos e familiares.

Agradecemos à querida Ana Cláudia Bortolozzi Maia, pelo convite para compor esse volume, e a Leilane Raquel Spadotto de Carvalho por todo o apoio à organização do mesmo. Afinal, a vida é tecida nos bons encontros!

Capítulo 1

ÁLBUM DE FAMÍLIA E A TRANSMISSÃO PSÍQUICA: UMA ANÁLISE A LUZ DAS CONFIGURAÇÕES VINCULARES

Carolina Caires Motta
Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel
Mary Yoko Okamoto

Introdução

O presente ensaio tem por objetivo analisar o filme *Álbum de Família*, o qual retrata a história de uma família, mais especificamente de um casal, Violet e Beverly, bem como de suas três filhas: Bárbara, a filha mais velha, Ivy e Karen, a filha mais nova. A trama do filme é bastante diversa e permeada por elementos e fatos marcantes, tais como o suicídio, a violência, a dependência química, a relação mãe-filho, o processo de envelhecimento, os segredos familiares e as relações conjugais. Nesse sentido, se configura como um cenário oportuno para um estudo psicanalítico.

Sua escolha se deve ao fato, de que esse filme trata de aspectos relevantes, no que se refere a transgeracionalidade. Desse modo, a análise ocorrerá a partir da perspectiva da configuração vincular que considera a importância da transmissão psíquica entre as gerações. Para tanto, se propõe a pensar como se constitui o vínculo na vida psíquica desse grupo familiar, em específico.

Com isso, refletir sobre o filme, a partir dessa ótica é o mesmo que concebê-lo para além de aparato psíquico individual, visto que está fundamentado a partir das

identificações com a família e com outros integrantes de seu contexto sociocultural. Assim, ao nos pautarmos na Psicanálise das Configurações Vinculares, estamos nos referindo a uma vinculação inconsciente que se organiza em torno de dois ou mais indivíduos.

Essa concepção teórica inclui o grupo como um dispositivo de trabalho psicanalítico, como um espaço que produz efeitos específicos. No entanto, não se trata de fazer uma mera transposição da tópica freudiana ao grupo, precisamos levar em conta a relação do indivíduo com o grupo e no grupo. Dessa maneira, a psicanálise depois de Freud tem tentado expandir-se para além de uma dimensão intrapsíquica, sob diversos aspectos, nesta vertente do indivíduo com o social.

Como destaca Weissmann (2009), a Psicanálise das Configurações Vinculares se constitui a partir de espaços psíquicos, os quais torna-se relevante uma distinção, visto que serão objeto de análise do filme. Desse modo, podemos descrevê-lo como espaço intrasubjetivo ou intrapsíquico, pois se relacionam ao mundo interno de cada sujeito e é composto por suas fantasias e objetos internos. Já o espaço intersubjetivo se refere ao modo de produção de subjetividade e os laços que os vincula. A partir desse panorama, a autora conclui que:

Um vínculo é construído entre dois sujeitos ou mais, havendo algo em comum entre eles: um conector. Falamos de uma estrutura vincular em que o que se constrói implica os dois integrantes, configurando um “entre dois” com suas respectivas representações vinculares. O *intersubjetivo* pertence à área do convívio e dos vínculos com os outros, vínculos estes que criam a subjetividade (2009, p.97).

Assim, destacamos também que o sujeito dentro do vínculo possui uma lógica de funcionamento diferente,

considerando-se que essa constituição psíquica se faz presente, apenas quando nos referimos a um sujeito conectado a outro, ou mais especificamente: “Esses intercâmbios geram modificações inconscientes nos vínculos, uma vez que não temos como não nos deixar afetar pelo outro (WEISSMANN, 2019, p. 91).

Sob esse mesmo ponto de vista, Benghozi (2010) reitera que a perspectiva psicanalítica do vínculo concebe que o vínculo é o suporte da transmissão psíquica e de suas vicissitudes. O vínculo é o elo que assegura que a transmissão da história familiar ocorrerá na sucessão das gerações subsequentes. Desse modo, os vínculos em uma família podem ser de dois tipos, os quais se caracterizam como os vínculos de sangue e os de aliança. Os vínculos de sangue delimitam o parentesco ao fator biológico, a descendência e a transmissão genética. Por outro lado, os vínculos de aliança são os compromissos recíprocos entre as pessoas e que trazem implícito a ideia de contrato (BEREINSTEIN, 2011, p. 15).

A constatação de que existe um vínculo de aliança, pressupõe que somos portadores de uma herança genealógica e que se processa de forma inconsciente. Isso nos faz questionar o que seria passível de ser transmitido e como ocorreria esse processo.

Levando-se em consideração que o grupo familiar é o espaço da intersubjetividade, podemos afirmar que a história do sujeito precede a sua existência. Diante disso, a função do grupo familiar, de acordo com André-Fustier e Aubertel (1998), é a de perpetuar a espécie por meio da transmissão psíquica e inclui a maneira de pensar e experimentar o mundo, constituindo a individualidade de cada um. Os autores asseguram ainda, que a transmissão se refere à dimensão histórica do aparelho psíquico familiar na sucessão das gerações.

Em outras palavras, o sujeito concebe sua história a partir de uma herança psíquica precedente que lhe foi transmitida. Assim, afirmamos que esse processo de transmissão psíquica compreende as tradições familiares, valores, fantasias, dentre outros, os quais garantem o prosseguimento da vida psíquica.

Entretanto, a transmissão psíquica pode se processar de maneiras distintas entre as gerações e que podemos caracterizá-las por intergeracional ou transgeracional. De acordo com Trachtenberg (2005), na transmissão intergeracional, o sujeito não é apenas beneficiário, herdeiro ou servidor forçado, pois há uma possibilidade de transformação e elaboração ao que lhe é transmitido:

[...] favorecendo e conduzindo a uma diferenciação, a uma evolução entre o que é transmitido e o que é herdado. Esse trabalho permite a cada geração situar-se em relação as outras, perceber e respeitar as diferenças entre elas, tornar-se um elo, e inscrever cada sujeito numa cadeia e num grupo (2005, p.121).

Com isso, Kães (2001) nos coloca que no contexto intergeracional existe um espaço de transcrição transformadora da herança psíquica, ao qual nos foi transmitida. Isso significa dizer, que há uma provável experiência de representação e simbolização do aparelho psíquico do grupo familiar. Em contrapartida, afirma também que existe a transmissão transgeracional, a qual possui conteúdos que não puderam ser metabolizados ou simbolizados. Trata-se de elementos “brutos” que não asseguram o espaço subjetivo para uma transcrição transformadora, ou seja:

Na transcrição da transmissão no registro do negativo, na falha da metabolização psíquica e no fracasso que liga cada

qual ao conjunto e o conjunto a cada qual, aparecem mais precisamente as condições necessárias para que o espaço psíquico possa se constituir e para que o processo de transmissão possa se efetuar [...] (KAES, 2001, p. 21).

Nesse sentido, o grupo familiar possui regras que regem os vínculos e a maneira como cada grupo vive esses “traumatismos” depende do funcionamento do aparelho psíquico familiar (ANDRÉ-FUSTIER e AUBERTEL, 1998). Em uma herança transgeracional, os elementos se caracterizam por brutos, justamente pelo fato de que não tiveram possibilidade de elaboração pelas gerações precedentes. Logo, não permitem uma apropriação ou transformação, uma vez que não há perspectiva de um trabalho de elaboração.

Isso implica, em uma compulsão a repetição e pode expressar uma falha na simbolização transmitida entre as gerações. São os não-ditos, os segredos, os lutos não elaborados, as situações de violência, dentre outros, que não tem possibilidade de metabolização ou elaboração psíquica tanto no aspecto individual, quanto no familiar. Para Trachtenberg (2005), o trauma não elaborado interrompe a transmissão intergeracional que ocorre entre os sujeitos e dá lugar a uma transmissão transgeracional que perpassa o psiquismo e invade-o. Consequentemente, os representantes dessa geração não terão a capacidade de transformação sobre os conteúdos que lhe são transmitidos.

Tal como foi destacado, há diversas situações no filme em que conteúdos não foram elaborados, metabolizados ou simbolizados e, dessa forma serão melhor explicitados a seguir na descrição dos principais aspectos da trama. Na sequência, esses aspectos se constituirão como objeto de análise na perspectiva da Psicanálise das Configurações Vinculares.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme/Longa metragem
Título Original	August: Osage County
Nome Traduzido	Álbum de Família
Gênero	Drama
Ano	2013
Local e lançamento e Idioma original	EUA/ Inglês
Duração	2h10min
Direção	John Wells

O filme conta a história de uma família composta por Violet, a matriarca que tem câncer na boca e faz tratamento quimioterápico, é dependente de medicamentos e faz uso excessivo de tabaco. Já o pai, Beverly, é docente, escritor e alcoolista há muitos anos. Logo no início, ele contrata uma índia americana para auxiliar nas tarefas domésticas e cozinhar.

Beverly desaparece e alguns familiares são avisados por Ivy, a filha do meio, que é a única que mora perto dos pais e que entra em contato com as irmãs. Assim, com a finalidade de desvendar o mistério do desaparecimento do pai, a filha Bárbara (a preferida da mãe) vem à Oklahoma acompanhada de seu marido - mesmo que não estejam mais juntos, pois ele se interessou por uma mulher mais jovem - e a filha deles, a adolescente Jean.

Karen, a filha mais nova que parece ter pouca credibilidade dos familiares e é conhecida por ter inúmeros relacionamentos afetivos, também vem a casa dos pais. Ela traz junto com ela, seu noivo Steve, um homem mais velho, de atitudes inadequadas e que em algum momento tentou

seduzir Jean. Além disso, vieram Matt Fae - irmã de Violet - seu marido, o Charlie, e o filho deles, mais conhecido por “pequeno Charlie”, que é visto pela mãe como um “fracassado”. Ivy e o “pequeno Charlie” são primos e tem um relacionamento às escondidas.

Ao saber do suposto relacionamento, a mãe dele confessa a sobrinha Bárbara, que eles não são primos, mas sim meio irmãos, ou seja, Charlie é filho de Beverly. Entretanto, Matt nunca falou nada a respeito com o marido. A fim de proibir o casal de ficar junto, Violet conta à Ivy que Charlie era seu meio-irmão, mas que embora Beverly soubesse que ela tinha conhecimento do fato, também nunca falaram sobre isso.

Após a notícia do falecimento do pai, que posteriormente se constata ser um suicídio, tem início os conflitos e alguns segredos familiares vêm à tona. No jantar após o funeral, Violet se mostra hostil e faz vários comentários sarcásticos. Apenas Bárbara faz enfrentamentos e rebate o que ela diz, pois, as irmãs Ivy e Karen ficam paralisadas e não reagem aos ataques da mãe.

Nessa circunstância, de reunião dos membros de várias gerações da mesma família, ressurgem conflitos que incluem a violência que Violet e a irmã sofreram no contexto familiar, o que fazer com os bens após o falecimento de Beverly, a relação difícil entre Violet e as filhas, o suposto relacionamento entre Ivy e o primo, a separação conjugal de Bárbara, dentre outros. Todos esses aspectos estão relacionados a como se constituem esses vínculos e aos papéis assumidos por cada um nesse contexto e serão melhor discutidos a seguir.

Análise Crítica

Álbum de família é um filme que conta a história de várias gerações de uma família e o reencontro de seus

membros desencadeia diversos conflitos. Durante o tempo em que permanecem juntos, discutem e revivem histórias do passado, as quais revelam diversas situações relacionadas a esse grupo familiar. Considerando-se que a análise se pautará no espaço psíquico que se configura no “entre” dois ou mais sujeitos desse grupo familiar, podemos afirmar que se trata do espaço intersubjetivo e que se constrói a partir do vínculo entre seus membros.

A especificidade dessas estruturas vinculares e como se articulam, demarcam como são delineadas as transmissões psíquica entre as gerações, isto é: “Um sujeito estaria constituído por uma rede de vínculos conformando-se a especificidade de cada um como um desenho, um entrelaçamento, uma rede de tranças que cada um vai estabelecendo” (WEISSMANN, 2011). Por isso, essa rede sistemática de vínculos em torno do qual se estruturam a história familiar, representa uma excelente oportunidade para análise à luz da Psicanálise das Configurações Vinculares. A partir do que foi exposto acima, nos propomos a refletir acerca da dinâmica do inconsciente vincular desse grupo familiar e qual a sua influência entre as gerações.

Nesse sentido, podemos destacar que quando pensamos em transmissão psíquica entre as gerações dessa família, estamos diante de uma herança genealógica que possui uma série de aspectos não transformados e não simbolizados, com lacunas e vazios e que, segundo Correa (2000), ficam suscetíveis de se repetirem pela transmissão até que sejam elaborados. Dentre essas situações, vale enfatizar a violência intrafamiliar sofrida por Violet e sua irmã Matt que não foi elaborada. Fica bem evidente, que as agressões que Violet e a irmã Matt sofreram por parte dos ex-companheiros da mãe e, inclusive, pela própria mãe, foram traumáticas e por isso, possivelmente sem capacidade para metabolização ou simbolização.

Nesse caso, trata-se de uma questão de transmissão psíquica geracional, mais especificamente, transgeracional, porque a violência é uma herança não simbolizada, que configura o contexto do traumático. Assim, o contexto de violência familiar está presente desde a geração da mãe e da tia, exercida pela avó materna e seus companheiros. A presença da violência favorece situações com conteúdos não simbolizados, e esse é o mecanismo nessa família, sobretudo nas relações estabelecidas por Violet.

Nesse caso, aponta Käes (2001), a transmissão se organiza a partir do negativo não apenas a partir do que falta ou falha, mas daquilo que não adveio, que tem ausência de inscrição ou de representação. O autor aponta ainda, que a não-inscrição ou não-metabolização pelo Ego do que foi vivido, faz com que esse conteúdo não tenha uma representação de palavra.

Desse modo, o não dito – através de segredos – é outra maneira de funcionamento dessa família, que não conseguindo verbalizar e conversar sobre suas dores, externaliza o sofrimento através de atos violentos: brigas, discussões agressivas, dentre outros.

A relação de Violet com as filhas é bastante distante e ela se permite dizer tudo o que pensa, sem considerar as consequências disso. Aliás, há uma fala no filme, a qual faz alusão a essa impulsividade ao falar, sem avaliar a sua repercussão: “Minha boca está ardendo para caramba, minha língua está em chamas”. Suas falas são hostis e intimidam as filhas, exceto Bárbara, a filha mais velha. A própria empregada da casa, Johnna, de origem indígena era alvo de ataques preconceituosos de Violet e parece ser uma das poucas figuras que representavam ternura no olhar, embora quase não teve falas durante o filme.

De acordo com Correa (2000), o silêncio da violência implica na falta de inscrição do sujeito na sucessão das gerações e no tecido grupal dificultando ou impedindo o

acesso à simbolização. Disso decorre a necessidade de gerenciar a fratura desses vínculos geracionais através de projeções, clivagem ou denegação, com o intuito de minimizar os efeitos daquilo que é traumático. No entanto, a autora afirma ainda, que a continuidade geracional pode embasar-se naquilo que é defeituoso ou deficiente na transmissão, assim como na herança psíquica proibida, esquecida ou não assumida.

Segundo esse ponto de vista, Benghozi nos coloca que: “Na transmissão transgeracional não há metabolização psíquica. O indizível, o inominável, o inconfessável são transmitidos sem serem pensados, sem serem elaborados, sem serem simbolizados, com processo de repetição de geração à geração” (2000, p. 97). Sem possibilidade de representação, esses conteúdos traumáticos se constituem em uma vivência acumulativa não-metabolizada que é transmitida no decorrer das gerações.

Em uma outra cena do filme, Violet conta para as filhas um fato que ocorrera com ela e que confirma o contexto de violência familiar, no qual vivia. Desse modo, relata que certa vez se apaixonou e pensava que ficaria bonita se usasse uma determinada bota. Assim, diz que a sua mãe lhe presenteia com uma bota furada e suja, expondo-a a uma circunstância vergonhosa. Parecia bem ressentida durante seu relato, o que nos faz concluir que essa vivência traumática entre Violet e sua mãe, se repete na difícil relação que estabelece com suas filhas.

Outro grande segredo trazido pela família é o fato de Ivy e o pequeno Charlie serem meio irmãos. Violet faz questão de enfatizar que sempre soube disso, mas nunca falou a respeito com o falecido marido. Tampouco, Matt Fae se propôs a falar com Charlie sobre a real paternidade do filho, embora as irmãs e Beverly tivessem conhecimento disso.

Essa não representação de palavra surge no pequeno Charlie, que aparentemente tem dificuldades de ordem individual e é desmoralizado a todo o momento pela mãe. Entretanto, o filme sugere que ele seria apenas o porta-sintoma e evidencia questões do grupo familiar e relacionadas ao que foi forcluído ou recusado. Nesse caso, um membro familiar se torna o depositário dos conteúdos inconscientes não elaborados e que são partilhados pelo grupo. De acordo com Benghozi (2010), esse indivíduo é o portador herdeiro do inconsciente familiar e expressa a transmissão transgeracional do negativo.

Isso significa dizer que, na Psicanálise das Configurações Vinculares, não compreendemos a função do sintoma apenas em sua dimensão individual ou singular, pois estamos nos referindo ao sofrimento psíquico de uma ou mais gerações. Por isso, sob essa perspectiva, o Charlie é apenas o porta-voz ou aquele que foi designado para manifestar o sintoma que caracteriza todo o grupo familiar.

A partir dessas considerações, Bárbara também tem uma filha, a adolescente Jean. Ela parece incapaz de se mostrar afetuosa ou de estar atenta as necessidades da garota. Além disso, durante a trama, Jean se aproxima de Steve, noivo da tia Karen, o qual tenta seduzi-la. Fica subentendido uma possível sedução de uma jovem por um homem mais velho, o suposto motivo pela separação de seus pais. Embora durante o filme as poucas falas entre o casal a respeito da separação apontam o caso extraconjugal de Bill, é possível notar também que a dificuldade na expressão afetiva e a maneira impulsiva e agressiva de expressão de Barbara seria um dos principais motivos que colaboraram para o rompimento do casal.

Entretanto, nessa cena de sedução de Steve, noivo de Karen, uma mulher também mais nova, existe um conteúdo que aponta para o tipo de busca amorosa que permeia tais relações. Nessa mesma linha de compreensão, também

podemos apontar que pouco se fala a respeito do suicídio de Beverly. Há raras menções durante a trama e em uma das cenas, Violet diz a filha Bárbara que ele deixou uma carta, mas ela não tentou impedi-lo. Durante o jantar após o funeral, não há questionamentos sobre o fato, nem tampouco a família conversa a respeito em situação posterior.

Desse modo, podemos afirmar que a manutenção desses segredos ou até mesmo a possibilidade de se vivenciar um fato como se ele não tivesse ocorrido, visa a manutenção desse grupo e a garantia de sua continuidade. Posto isto, esse grupo familiar parece implicado na sustentação de formações psíquicas e processos de conteúdos não-transformados, os quais invadem o seu psiquismo. Em outras palavras, Piva (2013, p. 168) nos aponta que: “A manutenção do segredo é tóxica e gera uma contradição: o que é sentido não pode ser falado e dá conta de uma modalidade alienante de funcionamento”.

Por isso, podemos concluir que os processos que constituem a transmissão psíquica nesse grupo familiar, se sustentam em uma configuração que não respeita as fronteiras genealógicas. Segundo Käes, embora a patologia afete o sujeito em sua singularidade, também há repercussões no processo psíquico intersubjetivo. Nesse sentido, repensar a transmissão dessa herança psíquica, significa considerar que:

Essas resistências são particularmente poderosas, tanto mais que, ao preço de uma morte psíquica ou física, tiveram por função preservar um vínculo necessário com mais de um outro, do qual o sujeito foi excluído ou para o qual recebeu um lugar alienante (KÄES, 2001, p. 23)

Portanto, esses indivíduos são portadores de fantasias, lutos não-elaborados, memórias, dentre outros

que são componentes dessa história familiar. Entretanto, o que é da ordem do traumático coloca os sujeitos em uma posição pouco autônoma em relação ao que lhe é transmitido. Muitas vezes, essas formações psíquicas inconscientes são mantidas com o propósito de manutenção do vínculo, mesmo que isso implique em renunciar alguns espaços intersubjetivos.

Por se tratar de um ato psíquico que coloca esses indivíduos à mercê de cumprir as exigências dessa transmissão, a dinâmica que compõe o inconsciente desse grupo familiar permanece a mesma, considerando-se que não houve a possibilidade de transformação do conteúdo transmitido. Assim, há uma possibilidade de que esse conteúdo se repita no decorrer das gerações.

Contudo, mesmo que afete um sujeito em sua singularidade, não se trata de um atributo seu, mas é mantida e transmitida no processo psíquico do sujeito singular e no processo intersubjetivo. Por isso, o contrato familiar sobre o negativo, só pode ressurgir no agenciamento das subjetividades do espaço grupal, pois essas resistências têm por intuito preservar o vínculo. Todavia, podemos afirmar que:

“Embora não exista nada de importante que uma geração consiga esconder de outra”, como escreve Freud, ainda assim há sujeitos sobre os quais incide o negativo da transmissão: o mais difícil de admitir é que eles possam consentir com isso e, de uma maneira ou outra, tirar disso um benefício cruel” (KÄES, 2001, p. 23).

Por outro lado, se algum membro desse grupo familiar contestar a herança genealógica, torna-se necessário rever como esses conteúdos foram constituídos e inevitavelmente inaugura um processo que envolve não somente o representante dessa geração, bem como todo o

grupo familiar. Isso se deve ao fato de que, tal como assinala Kães (2001), o grupo familiar precede o sujeito singular, ou seja, a singularidade se constitui no espaço psíquico que ocorre no “entre” os sujeitos. Consequentemente, se um membro familiar refuta o fundamento da sua própria vida psíquica e como ele se processa no inconsciente, o grupo terá de verificar como gerenciá-lo.

Considerações Finais

O grupo familiar é responsável por nos atribuir lugares, funções e nos dar o sentimento de pertencimento e filiação. Além disso, é agente fundamental na constituição do aparelho psíquico de seus membros através da transmissão psíquica, considerando-se que a história familiar precede a existência do indivíduo.

Desse modo, a herança psíquica está relacionada à necessidade de transmitir e que é fundamental para a preservação do material psíquico para as gerações posteriores. Contudo, esse material psíquico que nos é transmitido pode limitar ou até mesmo impossibilitar nossa capacidade de transformação, a depender dessas formações psíquicas. Há diversas situações que podem influenciar ou mesmo interromper essa transmissão, dentre as quais já ressaltamos como os lutos não-elaborados, segredos familiares e histórias lacunares.

Isso se deve ao fato, de que o conteúdo transmitido não foi representado, simbolizado e se caracteriza como uma transmissão psíquica transgeracional. Sem essa possibilidade de transformação, estamos diante de processos patológicos, sintomáticos, traumáticos ou mais especificamente de uma transmissão do “traumático”. Nesse sentido, o grupo familiar representado no filme, por não permitir um caráter transformador do

material transmitido, coloca seus membros muito mais em uma condição de escravos, do que de herdeiros dessa transmissão psíquica. O que é determinante nessa condição é justamente o fato desse conteúdo colocá-los em uma situação de subordinação e se fundar em uma organização imposta, inominável e incompreensível.

Esse grupo familiar é um claro exemplo de uma transmissão psíquica transgeracional, pois carecem de uma transcrição transformadora desse conteúdo. Fica bem evidente também que a manutenção do vínculo nesse espaço psíquico de segredos, não-ditos e da não-simbolização é extremamente penoso para cada um dos seus personagens.

Sem muitas possibilidades de preservação dos espaços psíquicos, o risco que se coloca a essas gerações é o de uma compulsão a repetição desses conteúdos não metabolizados. Portanto, se estamos diante de um processo que é um espaço psíquico subjetivo, mas que também se produz na configuração da intersubjetividade, só podemos revê-los se cada um dos seus membros precedentes se haver com a parte que lhe cabe.

Referências

- ANDRÉ-FUSTIER, F. & AUBERTEL, F. A transmissão psíquica familiar pelo sofrimento. In: EIGUER, A. (Orgs) **A transmissão do psiquismo entre as gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica**. São Paulo: Unimarco, 1998.
- BENGHOZI, P. Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situação de crises e catástrofes humanitárias. In: CORREA, O. R. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000.

BENGHOZI. **Malhagem, filiação e afiliação. Psicanálise dos vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social.** São Paulo: Vetor, 2010.

BERENSTEIN, I. **Do ser ao fazer. Curso sobre a vincularidade.** São Paulo: Via Lettera, 2011.

CORREA, O. R. **Os avatares da transmissão psíquica geracional.** São Paulo: Escuta, 2000.

KÄES, R. et al. **Transmissão da vida psíquica entre gerações.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PIVA, A. B. et al. Contribuições Teórico-Técnicas da Psicanálise Vincular na Avaliação de crianças e adolescentes. In: PIVA, A. B. et al. **Psicanálise- Revista da SBP de PA**, v. 15, n.1, p. 161-170, 2013.

TRACHTENBERG, A. R. C. Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. In: TRACHTENBERG, A. R. C. et. al. **Transgeracionalidade: de escravo à herdeiro: um destino entre as gerações.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

WEISSMANN, L. **Famílias monoparentais: um olhar da teoria das configurações vinculares.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

WEISSMANN, L. **Psicanálise das configurações vinculares.** Notícias do Campo Psicanalítico. São Paulo: Set/2011.

WEISSMANN, L. **Interculturalidade e vínculos familiares.** São Paulo: Blucher, 2019.

Capítulo 2

ENTRE MÃES E FILHOS: DOR E GLÓRIA DE ALMODÓVAR

Thassia Souza Emidio
Juliana Beatriz Ferreira de Souza

Introdução

Neste capítulo pretende-se empreender uma reflexão e uma discussão acerca do vínculo mãe e filho e suas ressonâncias tendo como disparador o filme *Dor e Glória* de Pedro Almodóvar. Para tanto, será realizada uma retomada de apontamentos de autores da Psicanálise sobre o vínculo estabelecido entre mãe e filho, passando, em seguida, à discussão de aspectos da relação de Salvador com sua mãe em *Dor e Glória*.

A relação mãe e filho foi descrita por Freud (1938/1996, p.222): “Estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores”, assim o autor a considerava como a mais importante das relações na vida de um homem e aquela que tem ressonâncias por toda a vida e por todas as experiências vinculares ao longo desta. Considerando o apontamento de Freud, muitos outros autores do campo psicanalítico dedicaram-se ao estudo do vínculo entre mãe e filho, trazendo importantes contribuições para a compreensão deste.

Ocariz (2002) coloca que o vínculo da mãe com a criança se inicia bem antes do nascimento. Nesse sentido, a criança ocupa um lugar na fantasia dos futuros pais e na

sociedade antes mesmo do seu nascimento. A autora coloca que a criança é marcada por lugares que são prescritos na estrutura do discurso familiar.

A vivência da relação com a figura materna é de grande importância na constituição do indivíduo e esta relação não se estabelece somente com o nascimento, é algo anterior, que perpassa pelos desejos e pela vivência da fase da gestação, como também pela vivência dos primeiros meses de vida, uma vez que a criança, seu desenvolvimento e estabelecimento como adulto estão interligados em relações e significados.

O lugar no imaginário familiar designado para o filho está ligado ao desejo e ao filho que se projeta no futuro, os planos para aquele filho, o sexo, a profissão, os sonhos e o legado familiar deixado para aquela criança vão influenciar posteriormente a sua vida e a sua constituição como indivíduo. Isso decorre, conforme Freud (1914/1996), porque há uma retomada do narcisismo dos pais, como se o revivessem. Ambos se veem diante da oportunidade de proporcionarem ao filho aquilo tudo que eles não puderam ter, e de que o mesmo possa realizar seus desejos que tiveram de ser abdicados (FREUD, 1914/1996). Mas esse lugar imaginário criado para o filho tem início desde antes da existência do sujeito, tendo continuidade no vínculo que será construído em suas relações iniciais.

De acordo com Berenstein (2011), no começo da existência, é como se o sujeito estivesse em situação de uma vida nua, termo mencionado por Agamben. A passagem da vida nua para a humanização é mediada pelas trocas vinculares e pelos processos psíquicos, o que possibilita a inserção do sujeito em uma história e que ele se subjetive (BERENSTEIN, 2011).

Deste modo, Berenstein (2011) assinala que o vínculo consistiria nesse estar juntos da mãe e do bebê na divergência e em ocasionar um encontro, no qual fica implícito que um

próximo encontro poderá acontecer. Contudo, este não será igual ao anterior, uma vez que o trabalho de vínculo será realizado outra vez. É por estarem separados que os sujeitos têm de se vincular (BERENSTEIN, 2011).

Santos e Zornig (2014) colocam que no início da vida o bebê é extremamente dependente dos cuidados maternos, o que implica em uma grande devoção e dedicação da mãe. Winnicott (2012) discute esses aspectos por meio de sua teoria do amadurecimento pessoal e discorre sobre a importância do vínculo entre a mãe e o bebê, colocando que as bases da saúde psíquica do indivíduo são estabelecidas a partir desta relação e dos investimentos que são oferecidos pela mãe a partir da experiência dos primeiros cuidados. O referido autor aponta que nos primeiros momentos da vida o bebê e a mãe vivenciam uma identificação sofisticada, e é por meio desta que a mãe adquire a capacidade de captar as demandas do bebê e de se colocar no lugar do filho, indo então ao encontro de suas necessidades básicas.

Winnicott (1990) denomina de *Preocupação Materna Primária*, um estado de fusão inicial no qual as mães se tornam tão vulneráveis quanto seus bebês e somente aos poucos elas vão saindo dessa condição e sendo liberadas a medida em que o bebê desenvolve mecanismos que lhe permitem diferenciar a mãe de si próprio. Para o referido autor, entrar nesse estado é de grande importância, uma vez que é a partir dele e dos cuidados ofertados por uma *mãe suficientemente boa*, que as necessidades do bebê serão atendidas, o que criará uma ilusão de onipotência. Essa ilusão que o bebê tem de criar o que se necessita, chamada de *Criatividade Primária*, fortalece a sua confiança no ambiente, no seu processo de amadurecimento pessoal.

Ao mesmo tempo em que entrar nesse estado de preocupação materna primária é importante, sair dele também é, pois o afastamento da figura materna promove

uma desadaptação gradativa que permite que o bebê vá reconhecendo sua condição de separado de sua mãe e compreendendo que os dois não são a mesma pessoa. Desse modo, a mãe primeiramente objeto subjetivo passa a ser objetificada e a realidade externa começa a ser apresentada, assim, de forma gradual, o bebê vai se tornando capaz de estabelecer relações objetais, e construindo assim sua capacidade simbólica, pois só é possível simbolizar quando o bebê reconhece o outro – e o mundo – como “não eu”.

No início a mãe é quem nomeia o mundo ao bebê e vai apresentando a realidade externa para ele, ela oferece seu ego como um apoio ao bebê. Nesse processo, tanto a família quanto o ambiente irão exercer influências sobre essa experiência. A partir das experiências de amamentação, do *holding* ou na maneira em que o ambiente é organizado que o bebê é investido e recebe esses investimentos. Falhas nessas experiências podem fazer com que o bebê se sinta desintegrado e reexperimente estados muito primitivos de não-integração.

Retomando as ideias de Winnicott (1988) percebe-se que para o autor, assim como para Freud, a figura da mãe é de extrema importância no processo de constituição do sujeito. Será por meio dos cuidados oferecidos, que quando desempenhados suficientemente bem, que o sujeito é possibilitado a sentir-se integrado e confiante em relação ao mundo.

Deste modo, Winnicott (1983) subdividiu sua Teoria do Amadurecimento Pessoal em três períodos, sendo eles: Dependência Absoluta, Dependência Relativa e Rumo à independência, sendo que para ele a independência nunca é absoluta. Acerca disso ele aponta que (1983 p. 80): “O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna

relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes”.

Na fase de dependência absoluta, a mãe tem a representação de um ambiente favorável e é muito importante no processo de constituição do “eu” do bebê. O ambiente oferecido pela mãe, através de seus cuidados, não é percebido de forma diferenciada, pois o bebê ainda não tem a capacidade de distinção entre objeto interno e externo, para ele, nesse momento, a mãe e o ambiente em torno dele são a mesma coisa, é como se a mãe fosse uma extensão do seu corpo.

Nessa fase, além da *Preocupação Materna Primária*, discutida anteriormente, outro aspecto importante é o *holding*, que pode ser explicado como uma forma de amor através de uma continência dada pela mãe, de uma sustentação psíquica, que deve ser compatível com as necessidades do bebê. É em função disso que o bebê se torna apto para desenvolver a capacidade de integrar experiências e desenvolver um sentimento de “eu sou”, ou seja, de sentir-se integrado. Assim, para o referido autor, segurar bem a criança auxilia no seu desenvolvimento e contribui para que ela possa amadurecer e sentir-se confiante no mundo que lhe é apresentado.

O autor ao tratar dessa experiência de segurar o bebê, coloca que este é pautado no toque, na escuta, nos cuidados sutis que vão permitindo que o bebê se sinta amado e seguro, este toque é o que permite uma integração entre a psique e o corpo que o referido autor nomeia de “personalização”, pois esse contato físico, nomeado de *handling* é que permite o reconhecimento do próprio corpo e permite que esse processo ocorra de forma organizada. Tal experiência só é possível, segundo Laurentiis (2016) pela capacidade da mãe de envolver-se emocionalmente com o bebê.

No segundo período, o de dependência relativa, o bebê passa a desenvolver meios para que seja possível prescindir do cuidado maternal, porém é justamente esses cuidados que viabilizam essa experiência, a partir do desenvolvimento da confiança no ambiente. Para Winnicott (1983, p. 83), este estágio é de uma “uma adaptação a uma falha gradual dessa mesma adaptação”, ou seja, o bebê pode ter conhecimento de sua dependência, mas pode também se adaptar às falhas da mãe, uma vez que na experiência em que ela cuida dele, nesse mesmo tempo ela está também corrigindo suas falhas. Assim, ao encontrar uma solução imediata para essas falhas o bebê reconhece o seu sucesso.

Esta comunicação é, para o autor, uma comunicação de amor, pois mesmo cometendo erros, ali há um ser humano que se preocupa. É então a falha materna que apresenta ao bebê o princípio da realidade, pois ao falhar a mãe permite que este entre em contato com suas próprias necessidades, o que contribui para o seu desenvolvimento separado de sua mãe. Essa experiência de separação é marcada pelo sentimento de ambivalência, e é justamente este que possibilita a integração nas relações de objeto e possa então fazer a transição para um estado de dependência absoluta para a dependência relativa, onde passa então a investir nos objetos, numa possível relação de confiança com o ambiente, caminhando então rumo à independência.

Winnicott (1983) aponta que é pelo acúmulo de recordações do cuidado, dadas de forma inconsciente, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção de detalhes do cuidado, como o desenvolvimento da confiança no meio, que o bebê desenvolve meios para ir vivendo sem o cuidado real. Assim, ao ter consciência de sua dependência da mãe sente uma ansiedade de separar-se dela, porém é esse processo que o coloca apto a se

diferenciar desta e assim atingir um estágio de distinção entre o eu e o não eu, chamado de *status unitário*, que é a capacidade de sentir-se uma pessoa completa, com interior e exterior, que é capaz de perceber a existência de uma pessoa habitando seu corpo, que é mais ou menos limitada pela pele.

O alcance dessa condição se liga diretamente aos investimentos recebidos de forma suficientemente boa e viabilizam o curso do desenvolvimento. Assim, a identificação com a mãe, o ambiente sustentador e acolhedor e a experiência do *holding* e do *handling*, viabilizam que este se sinta amado, habitando um corpo e que possa reconhecer os objetos externos em um ambiente de confiança e possa então simbolizar e relacionar-se com o mundo de maneira criativa, se relacionando com a sociedade de forma a estabelecer uma relação entre a realidade interna e a externa.

Para Winnicott (1983, p.87) considera-se que o sujeito caminhou rumo à independência quando consegue fazer esse trânsito e que “tenha estabelecido algum padrão que seja uma conciliação entre imitar os pais e assim estabelecer uma identidade própria”.

Winnicott (1993, p.57) também coloca sobre a formação da experiência da triangulação discutida por Freud a partir da teoria do Complexo de Édipo. Para o autor, quando a criança começa a perceber a existência de três pessoas, ela está pronta para estabelecer relações mais complexas, passando por uma vivência que a coloca diante de toda riqueza da experiência humana, podendo então ir gradualmente aumentando o seu círculo de cuidados e de relações, “todos esses círculos, por largos e vastos que sejam, identificam-se ao colo, aos braços e aos cuidados de uma mãe”. (WINNICOTT, 1993, p.71)

Para o referido autor, os pais são a origem de todos os deslocamentos e tudo na vida do sujeito se relaciona com

seus pais, e suas fantasias remetem-se a eles, sendo que o afastamento vai gradualmente se dando com relação ao externo, mas no interior de cada um os pais permanecem vivos, tendo ressonâncias nos modos como estabelecem vínculos e em como se relacionam com o ambiente em que estão inseridos.

Desta forma, pode-se considerar a partir do olhar do referido autor que o vínculo com a figura materna é de grande importância nesse processo, a mãe a partir do cuidado ofertado e da sensibilidade na sua conexão com o filho, podendo falhar e faltar, desempenha um papel de grande importância na sua constituição subjetiva, tendo essa experiência do vínculo mãe e filho, ressonâncias no modo como este constrói sua relação com a realidade, na confiança para estar no mundo e no seu caminhar no processo de amadurecimento pessoal.

Tendo em vista a discussão apresentada, pretende-se refletir sobre o vínculo entre mãe e filho e suas ressonâncias a partir do filme *Dor e Glória* de Pedro Almodóvar.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Dolor y Gloria
Nome Traduzido	Dor e Glória
Gênero	Drama
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Madri, Espanha/ Espanhol
Duração	1h 53min
Direção	Pedro Almodóvar

Dor e Glória é um filme dirigido por Pedro Almodóvar que conta a história de Salvador Mallo, um diretor de

cinema que vive uma crise com sua profissão a partir de uma experiência vivida no passado e que passa por um processo de adoecimento e de necessidade de apoio e cuidado. Nesse cenário o diretor reencontra-se com um antigo ator de um de seus filmes e passa a vivenciar uma experiência com a heroína, como uma forma de aplacar suas dores corporais e o anestesiar. Nesse caminho Salvador passa a relembrar momentos de sua infância, da relação com sua mãe, dos seus primeiros amores e do seu primeiro relacionamento amoroso. O tom do filme é de lembranças e busca por ressignificações, trazendo um Salvador nostálgico em seu sofrimento, mas que em seu caminho retoma o passado como uma forma de compreensão das experiências atuais.

Dor e Glória é o último filme lançado de Pedro Almodóvar e apresenta características peculiares ligadas à vida do próprio autor, trazendo uma tonalidade pessoal para as experiências. Almodóvar e Salvador se confundem em alguns momentos do filme o que fez alguns críticos chamarem esse filme de o mais autobiográfico da carreira do diretor. Apesar dessa proximidade, não será empreendida uma análise articulando vida e obra do diretor, mas sim uma reflexão sobre o vínculo mãe e filho e suas ressonâncias, tendo Salvador e suas memórias como disparadoras desta.

Análise Crítica

Ao assistir *Dor e Glória* muitas sensações são vividas, um dos filmes menos rasgados de Almodóvar traz muitas intensidades ao fazer esse caminho de retomada da vida de Salvador, um cineasta em período de crise que não consegue mais dirigir filmes devido às várias dores que tem pelo corpo e que também se recusa a escrevê-los por não

poder dirigi-los. “*Sem filmar, minha vida perde o sentido. Mas é assim que as coisas estão*”.

O cenário, as cores tão características do diretor, os dilemas internos e a figura da mãe, tão presentes em seus filmes como em *Tudo sobre minha mãe*, *Volter e Julieta*, também se apresentam em *Dor e Glória*. As cenas de dor e angústia são marcadas pela cor azul, enquanto as cenas de desejo, que representam algo dos momentos de glória de Salvador são trazidas em vermelho, laranja, sendo que em alguns momentos elas se misturam, sejam em suas roupas ou no cenário ou se sobressaem a outra, indicando o que está predominando em cada cena.

Porém, *Dor e Glória* traz uma mãe almodovariana, mas com requintes da lembrança vivida, da retomada melancólica do passado vivido, de uma mãe que se teve. A mãe de Salvador é uma mãe das lembranças infantis, lavadeira de beira de rio, cuidadosa com a casa, capaz de transformar uma caverna em um lar habitável, é a mãe do menino letrado que troca cartas e a aprendizagem da escrita pelos serviços de um pedreiro. A mãe de Salvador é a mãe que o transe da heroína traz de volta, numa situação confortante de ser tomado pela experiência de apoio, de afeto, de confiança.

O vínculo de Salvador e sua mãe é pano de fundo de todo o filme, seu pai aparece em poucas cenas no filme. É dito que ele estava no exército, sendo ele quem arruma a caverna para eles morarem. Salvador quase não tem vínculos em sua vida adulta, a não ser por uma amiga, Mercedes que o auxilia com as questões de sua carreira.

Quando é convidado para a exibição de um filme seu que completou 32 anos, Salvador conta para Mercedes que assistiu novamente ao filme pela primeira vez desde seu lançamento e que agora entende a interpretação de um ator com o qual ele se ressentiu por ter feito uma interpretação diferente da que imaginou para o

personagem que criou, dizendo que a mesma está melhor do que antes, ao que Mercedes comenta “*São seus olhos que mudaram, querido. O filme é o mesmo*”. Essa frase, logo no início do filme, falando da mudança de olhar dele para o filme pode ser pensada como uma mudança de olhar de Salvador para sua própria vida, como se fosse uma experiência de retomada, uma busca pelos significados das experiências vividas, um retorno ao passado, um movimento de resgate das experiências. Esses resgates aparecem pelos sonhos e devaneios de Salvador, um movimento no qual ele vai resgatando lembranças de sua vida e estas vão dando outros prismas para que olhe as experiências vividas.

O filme “*El Sabor*”, assistido por ele depois de muito tempo, pode ser pensado como uma alusão a esse olhar para a própria vida, o que se apresenta nas seguintes falas “*Levou 32 anos para eu me reconciliar com este filme*”; “*Tenho curiosidade em ver se o filme sobreviveu a esses 30 anos*”. Tais falas indicam um olhar diferente para sua história, ainda que ela seja a mesma, mas construindo uma outra possibilidade para ela, encontrando algo que antes não era possível.

O reencontro com o ator, com o filme e com a heroína coloca Salvador diante de sua própria história e nesse caminho de retomada, a figura materna apresenta-se como uma lembrança central. As primeiras lembranças surgem para ele antes mesmo do uso da droga, quando ele está em uma piscina e lembra de estar na beira do rio lavando roupas com sua mãe, a memória afetiva daquela experiência é retomada e Salvador aparece feliz nas águas do rio, junto de sua mãe.

A representação dessa lembrança quando ele está dentro da água tentando livrar-se de suas dores, possibilita a conexão com as experiências iniciais com a figura materna, no estágio de Dependência Absoluta discutido

por Winnicott (1983), quando o bebê totalmente dependente de sua mãe, sente-se protegido e amado por esse investimento, em uma ilusão de que só existem os dois e que isso basta. Salvador na cena que relembra, brinca pelas águas tranquilamente, volta sempre perto da sua mãe e a cena apresenta um entorno de calma e tranquilidade, tudo que ele busca naquele momento onde sente-se acometido por diversas dores, é como se a lembrança afetiva fosse resgatada como uma tentativa de retomada do *holding* materno, como se lembrar da mãe o protegesse das experiências de sofrimento que o acometem.

Após essa experiência é que Salvador reencontra uma antiga atriz e assim vai em busca do contato com o ator de seu filme com quem teve um rompimento. Nesse contato ele é apresentado à heroína, e passa então a usá-la como uma forma de se livrar das dores e a vivenciar as “viagens” proporcionadas pela droga. Nessas viagens, em sua maioria, as lembranças são das experiências com sua mãe: a viagem de mudança para próximo de seu pai, o processo de transformação da caverna em um lar, as aulas de alfabetização para o pedreiro e todo o cuidado de sua mãe com ele, buscando que ele tivesse uma boa educação e acesso a condições de vida melhores. As lembranças de Salvador seguem o percurso traçado por Winnicott, é como se ele retomasse as experiências iniciais da dependência absoluta, passasse pelas possibilidades de afastamento da figura materna na dependência relativa e caminhasse rumo à independência.

A lembrança da mãe na água, que pode ser relacionada à essa etapa inicial de investimento baseado na ilusão de unidade, depois a lembrança da viagem quando se mudaram para perto do pai e foram morar na caverna, que pode ser pensada como um fenômeno transicional, a passagem desse estado de dependência absoluta para uma dependência relativa e as atividades de dar aula, escrever cartas para o pedreiro pode ser compreendida como uma

ação de Salvador na sua relação com o mundo, em busca de sua autonomia, no caminho da independência, da sua apresentação como sujeito desejante.

Considerando esse paralelo, pode-se pensar que o cuidado da mãe de Salvador na transformação da caverna em um lar e seu empenho com a educação do menino são partes desse processo de transição e que compõem essa possibilidade de integração entre o psíquico e o somático, parte do processo de personalização descrito por Winnicott (1983) e que como Laurentiis (2016) coloca só é possível pela capacidade da mãe de envolver-se emocionalmente com o bebê.

A caverna - lar dá a dimensão da integração da experiência e do suporte oferecido para que ele se sinta seguro e invista nos objetos em sua integralidade, podendo então dar conta da dualidade presente nessas relações. É como se a caverna tivesse a simbologia do útero, à segurança do vínculo com a mãe e é como se todo esse cuidado da mãe o assegurasse na sua possibilidade de confiar no mundo e investir nas experiências. Pode-se então compreender que quando ele começa a usar heroína, esta o transporta para as lembranças de sua infância, de modo que ele começa a usar a droga constantemente, o que pode ser entendido como uma tentativa de encontrar um *holding*, como mencionado por Winnicott (1983), esse apoio que parece não ter em sua vida carregada de dor.

Porém, ao mesmo tempo em que se pode pensar por esse recorte, pode-se olhar a caverna, assim como o vínculo materno como algo que aprisiona Salvador, como algo que o prende e como se ele só se sentisse seguro estando perto de sua mãe, tanto que todo esse processo de adoecimento e dores alcançam seu auge com a morte desta, colocando então a questão da separação da figura materna a partir da morte desta, instalando-se um processo de luto, o que possibilita pensar que esse percurso de retomada da vida,

de olhar o filme de sua vida, seja parte desse processo de luto, uma elaboração da separação de sua mãe, o que fica evidente na parte final do filme quando ele retoma a lembrança de que pouco antes de morrer, ela contou para Salvador sobre um sonho que teve com uma vizinha do povoado onde eles moravam, dizendo para ele não olhá-la com cara de escritor *“Não, não quero que ponha nada disso em seus filmes. Não gosto que fale das minhas vizinhas, não gosto da autoficção”*. Salvador – *“Cada vez que tenho oportunidade, falo de você, e digo que você e suas vizinhas foram a fonte da minha formação”*.

As vizinhas e a mãe foram então fontes de inspiração de Salvador e suas figuras femininas na ficção; a morte da mãe pode ter sido algo que o desorganizou, deixando-o entregue, absorvido pelas suas dores descarregadas em seu corpo e que o fez também retomar lembranças como uma forma de suporte, mas também como uma forma de ressignificar experiências a partir das lembranças.

Salvador também passeia pelas memórias de dias antes de sua mãe morrer, como em um diálogo marcante entre os dois, em que a dor dela por ter sido deixada de lado é colocada em palavras: *“Você não foi um bom filho”*, ao que ele se espanta e ela afirma outra vez que não.

“Jacinta: Você não me perdoou por recomendá-lo à beata de Paterna. E acho que se vingou por isso. Eu também não queria que você fosse para o seminário, mas éramos pobres”.

Salvador *“É verdade que eu não queria, mas dizer que queria me vingar de você... como pode pensar isso?”*.

Jacinta – *“Depois do Ensino Médio, você foi correndo para Madri. E quando seu pai morreu, te perguntei se não queria que eu fosse viver contigo. Você fugiu da responsabilidade. Disse que levava uma vida que... não dava para compartilhar comigo”*.

Salvador – *“E era verdade, mas não como você entendeu”*.

Jacinta – “Eu o entendi perfeitamente. Estou muito mal das pernas, mas minha cabeça está ótima”.

Salvador – “Quando eu não estava viajando, estava filmando. Você não teria suportado a solidão de um apartamento em Madri. Aquilo não era vida para você”.

Jacinta – “Eu teria cuidado de você. Teria me adaptado, como me adaptei a tantas outras coisas. Mas você não quis... e aquilo me doeu”.

Salvador – “Mãe... lamento muito que nunca tenha sido o filho que você queria. Quando você dizia: “este menino puxou a quem?”, não dizia isso exatamente com orgulho. E eu percebia. Eu falhei com você simplesmente por ser do jeito que sou. Eu sinto muito”.

Esse diálogo entre mãe e filho apresenta questões importantes para a discussão sobre este vínculo. Quando antes da morte a mãe diz que Salvador não foi um bom filho e explica isso por ele não tê-la levado para ficar sempre junto dele e coloca que isso se deve ao fato dela tê-lo mandado para o seminário para que pudesse estudar, ele coloca sobre suas razões e se desculpa por ter falhado com aquilo que ela desejou para ele. Essa fala nos coloca diante de algumas perspectivas: pode-se pensar tanto na dificuldade de vivenciar a separação entre os dois e a infelicidade da mãe com esse afastamento, é como se os filmes fossem o caminho seguido por Salvador rumo à independência, e eles aconteceram após essa possibilidade de estudo encontrada por sua mãe.

Desta forma, ao mesmo tempo em que a mãe de Salvador se separa dele e permite que ele trace o seu percurso, ela se sente abandonada por ele, colocando que ele não foi um bom filho porque se separou dela, porque não permitiu que ela cuidasse sempre dele e ele se desculpa dizendo para ela que ele falhou com ela por ser do jeito que era. Esta frase de Salvador leva à reflexão sobre os projetos construídos pelos pais retomando seu próprio narcisismo

na construção de um lugar para o filho no imaginário familiar (FREUD, 1914/1996).

No caminho da individuação, o sujeito tem de lidar com esse projeto buscando negociações com essa demanda parental e conectando-a aos seus desejos. Quando Salvador diz que ser quem ele era não satisfaz sua mãe e que ele sentia por isso aparecem justamente essas questões, tanto no sentido da sua emergência enquanto sujeito desejante a partir da sua negociação com seu lugar familiar, como também nas dificuldades que se apresentam nesse afastamento do desejo materno e na sua colocação enquanto alguém no mundo dando soluções criativas para esse conflito.

O diálogo entre mãe e filho traz, então, questões ligadas à separação, ao desejo e às mudanças pelas quais esse vínculo passa no caminho do amadurecimento pessoal (Winnicott, 1983). É como se Salvador tivesse feito essa travessia e encontrado soluções criativas para essa experiência, mas a morte de sua mãe o colocou diante da dor da separação e sua retomada do filme de sua própria vida faz parte de todo esse processo de compreensão e ressignificação da experiência.

Após essas lembranças, Salvador se reencontra com Federico, um antigo amor que vai assistir a uma peça que fala da própria história dele e eles tem uma conversa que também traz esse sentido de retomada da experiência. O encontro com Federico é tão intenso que Salvador fala dele como aquele que *“preencheu minha vida como nada ou ninguém... fez até agora”* e decide então largar a heroína e pede que Mercedes o acompanhe ao médico.

Em um dos diálogos com Mercedes, que é a amiga de Salvador que cuida dele nesse momento de crise, sendo possível também fazer uma associação de Mercedes como aquela que oferece o *holding* para ele nesse processo de luto em que uma nova experiência de transição e

amadurecimento se apresentam, ela o incentiva a voltar a escrever, e ele tem então a lembrança de que a mãe não gostava que ele escrevesse sobre ela ou suas vizinhas. Este momento, o da procura de ajuda de Mercedes e do médico e sua volta com a ideia de escrever, um de seus ofícios e um de seus maiores prazeres, se apresenta como uma possibilidade de novo investimento para Salvador, como se esse percurso estivesse sendo ressignificado e ele estivesse então construindo novas possibilidades de luto a partir da separação de sua mãe, imposta agora pela morte desta, acompanhado então não mais pela heroína que o possibilitava as “viagens” ao passado, mas sim imbuído de seu próprio desejo, se reconectando com a realidade externa e com novos investimentos.

Essa passagem pode ser pensada também como um resgate de algo construído nesse vínculo de Salvador com a sua mãe que o permitiram caminhar rumo à independência que e após um momento regressivo frente às experiências desorganizantes que vivenciou, esse consegue, a partir do resgate das experiências com a mãe, se reconectar com sua vida de maneira criativa. Essa vivência só é possível, segundo Winnicott (1983), pela qualidade dos investimentos recebidos de forma suficientemente boa e que viabilizaram o curso do desenvolvimento.

Assim, pode-se considerar que o vínculo de Salvador com sua mãe, o ambiente sustentador e acolhedor e a experiência do *holding* e do *handling*, viabilizam que este se sentisse amado, habitando um corpo e que reconhecesse os objetos como algo no qual ele pode confiar, simbolizar e se relacionar de forma criativa. Assim, entende-se que o período de adoecimento de Salvador, apresentado por quadros de afecções somáticas, pôde ser elaborado a partir da retomada dessa experiência suficientemente boa que

ele teve com sua mãe e que a partir desse resgate ele pode então voltar a se relacionar com o mundo que o envolve.

Tal reflexão se articula à cena quando Salvador vai a uma galeria de arte com Mercedes e reencontra um quadro feito 50 anos antes pelo pedreiro que reformava sua casa em troca de seus ensinamentos. Ele retoma aquele momento em que foi retratado pelo rapaz e de quando o viu nu, sentindo uma grande febre depois, uma febre que pode ser associada aos calores de seus desejos ao vê-lo nu, e ao adquirir o desenho descobre que atrás da pintura havia uma carta que Eduardo lhe deixou em agradecimento.

O encontro com o desenho, com o agradecimento de Eduardo e a lembrança de sua experiência de desejo por ele, levam Salvador a retomar a escrita, a resgatar seus investimentos em sua arte e ele então começa a gravar seu novo trabalho, chamado de “*O primeiro desejo*” (tradução de “*El primer deseo*”).

“*O primeiro desejo*” é um filme que retrata as memórias de sua infância com sua mãe, as vizinhas, e o cenário de seu primeiro desejo. Assim, pode-se pensar que o fato do novo filme falar sobre suas memórias com sua mãe e ter o nome de “*o primeiro desejo*” falando então desse percurso vivido por ele mesmo na relação com ela e a partir da morte dela, apontam sobre um processo de elaboração de Salvador, onde ele busca transformar suas experiências com a mãe no seu novo trabalho, voltando a dirigir não apenas mais um filme, mas também sua vida, como se desse um outro significado às suas experiências, podendo fazer uma ponte entre suas dores e suas glórias, apresentando então sua relação com seu desejo e seu caminho de emergência enquanto um sujeito desejante.

Além disso, ao construir o filme Salvador retoma a cena em que sua mãe pouco antes de morrer, lhe pediu para que a levasse de volta ao povoado, e que ele respondeu: “*Vou cuidar de você dia e noite. Desta vez não*

falharei, mamãe”, porém essa promessa não pode ser cumprida pois ela morreu no dia seguinte, ficando então a ideia da falta, da falha, algo que constitui o sujeito e com a qual constantemente ele tem que lidar. Nesse caminho compreende-se que a retomada dessa lembrança após todo esse processo de ressignificação faz com que Salvador encontre uma saída criativa para essa experiência, como se fazer um filme sobre essas lembranças e sua mãe tenha sido a maneira que ele encontrou de levá-la de volta ao povoado.

Considerações Finais

Diante dos apontamentos teóricos levantados e do filme escolhido para análise sobre o vínculo entre mãe e filho, é possível destacar algumas considerações finais. Percebe-se, tanto a partir de autores da Psicanálise como Freud (1914/1938/1996), Winnicott (1983/1988/1993), Berenstein (2011), quanto pelo filme escolhido o quanto a relação entre mãe e filho, desde a vida inicial deste, é de suma importância para seu desenvolvimento e suas vivências posteriores, bem como os vínculos que irá construir ao longo de sua vida.

Salvador, por meio da retomada de lembranças de sua própria vida, mostra como a relação com a sua mãe o marcou, o constituiu, e lhe serviu de suporte, e o quanto a morte desta fez com que ele se sentisse desamparado em meio às tantas dores físicas e emocionais que acometeram seu corpo.

Salvador retrata a angústia do sujeito ao se deparar com um momento de crise, como se sua vida estagnasse junto com ele e suas dores. Mas, como teve uma mãe que lhe ofertou todo um suporte quando criança pôde guardá-la e recorrer a ela em meio aos seus devaneios e sonhos, conseguindo encontrar conforto nessas lembranças para

lidar com o momento atual de sua vida. Entrar em contato com suas vivências anteriores e oferecer um outro significado para elas, permitiu que ele, mesmo em suas dores, conseguisse colocar sua vida em movimento, tanto na tela, como ao conseguir usar de sua criatividade para olhar sua vida sob outra ótica.

Mas o vínculo entre Jacinta e o filho foi tão marcante para ambos que não apenas ele recorre aos dias tranquilos de sua infância no povoado, pois ela também, pouco antes de morrer, revela estar sonhando com o povoado e que deseja voltar ao mesmo para lá morrer. Nota-se, então que esse movimento de volta ao povoado tanto do filho, como da mãe, representa a ligação dos dois, representa a ilusão, o desejo de voltar a um estado de coisas em que eram um, quase que de completude, de tranquilidade, o que vem pelo resgate de lembranças desse estado em momentos de desamparo.

Contudo, no filme, assim como na vida em geral, tal retomada pode-se dar apenas por meio das lembranças, de formas outras, de onde a importância desse vínculo inicial, de se poder ter tido uma sustentação psíquica durante o período inicial de vida, e também de se poder ter caminhado rumo à independência, de se tornar um sujeito desejante. Isso, pois, depreende-se que são esses aspectos que permitem ao sujeito atravessar seus momentos de crise, elaborar suas vivências, e encontrar uma possibilidade outra para lidar com suas faltas e desejos. No caso de Salvador, a possibilidade encontrada foi retratar suas questões por meio da Arte, sendo a forma dele corrigir a falha com sua mãe, podendo colocar em movimento seu desejo outra vez.

Referências

- BERENSTEIN, I. **Do ser ao fazer: curso vincularidade**. São Paulo: Via Lehera, 2011.
- FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I a v. XXIII
- FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV.
- FREUD, S. (1940 [1938]). Esboço de Psicanálise. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXIII.
- IACONELLI, V. Depressão pós-parto, psicose pós-parto e tristeza materna. **Pediatria Moderna**, v. 1, n. 4, p. 1-6, jul./ago. 2005.
- OCARIZ, M. C. Feminilidade e função materna. In: GURFINKEL, A. C.; ALONSO, S. L. **Figuras Clínicas no mal estar contemporâneo**. São Paulo: Escuta, 2002.
- LAURENTIIS, V. R. F. **Corpo e psicossomática em Winnicott**. São Paulo: DWW Editorial, 2016.
- SANTOS, N. T. G.; ZORNIG, S. A. Primeiros tempos na maternidade: indiferenciação ou intersubjetividade na relação primitiva com o bebê?, **Estilos Clin.**, São Paulo , v. 19, n. 1, p. 78-90, jan./abr. 2014.
- WINNICOTT, D. W. **O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana**. 1º ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. In:
WINNICOTT, D. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução de
Davy Bogomoletz. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. 4ª ed. São Paulo:
WMF Martins Fontes, 1988.

Capítulo 3

DECIFRAR-SE MUTUAMENTE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DA EXPERIÊNCIA AMOROSA NO FILME ME CHAME PELO SEU NOME

Manoel Antônio dos Santos
José Eugênio Valério Pereira
Thaís Yumi Shirane
Vinícius Alvim

Introdução

A literatura e o cinema fornecem elementos preciosos para analisarmos manifestações inconscientes porque, entre outros motivos, as histórias ficcionais refletem aspectos da subjetividade e os efeitos da sublimação da pulsão. Assumindo esse pressuposto teórico, neste estudo tomamos como *corpus* de análise a obra de ficção *Me chame pelo seu nome* de André Aciman (2007/2018), e o filme baseado na obra homônima (*Call me by your name*) de 2017, dirigido pelo cineasta italiano Luca Guadagnino, que transportou para as telas do cinema uma versão adaptada do livro (SPEARS et al., 2017). O trabalho de adaptação ficou a cargo de James Ivory, um veterano cineasta.

Com sensibilidade, o romance acompanha o desenrolar do relacionamento amoroso e gradualmente envolvente de Elio, um adolescente, e Oliver, um rapaz sete anos mais velho. Essa narrativa ficcional foi escolhida por permitir captar com extrema delicadeza as nuances do envolvimento entre os personagens, como uma experiência iniciática fundamental para o desenvolvimento emocional de cada um deles. Tanto o livro quanto o filme

centram-se no relacionamento romântico entre o adolescente Elio Perlman (Timothée Chalamet), de 17 anos, que vive com os pais na Itália, e o jovem assistente acadêmico Oliver (Armie Hammer), de 24 anos, de origem estadunidense. No filme o papel de Elio coube a Timothée Chalamet e o papel de Oliver ficou a cargo de Armie Hammer, que vivem os dois jovens cujas histórias se cruzam tendo por cenário o norte da Itália de 1983. O filme foi aclamado pela crítica especializada, tendo sido considerado como um dos 10 melhores filmes do ano pelo National Board of Review e American Film Institute. Os maiores destaques foram conferidos às atuações, roteiro, direção e música original.

Marco teórico-conceitual

Ao fundar a psicanálise, Freud introduziu uma concepção original e inovadora do psiquismo humano. Para além do caráter revolucionário de sua obra, inseriu uma dimensão transgressiva que marcou uma ruptura epistemológica em relação ao discurso biomédico dominante no campo da sexualidade. Devido a essa marca inovadora, a teoria freudiana da sexualidade infantil causou furor e mobilizou resistência no meio científico do início do século XX (MEZAN, 1985). Parte desse impacto se deve ao fato de que a psicanálise é lastreada fundamentalmente na concepção de que a estrutura psíquica humana é constituída pela organização pulsional. Nessa vertente, é essencial compreender as vias que envolvem a constituição da sexualidade humana para que possamos conhecer a própria estrutura psicológica do ser humano.

Compreender o ser humano à luz da teoria psicanalítica pressupõe dimensionar o protagonismo do desejo sexual na vida psíquica. O método psicanalítico de

investigação parte do pressuposto de que os processos psíquicos são em sua imensa maioria inconscientes, considerando que a consciência é apenas uma fração mínima da vida psíquica e, por conseguinte, o psiquismo é dominado pelas significações sexuais (FREUD, 1905/1996).

A importância que a sexualidade ocupa na psicanálise é tamanha que é possível afirmar que o construto freudiano é firmado sobre ela (ROUDINESCO; PLON, 1998). A noção psicanalítica de sexualidade é singular e transcende os aspectos biológico, anatômico e genital – sem, no entanto, excluí-los – atendendo a uma disposição psíquica universal essencial para a atividade humana. Para (ROUDINESCO; PLON, 1998), “é menos a sexualidade em si mesma que importa na doutrina freudiana do que o conjunto conceitual que permite representá-la: a pulsão, a libido, o apoio, e a bissexualidade” (p. 704). Nesse arcabouço conceitual refinado, a psique é manifestação do conflito entre as tendências sexuais (ou libido, definida como a moção energética da pulsão sexual) e a moral e todo o acervo de normas sociais impostas ao indivíduo por injunção do processo civilizatório.

Ao formular o conceito central de pulsão, Freud assume que está recorrendo a uma abstração metapsicológica para captar seus efeitos estruturantes no psiquismo. Introduce a conceituação de pulsão como entidade mítica: “A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-las, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de as estarmos vendo claramente” (FREUD, 1933/2006, p. 98).

Freud (1923-1925/1996) afirma que só podemos inferir sobre a existência do Inconsciente a partir de seus efeitos, porém nada sabemos sobre ele. Uma das definições possíveis de inconsciente é a de que se trata de um saber

que o sujeito não sabe que sabe. Entretanto, apesar de ser um terreno desconhecido e complexo, o psicanalista reconhece sua importância na constituição da vida psíquica, entronizando tal conceito como eixo estruturante na formulação do método freudiano.

O conteúdo do Inconsciente são as pulsões que nunca chegaram a ser conscientes, acrescidos dos conteúdos que foram excluídos da consciência. Em outros termos, estes últimos seriam resultado das experiências que não foram completamente esquecidas ou perdidas, mas que não são acessíveis diretamente à consciência porque algo (o recalque) as impede de serem lembradas.

A existência de forças psíquicas (pulsões) pode ser entendida com a causa psíquica originária dos fenômenos psíquicos (FULGENCIO, 2002). As pulsões são os equivalentes psíquicos dos estímulos que nascem no interior do corpo. Em vista disso, a pulsão seria nada mais do que a representação psíquica das forças internas que disparam a urgência da ação, sendo um conceito-limite que demarca o psíquico e o somático (FREUD, 1905/1996). Em outros termos, a pulsão seria uma força psíquica que necessita ser descarregada em uma determinada região ou órgão, sendo, portanto, uma excitação que precisa ser expelida (FULGENCIO, 2002). O humano, como ser dotado de desejos, recorre às pulsões como meio de aliviar a tensão produzida pelos desejos, sendo que a gratificação da pulsão pode ser obtida por meio do investimento de diferentes tipos de objeto, adotando uma forma humana, animalesca ou até mesmo de um objeto inanimado.

Freud considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do Inconsciente. O recalque implica no processo que mantém todas as ideias e representações ligadas às pulsões no inconsciente, pois a gratificação pulsional, produtora de prazer, traria prejuízos ao funcionamento psicológico, transformando-se em fonte de

desprazer (ROUDINESCO; PLON, 1998). Portanto, o recalque pode ser considerado como um mecanismo de defesa que protege o aparelho psíquico da exposição constante e contínua ao imperativo das pulsões.

Com o advento da *segunda tópica*, constituída pela divisão tríplice do aparelho psíquico nas instâncias Id, Eu e Supereu, o Id é entendido como o reservatório energético das pulsões, servindo como fonte de energia psíquica primária. É a instância atribuída ao Inconsciente, que contém os determinantes mais profundos da personalidade e seus aspectos mais arcaicos, herdados filogeneticamente. O Supereu, que se desenvolve a partir de uma diferenciação do Eu, atua como juiz ou censor das atividades do Id, regido pelos imperativos dos códigos morais, modelos de conduta, normas e regras sociais internalizadas pela criança no decurso do processo de socialização primária. Origina-se do complexo de Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade dos pais. O Eu, por sua vez, é a instância que se conecta com a realidade externa, sendo, portanto, responsável pela percepção dos estímulos externos. É o mediador do impasse instaurado entre as pulsões do Id e as exigências da realidade externa expressas pelo Supereu.

Nas palavras de Freud (1923-1925/1996, p. 39), o Eu se esforça para fazer valer a influência do mundo externo sobre o Id e os seus propósitos. Empenha-se em substituir o princípio do prazer pelo princípio da realidade. Assim, Eu e Id se contrapõem, uma vez que o Eu seria o representante daquilo que chamamos de razão e senso comum, enquanto que o Id corresponde às paixões e pulsões.

A bissexualidade constitutiva é outro constructo psicanalítico importante como alicerce da abordagem freudiana, partindo do pressuposto de que ela está presente em cada indivíduo (FREUD, 1923-1925/1996). Freud define a bissexualidade como a disposição psíquica

inconsciente própria de toda subjetividade humana, fundamentada na existência da diferença sexual. Assim, a bissexualidade tem relação com a escolha sexual, visto que o indivíduo pode sujeitar-se a: aceitar os dois componentes constitutivos da sexualidade, escolher um dos dois componentes por meio do recalque, ou ainda recusar a realidade da diferença sexual. O fenômeno implica no recalçamento de ambos os sexos em relação a um atributo do sexo oposto: a mulher inveja o pênis, enquanto que o homem suprime uma revolta contra sua própria feminilidade e homossexualidade latente.

O discurso freudiano inicial sobre a sexualidade inaugurou a psicanálise, em sua dupla vertente: teoria e clínica (MEZAN, 2019). A leitura freudiana da sexualidade subverteu o discurso instituído pela sexologia no século XIX no que concerne à homossexualidade. O discurso médico do século XIX classificava os homossexuais como uma variação da categoria de aberração sexual, tendo a degeneração como fator causal segundo von Krafft-Ebing (1894/2012) em seu livro *Psychopathia sexualis*. Para Birman (2018), os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905/1992) teve o mérito de retirar a homossexualidade do registro da aberração sexual e da degeneração. Indo na contramão do discurso psiquiátrico, Freud inseriu a homossexualidade no registro da *perversão*, que em sua teoria se referia a uma vicissitude da libido, que se desviava de sua finalidade genital. Esse novo lugar teórico atribuído à homossexualidade foi um dos desdobramentos da tese freudiana de que a sexualidade humana não visaria à reprodução da espécie, mas seria regulada pelo regime do prazer e do gozo.

Também nessa publicação de 1905 Freud sustenta a noção de sexualidade infantil, fixando o bebê como “perverso polimorfo”. Ao inscrever o recém-nascido no registro perverso polimorfo, Freud demarcava que a

sexualidade é norteadada pela busca do usufruto do prazer e do gozo, e não pelo intento de promover a função procriativa que garantiria a continuidade da espécie, conforme sustentava a sexologia no século XIX. Um dos corolários derivados dessas premissas – revolucionárias para a época na qual discurso freudiano foi enunciado (início do século XX), é a desnaturalização da sexualidade. Outro corolário é o de que não existiria qualquer indício de degeneração na homossexualidade. Freud (1905/1996) evoca a plêiade de ilustres artistas, poetas e escritores do passado, que foram adeptos de práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, para sustentar que os homossexuais apresentam em seu psiquismo a condição da sublimação (FREUD, 1905/1996). Portanto, não poderiam ser considerados degenerados ou psicóticos.

A homossexualidade, para Freud (1905/1996), é melhor compreendida como uma variação no campo da sexualidade normal. Não se trata de uma anomalia da conduta erótica, tampouco uma modalidade de aberração sexual. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) refere-se aos homossexuais utilizando o termo “invertidos” sem qualquer conotação moral, afirmando que o homem homossexual recorre a uma escolha objetal baseada no narcisismo, uma vez que direcionaria sua libido para rapazes que se assemelham a eles próprios, “a quem querem amar tal como sua mãe os amou” um dia (p. 137).

Assim, Freud define o narcisismo secundário como a “atitude resultante da transposição, para o eu do sujeito, dos investimentos libidinais antes feitos nos objetos do mundo externo” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 531). Sabendo que a libido consiste na energia da pulsão sexual, a qual poderia se dirigir a um objeto (libido objetal) ou ao próprio Eu (libido do Eu ou libido narcísica), em *Sobre o narcisismo* Freud (1914/1996) afirma que o caráter narcísico da escolha de objeto reside no fato de o sujeito tomar a si

mesmo como objeto sexual para buscar consumir a descarga pulsional.

O narcisismo está, de certo modo, relacionado com o conceito cunhado por Freud (1915/1996) como operação da *sublimação*. É um processo defensivo responsável por extrair a força primária da pulsão sexual, afastando a libido do objeto sexual e deslocando-a para um alvo não sexual. Com efeito, a sublimação é um mecanismo de defesa que serve, grosso modo, como alívio da pulsão ao atingir certo grau de satisfação sexual. Nessa concepção, a sublimação seria o destino mais criativo e maduro que o Eu pode dar à pulsão sexual. Freud afirma ainda que o desvio da energia libidinal promove a reorientação do investimento pulsional em realizações culturais ou individuais úteis ao grupo social. Outro destino possível da pulsão é a repressão, que implica na inibição voluntária de uma conduta consciente, ou seja, a supressão consciente de um conteúdo desagradável. Vale ressaltar que esse conceito difere do recalque, que se refere a uma inibição involuntária.

Na urdidura deste ensaio selecionamos alguns conceitos psicanalíticos, aqui brevemente mencionados, para traçar reflexões sobre a obra *Me chame pelo seu nome*, mas especialmente em sua versão literária. Com esse propósito em mente pretendemos explorar a narrativa ficcional, fixando o foco de análise no par central do romance (Elio e Oliver) e buscando analisar as sutilezas que pontuam o gradual envolvimento amoroso dos protagonistas.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Call me by your name
Nome Traduzido	Me chame pelo seu nome
Gênero	Drama/Romance
Ano	2017
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos, França, Itália, Brasil / inglês, italiano e francês
Duração	2h16min
Direção	Luca Guadagnino

O romance, traduzido para o português como *Me chame pelo seu nome*, foi escrito pelo escritor egípcio André Aciman e publicado em 2007. Posteriormente, a obra foi adaptada para o cinema do livro homônimo, no filme dirigido por Luca Guadagnino (2017), que teve sua primeira exibição no Festival de Cinema de Sundance em janeiro de 2017, com grande repercussão de crítica e público. No livro, a história é narrada em primeira pessoa pelo personagem Elio, de modo que o leitor tem acesso à sua perspectiva dos acontecimentos narrados.

A narrativa se constrói a partir dos acontecimentos do verão de 1983. Elio, um jovem italiano de 17 anos, desfrutava de uma temporada com a família na ampla casa situada em uma região litorânea do norte da Itália banhada pelo Mar Adriático. A casa da família de Elio é uma típica vila italiana cercada por jardins, onde está disposta uma mesa ao ar livre para as refeições. A história se passa na região da Lombardia, na chamada Riveira italiana.

Este é o privilegiado cenário que emoldura a relação de Elio e Oliver. A propriedade usada como locação para as gravações do filme se chama Vila Albergoni, data do século XVI e fica nos arredores de Crema. A pequena cidade fica a

uma hora de carro de Milão. A sedutora paisagem e a temperatura escaldante emolduram os eventos daquele verão de 1983. A trilha sonora do filme inclui duas belas canções originais *Mystery of love* e *Visions of Gideon*, compostas por Sufian Stevens, que com sua delicadeza contribuem para intensificar os elementos de beleza da trama.

Análise Crítica

Hóspedes do verão

Me chame pelo seu nome não é uma história de amor convencional – e não apenas por sua temática homoerótica. O relacionamento dos protagonistas é marcado, de início, pelo distanciamento e estranhamento entre os personagens, que aos poucos se transforma em um relacionamento que transcende – ao mesmo tempo em que não exclui – a dimensão física do amor entre dois homens, no qual se configura a imersão psíquica do apaixonamento no qual os amantes se tornam um a extensão do outro.

Elio inicia um relacionamento amoroso às escondidas com Oliver. O fato de Oliver ser assistente acadêmico de pesquisa de seu pai (Mr. Perlman, protagonizado pelo ator Michael Stuhlbarg) certamente não é de menor importância do ponto de vista da escolha objetual do filho. Elio se liga a Oliver por meio de dois elementos-chave: sua sexualidade emergente e a herança judaica que compartilha com o visitante. O livro é narrado em primeira pessoa por Elio.

Receber hóspedes no verão era o modo como meus pais ajudavam jovens escritores a revisar um manuscrito antes da publicação. Por seis semanas, todo verão, eu tinha que

desocupar meu quarto e me mudar para o quarto ao lado no corredor, muito menor, que um dia pertencera ao meu avô (ACIMAN, 2007/2018, p. 10).

Em uma cena belíssima, que se passa na sala da ampla casa de campo, momento de interiorização no qual os personagens estão semidespidos e sufocados pelo calor da tarde, Elio, torso nu, expõe seu corpo franzino arqueado ao piano ao executar com virtuosismo uma peça de Bach. O diálogo que se segue entre os dois parece exteriorizar a competitividade no plano intelectual entre os personagens. Mas também se nota uma tensão sexual latente entre Elio e Oliver, a partir da discordância que se estabelece entre ambos sobre a peça de Bach tocada por Elio. O desejo de Elio de provocar Oliver ao executar a melodia com diferentes variações ilustra o desejo do adolescente de atrair para si a atenção do visitante. A maneira sutil como a cena evolui indica que não se trata de exibicionismo ou demonstração de virtuosismo como tática de sedução. Afinal, como diz o próprio Elio, cada vez que ele tocava o piano era uma forma de presentear Oliver, dedicando-se exclusivamente a ele. Há ali algo de celebração de uma experiência iniciática, uma profundidade pulsante selada pela música transcendental de Bach, que embala o florescer de um sentimento de admiração e encantamento mútuo.

O contato entre Elio e Oliver é permeado pelo conflito velado entre a necessidade de gratificar as pulsões que estão aflorando com a presença provocativa do outro, mas que simultaneamente são tenazmente reprimidas pelo consciente. Ademais, o jogo de troca de nomes estabelecido entre os protagonistas (e que nomeia a narrativa) elucida o compartilhamento do Eu, em que um personagem se identifica e se vê espelhado no outro, mas que também possibilita dar expressão à satisfação

pulsional da libido narcísica, por meio da extensão de si próprio que se estabelece imaginariamente no outro.

Cercado pelos apelos sensoriais da natureza luxuriante, nos arredores de Crema, Elio seguia o curso de sua vida de jovem de classe média, filho único de um casal formado por pais intelectuais: o pai, professor de cultura greco-romana e a mãe, tradutora, ávida leitora e poliglota. Passava os dias lendo e ouvindo música clássica, nadando para aliviar o calor escaldante da tarde e, ocasionalmente, flertava com sua amiga Marzia (vivida no filme pela jovem atriz Esther Garrel). O protagonista é retratado como um jovem prodígio que recebeu uma educação sofisticada e tem habilidades especiais com línguas e música. Sua formação é cuidada com esmero pelos pais, um casal que aparenta desfrutar de um vínculo conjugal marcado por afinidade e sintonia. Elio domina e fala fluentemente vários idiomas e demonstra aguçada sensibilidade musical. Infere-se que seu processo de educação em meio a uma família intelectualizada corresponde a um nível elevado de exigência, com grande riqueza de informações, mas evidentemente um conhecimento ainda incipiente da vida. De fato, com sua capacidade intelectual superlativa, Elio aparenta ser mais maduro para a idade que tem, porém ele ainda tem muito o que aprender sobre paixão e amor.

É um romance de transição, com suas marcas espalhadas em toda a extensão da narrativa, com a brevidade anunciada das coisas – verão, férias, visita do estudante americano, frutas da terra. Verão é a estação da natureza de interstício, como as férias, com suas tarefas fadadas a terminarem, ritos de passagem que evocam simbolicamente a transição adolescente.

Aditivado pelo calor entorpecedor do verão, os corpos lânguidos de jovens homens e mulheres resplandecem ao sol. Nessa atmosfera tépida, Elio tem suas primeiras experiências sexuais com a jovem amiga

Marzia, com quem trava um curto, porém tórrido relacionamento pontuado pela descoberta erótica em cômodos e lugares ermos. Enquanto isso, a céu aberto, lá fora a vida transcorre na mais absoluta previsibilidade, em uma rotina regada a almoços e cafés da manhã regados com os peixes e frutos locais.

Toda essa aparente estabilidade começa a se alterar com a chegada de Oliver, um jovem americano de 24 anos que se hospeda na residência da família de Elio durante o verão para receber orientação de sua pesquisa de doutorado com o pai de Élio, experiente pesquisador, que tem na arqueologia um de seus interesses principais. Conforme mencionado, a cada verão a família tinha por hábito receber um estrangeiro que passava uma curta temporada em visita.

Elio já estava habituado a essas visitas sazonais. A cada verão os pais recebiam um estudante aspirante a escritor em sua grande propriedade campestre. “Os hóspedes de verão não precisavam pagar nada, podiam usufruir de toda a casa e praticamente fazer tudo o que quisessem, desde que passassem por volta de uma hora por dia ajudando meu pai com sua correspondência e papelada em geral. Eles se tornavam parte da família...” (ACIMAN, 2007/2018, pp. 10-11).

O delicado equilíbrio advindo da sensação de controle proporcionada pela vida estável e rotineira no campo é rompida com a presença perturbadora de Oliver. O forasteiro recém-chegado desperta encantamento e interesse no jovem adolescente, mas, ao mesmo tempo, também aviva um sentimento de rivalidade e disputa pela atenção dos pais. A narrativa tira proveito da tensão despertada por esse jogo inicial entre atração e repulsa entre o filho adolescente do professor e o visitante.

O drama se debruça sobre a trajetória que esses dois personagens percorrem, mostrando a sutil aproximação

que começa a se estabelecer insidiosamente entre os corpos parcialmente desnudos e expostos ao sol incandescente do mar Adriático. Um vínculo que, de início, era distante e frio, marcado por competitividade e certa dose de antipatia mútua, começa imperceptivelmente a sofrer uma mutação, renunciando o que virá, quando aflorar o laço afetivo, ardente e sexual nunca antes vivenciado por Elio.

É interessante pontuar que não se trata de uma paixão à primeira vista. Pelo contrário, o sentimento que primeiro se fez consciente para ambos foi o do estranhamento. Foi preciso traçar um certo percurso até que se descobrissem apaixonados um pelo outro e se entregassem à fruição dessa relação vivida com leveza e a delicadeza de uma experiência inaugural. A obra se alicerça naquilo que é a base constituinte do ser psíquico, a sexualidade, a partir da vertente da bissexualidade de Elio e Oliver.

A relação entre os dois personagens transcende algumas das barreiras que normatizam a expressão do desejo e do comportamento sexual. O envolvimento da dupla ultrapassa os limites físicos e corporais, tendo como fim uma relação em que um sujeito enxerga o outro como uma extensão de si mesmo. Esse movimento fusional possibilita, a princípio, um movimento de dissolução dos dois psiquismos em um só. Nessa mútua absorção, o Eu interseccionado anseia refazer a união perdida em um tempo remoto e mítico do passado. Esse anseio de perder os próprios contornos egóicos e amalgamar-se com o objeto é vivido simultaneamente com júbilo e sofreguidão. Entretanto, tal desejo é obstaculizado e desestabilizado pela resistência intermitente do outro, o que se percebe principalmente no personagem de Oliver, que ora alimenta a fruição da entrega do parceiro, ora reluta em corresponder a seus apelos para além de um certo limite que ele habilmente manipula. Manipula, bem entendido, só

até certo ponto, uma vez que estamos no intrigante terreno do inconsciente, e depois de Freud (1923-1925/1996) se sabe perfeitamente que o Eu não é senhor de sua própria morada, de maneira que, nos jogos do amor e do desejo, não é o Eu/consciente que dá as cartas e muito menos detém a última cartada.

O que se atualiza no arrebatamento amoroso

Na experiência amorosa há reabertura do processo originário, atualizando as repercussões do mito de origem familiar, as vicissitudes do cuidado materno infantil e a demanda por reconhecimento. Há reedição de vivências arcaicas das origens e dos modos de constituição da estrutura subjetiva, mas também a possibilidade de engendramento do novo, da reconstrução subjetiva a partir das vivências de imersão no interjogo amoroso. O que pode contribuir para a superação de impasses ainda não resolvidos do desenvolvimento emocional. Novas respostas podem ser esboçadas frente a antigos dilemas psíquicos, ensejando um reordenamento das heranças psíquicas intergeracionais. É por isso que uma experiência amorosa pode ser tão perturbadora, porque pode desnudar fissuras até então encobertas na estrutura psíquica, ou seja, falhas na constituição precoce de vínculos e suas relações intersubjetivas.

Elio propõe uma liberdade e leveza no trato com o corpo e as experiências sensoriais que Oliver não está habituado a vivenciar. Com isso desperta nele questões que ele só pode permitir viver porque está distante de seu contexto social e familiar. Mas é correto dizer que ambos passam por um processo de desconstrução de determinados crenças assumidas como verdades em sua subjetividade. Os exercícios de sensibilização vêm de

ambos e uma reconfiguração de personalidade, da paisagem interna, se impõe com força surpreendente.

O ser apaixonado sofre com a separação, que seja por uma única noite, do corpo do amado. Aparentemente, Elio é a parte que mais se ressent e sofre, dada sua imaturidade e o ímpeto com que se lança, com todo seu ardor juvenil, à busca da posse plena do objeto. Oliver, por seu turno, aponta o tempo todo para a incompletude do desejo, o que não se faz sem gerar inquietude e desconforto no parceiro. Mostra, assim, que apesar do pacto dos amantes, o desejo jamais se deixa capturar em uma configuração apaziguadora, que aplaca as dores do ser humano de se perceber como um ser de falta, um ser moldado sob o signo da castração.

Em *Me chame pelo seu nome* é possível verificar o conflito entre as instâncias que constituem o aparelho psíquico de ambos os protagonistas, quando o Eu se sente debilitado ao se ver ameaçado pela invasão de derivados pulsionais do Id, ao mesmo tempo em que é pressionado pelo Supereu. A tensão desencadeada pela repressão das pulsões e, ao mesmo tempo, pela rendição a elas, é expressa pela ambiguidade das ações que circunscrevem o contato entre os dois jovens apaixonados.

Nesse contexto, é possível relacionar o padrão de relacionamento estabelecido pelo jovem casal com um duelo entre as partes integrantes do aparelho psíquico de cada um, que depende do tipo de resolução que ambos oferecem para preservar o aparelho psíquico. Isso é importante porque o conflito perpétuo entre Eu, Id e Supereu dividem o Eu, enfraquecendo-o e levando a prejuízos no processo de adaptação ativa à realidade. Assim, estão dadas as condições para a instalação da neurose. O conflito é desencadeado pela necessidade de liberar as pulsões que são despertadas pela presença perturbadora do outro, mas que são constantemente

reprimidas pelo processo de recalçamento. Tal conflito é alimentado pela bissexualidade, que segundo Freud está presente como uma dimensão constitutiva em todo ser humano, e que aparece explicitamente retratada nos personagens Elio e Oliver, que desnudam a libido narcísica projetando sua energia sexual em direção ao outro.

A partir do desfecho descobre-se que Oliver era comprometido com uma mulher, que tinha nessa noiva o elo que o conectava à figura do pai judeu, que dele esperava a continuidade da família com esposa e seus descendentes. Elio, por sua vez, havia se envolvido brevemente com Marzia em uma série de eventos recorrentes de envolvimento afetivo-sexual. Contudo, era um relacionamento menos marcado pela dívida simbólica com a figura paterna, como o de Oliver, tanto que Elio rompeu esse vínculo assim que tomou consciência da força de seus sentimentos por Oliver.

Tanto Oliver quanto Elio são de origem judaica, vertente étnica e religiosa que considera anti-natural o relacionamento afetivo-sexual de dois indivíduos de mesmo sexo. Oliver ornava seu pescoço com um cordão que ostentava um pingente com a estrela de Davi, o que simboliza a forte presença do judaísmo em sua vida. Essa particularidade é observada por Elio, cuja família, apesar de obedecer aos rituais judaicos, não tem sua existência absorvida pela tradição religiosa. Assim, o judaísmo é perceptível com menos intensidade na realidade de Elio, o que fica sugerido pelo fato de que ele não fazia uso do símbolo da estrela de Davi. Isso vai ser ressignificado pela influência, ainda que não deliberada, de Oliver, que faz com que Elio resgate o seu cordão com o símbolo judaico, assinalando o processo de identificação e o desejo de “ser como” o objeto que o inspira.

Ademais, a época retratada no romance (meados dos anos 1980) mostrava-se pouco receptiva às manifestações

de desejos que escapavam dos moldes da heteronormatividade, ainda que os ecos libertários do movimento de Stonewall estivessem presentes. Com base nisso, pode-se compreender a turbulência interna que o despertar da homossexualidade suscitava, em especial em Oliver, em decorrência do ambiente sociofamiliar no qual ele constituiu sua subjetividade. Manteve recalcada em seu inconsciente sua bissexualidade, de modo que o encontro com Elio serviu como disparador de reações sentimentais e de uma eroticidade que a princípio lhe era desconhecida. Por consequência, a narrativa registra vários momentos nos quais a dupla se evita, já cientes da carga incontrolável de desejo libidinal. Por exemplo, o episódio em que Oliver tenta massagear as costas de Elio que, em um movimento defensivo, se esquia do contato físico. Já nessa passagem Oliver já exercia grande influência sobre Elio.

Há um diálogo em que Oliver desabafa: “Assim você não está facilitando as coisas para mim”, o que é sugestivo da batalha que travava consigo mesmo contra a emergência da atração e do desejo que sentia pela figura de Elio, na tentativa de banir o sentimento recém-emergido. Em um momento em que expõe sua fragilidade, Oliver pede, em tom de súplica: “Não podemos fazer isso... eu me conheço. Até agora nós nos comportamos. Ninguém fez nada de que possa se envergonhar. Vamos manter as coisas assim. Quero me comportar.”.

Por “se comportar” Oliver quer dizer que quer fortalecer sua autoproibição e está tentando por todos os meios possíveis evitar agir de acordo com sua organização pulsional, ou seja, censura a gratificação de determinadas pulsões, especialmente as sexuais. As pulsões alojam-se no Id, de forma que são representantes dos estímulos que emanam do corpo (Freud, 1915/1996), situando-se precisamente na confluência mente-corpo. No entanto, o Id também necessita do Eu para atingir a satisfação dos

derivados das pulsões. Portanto, elas sempre se movimentam graças aos seus mediadores que se introduzem no espaço do Eu, os quais configuram representantes da pulsão, isto é, um elemento psíquico composto por uma ideia ocupada por uma determinada quantidade de energia ou carga efetiva.

Freud (1913/1996) estabeleceu que a pulsão é resultado da tensão corporal, que tende a buscar diversos objetos não específicos para lograr a descarga. Se esse movimento for exitoso, há uma descarga pulsional, que possibilita descarregar a tensão acumulada, devolvendo a homeostase ao aparelho psíquico, ainda que essa trégua seja momentânea, uma vez que a pulsão nunca é completamente gratificada (Pestana, 2005).

Elio de certo modo configura, no mundo interno de Oliver, um possível canal para ele finalmente reconhecer e se entregar à especificidade das pulsões sexuais que o habitam, anteriormente latentes e encobertas. Após consumir o primeiro beijo, que deu expressão ao seu desejo por Elio, a tentativa de repressão desse desejo tornou-se mais intensa. Isso os levou a fazerem uma promessa velada de nunca mais protagonizarem cenas como aquela do beijo, o que faz Elio escrever para Oliver um bilhete com uma sentença esmagadora: “Prefiro morrer a saber que você me odeia”, que empareda o parceiro.

A repressão modula tão fortemente o vínculo afetivo entre os jovens que Elio interpreta a censura imposta por Oliver como ódio e indiferença, quando na realidade configurava uma profunda inibição de Oliver em relação ao desnudamento de facetas de sua sexualidade que estavam recalçados no inconsciente. Por conseguinte, a partir do instante em que decidem abrir mão dos escrúpulos neuróticos e se deixar levar pelo desejo que os consumia, a relação que estabelecem é marcada por notória intensidade e vivacidade. A entrega é a celebração da

reconciliação com sua organização pulsional. O sentimento de aceitação de suas próprias pulsões fortalece o Eu, na medida em que possibilita um senso de coesão e de coerência interna. É como fazer as pazes com alguns aspectos de si mesmo, até então rechaçados.

Onde eu estive todo esse tempo?

Após a consumação da relação sexual, Elio se sente profundamente gratificado e exprime seu alívio indagando ao parceiro: “Onde eu estive todo esse tempo?” O que era outro modo de perguntar: “Onde você estava durante minha infância, Oliver?”. Tudo se passa como se tivesse passado todos aqueles anos em coma profundo ou hibernando. Com seus corpos movidos por uma fúria que mal conhecem, perambulam pelos quartos e vãos do casarão ou ocupam o espaço público dançando dentro da noite embriagados de luar, correndo prazerosamente com o frescor de seus corpos, atravessando campos e charcos, nadando em tanques e cachoeiras, em contato direto com a natureza luxuriante. Tudo se transforma em música e dança na coreografia dos amantes que se descobrem aninhados simultaneamente no peito e na mente do outro.

Mas o intervalo de tantos anos decorridos até o despertar desse período de hibernação da pulsão também pode remexer traumas antigos e abrir feridas mal cicatrizadas. Ao tomar consciência de suas moções pulsonais, Elio metaforiza a epifania pessoal que teve, utilizando para expressá-la a imagem do vagaroso despertar de um pesadelo horrível. O pesadelo representa o que antes era um encontro com partes desconhecidas de si mesmo. Ao se deparar com o elemento recalcado, o jovem é imediatamente tomado pela sensação de aversão, formação reativa utilizada como proteção do Eu traumatizado.

O temor de perder o controle sobre seus impulsos, que Elio experimenta após conhecer Oliver, pode ser compreendido como resultado do “enfraquecimento” da ação do Supereu sobre o Eu, o qual passa a atuar com menos rigor em relação ao princípio do prazer que governa o Id. A “tomada de consciência” que abraça Elio na manhã seguinte à primeira relação sexual pode ser analisada como um retorno brusco da rigidez do Supereu. Ter realizado um ato de consumação de um impulso visto como totalmente inapropriado e censurado faz com que haja a emergência da culpa, catalisada pela moralidade exercida pelo Supereu.

O enfrentamento da própria sexualidade recalcada anima a coalizão erótica dos dois parceiros. O desejo recalcado, ao se tornar conhecido, insufla reflexões e questionamentos após a consumação da gratificação sexual, como pode ser visto na passagem: “Como eu tinha permitido que ele fizesse aquelas coisas comigo, e eu tinha participado delas com tanta vontade, e as incentivado, esperado por ele”. A gratificação pulsional nunca é plena ou suficiente, como Freud (1913/1996) concluiu.

Decifrar-se mutuamente

O desenvolvimento do vínculo afetivo-erótico estabelecido pelos amantes guarda uma face invisível: a transitoriedade da presença física dos dois amantes que convivem em um mesmo espaço pelo tempo programado no cronograma de trabalho de Oliver. O provisório já está antecipado desde o dia de sua chegada à casa de campo. A partir do momento em que o par descobre a natureza singular do vínculo que os une e se entrega a momentos de puro deleite, já está implícita a questão da impermanência, embora o casal dela não trate diretamente, por ser prematuro ou pela resistência em nomear o impensável. É uma luta contra o relógio, pois Oliver logo deverá retornar

à sua terra natal situada no outro continente. Dessa maneira, em um cenário em que a paixão homoerótica se alastra em surdina, evitando o olhar de outras pessoas e abastecida pela cumplicidade do segredo, união e separação se impõem em igualdade de forças.

A experiência amorosa é uma oportunidade de dar voz a porções do Eu que ainda não tinham se distinguido/desenvolvido ou ganhado expressão, em carne e pensamento. Dessa forma, dando contornos a/estruturando um Eu que comporta o que sempre foram e que só foi possível descobrir por intermédio do outro, é possível a gratificação parcial dos desejos e demandas do Id, de uma forma socialmente aceita e mais factível. Para Freud (1923-1925/1996, p. 39), o Eu é a parte do Id que foi modificada pela influência direta do mundo externo. Em vista disso, a partir da experiência de enlace erótico vivenciada, eles são convidados a explorar um admirável novo mundo, ainda que por um breve período, embaralhando os conceitos de “certo” e “errado”, “bem” ou “mal”, em razão de se render ao desejo do outro.

A experiência amorosa é uma oportunidade de dar sentido a essas experiências até então inexprimíveis, que no limite podem capacitar o par a se decifrar mutuamente. A possibilidade de um decifrar-se por intermédio do outro é um ingrediente que faz parte do jogo do casal. É parte da relação amorosa tentar mergulhar no mistério do outro.

Ademais, o jogo identitário, que consiste no fato de os dois protagonistas verbalizarem seus nomes próprios para se referirem ao outro, instaura no simbólico o movimento desejante. Faz com que se traduza, pela via do espelhamento, uma fusão que elide momentaneamente a dor da iminente separação de seus corpos e mentes, de modo a imergirem na ilusão de ser um só sujeito com o outro. Assim, se Elio deseja Oliver, a partir desse movimento passa a desejar a si mesmo. Encontrar o outro

é sempre, e a um só tempo, encontrar-se a si mesmo, algo que pai de Elio transmitirá ao filho com todas as letras e de forma particularmente sensível, na comovente cena que ambos protagonizam no sofá da sala, após a partida de Oliver.

[...] Você é demasiado esperto para não saber o quão raro e o quão especial foi o que vocês dois tiveram. [...] Quando menos se espera, a natureza tem formas astutas para encontrar nossos pontos mais fracos. Apenas lembre-se de que estou aqui. Agora pode ser que você não queira sentir nada. Talvez nunca tenha desejado sentir algo e, talvez, não seja comigo que deseje falar sobre essas coisas, mas sentir algo, você obviamente sentiu. Mas se obrigar a ser insensível, assim como não sentir nada, que desperdício! [...] Agora você sente tristeza, dor; não as mate, muito menos a felicidade que você sentiu.

Ao mesmo tempo, encontrar-se nessa dimensão profunda é também perder o outro, no sentido que a psicanálise consagra de que o objeto do desejo é sempre um objeto perdido. O pai revela sensibilidade ao abordar, com tamanha delicadeza, o sentimento de pesar do filho, permitindo que Elio possa reconhecer a natureza particular de seus próprios sentimentos, um passo fundamental para disparar o trabalho de luto.

Considerações finais

Me chame pelo seu nome é uma obra que retrata o mundo de personagens binários, mas não heteronormativos, que se cruzam no interior por uma temporada breve, que propicia a ambos explorar novos desejos. Nesse sentido, descortina um universo inserido em uma dimensão inaugural – do ponto de vista do drama vivenciado pelos personagens, e também do ponto de vista

do espaço geográfico e do tempo histórico que retrata: interior da Itália no início dos anos 1980. Embora não haja qualquer menção ao fenômeno da emergência da Aids na história, esse marco histórico fundamental permanece como pano de fundo. A narrativa não dá relevo a isso, no sentido de que essa circunstância fulcral não “fala alto”, não grita a plenos pulmões, mas está lá de alguma maneira.

Mais de um século depois da publicação dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, em 1905, que separou definitivamente desejo e reprodução, a novidade instituída pelo discurso freudiano sobre a homossexualidade ainda não foi completamente assimilada. Por isso a obra de ficção nos encanta tanto, porque fundamentalmente nos permite vislumbrar que o ser humano não é processo linear, único, pronto e estável, de maneira que em um estado presente pode atuar de uma determinada maneira e, futuramente, a partir de descobertas sobre si mesmo, pode agir de modo contrastante e em franca contradição com suas antigas aspirações, convicções e valores internalizados. Repressão, formação reativa, dificuldade de sublimação parecem ter dado o tom dos entraves presentes no envolvimento de Elio e Oliver. Frequentemente esses mecanismos de defesa estão presentes na clínica psicanalítica com indivíduos da comunidade LGBTQIA+, que podem apresentar dificuldades de se fortalecerem sendo fiéis aos seus próprios sentimentos e desejos, seja por receios de sofrerem represálias, violência e rejeição familiar, seja por autocensura, impulsionando-os a vivências de sofrimento e frustração.

O Inconsciente é o verdadeiro protagonista de Me chame pelo seu nome, ao mostrar que somos constituídos pela alteridade, que o que nos nomeia é o outro. Chamar é evocar o desejo; “me chamar pelo seu nome” equivale a desejar o desejo do outro. Podemos, então, ouvir: “Me

chame pelo seu desejo.” O desfecho da história amorosa de Elio e Oliver se dá com o retorno do último aos Estados Unidos, para concluir seu doutorado e tocar a vida adiante, conforme programara inicialmente. Mas quem eram mesmos os pretendentes? Tudo volta ao ponto de origem ou houve transformação? Um amor de verão, que se anunciava breve e que mal havia começado e já se sabia de antemão que logo teria de enfrentar a provação da distância, assim que as folhas comesçassem a despencar das árvores e a temperatura fosse gradualmente caindo, anunciando a chegada do outono.

Referências

- ACIMAN, A. **Me chame pelo seu nome** (A. Esteche, Trad.). Rio de Janeiro: Intrínseca. (Original publicado em 2018). 2007.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. J. Salomão (Trad.), Vol. 7, pp. 117-229. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: Uma introdução [1914]. In: S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. J. Salomão (Trad.), Vol. 14, pp. 77-108. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes [1915]. In: S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. J. Salomão (Trad.), Vol. 14, pp. 129-162. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- FREUD, S. O Ego e o Id [1923/1925]. In: S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. J. O. A. Abreu (Trad.), Vol. 19, pp. 13-83. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, S. A predisposição à neurose obsessiva [1913]. In: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber): Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. P. C. de Souza (Trad.), Vol. 10, pp. 324-337. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MEZAN, R. O método psicanalítico no texto acadêmico: Três exemplos e algumas observações. In: KUBLIKOWSKI, I., KAHHALE, E. M. S. P. & TOSTA R. M. (Orgs.). **Pesquisas em Psicologia Clínica: Contexto e desafios** (pp. 229-259). São Paulo: EDUC, 2019. Disponível em: https://www.pucsp.br/educ/downloads/Pesquisas_em_Psicologia.pdf

ROUDINESCO, E., & PLON, M. **Dicionário de Psicanálise -V**. Ribeiro & L. Magalhães (Trads.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SPEARS, P., GUADAGNINO, L., GEORGES, E., TEIXEIRA, R., MORABITO, M., & IVORY, J. (Producers), & GUADAGNINO, L. (Director). **Call me by your name**. Angola, Australia, Canada, India, Japan, United Kingdom, United States: Sony Pictures Classics, 2017.

VON KRAFFT-EBING, R. **Psychopathia sexualis: With especial reference to contrary sexual instinct: A medicolegal study** (7th ed.). London, UK: Forgotten Books, 2012. Acesso em: <<https://archive.org/details/PsychopathiaSexualis1000006945>> (Original publicado em 1894).

Capítulo 4

MEDIANERAS: BUENOS AIRES NA ERA DO AMOR VIRTUAL - REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Vinícius Romagnolli Rodrigues Gomes

Introdução

*“A noite abre os seus ângulos de lua
E em todas as paredes te procuro
A noite ergue as suas esquinas azuis
E em todas as esquinas te procuro
A noite abre as praças solitárias
E em todas as solidões eu te procuro
Ao longo do rio a noite acende as suas luzes
Roxas verdes azuis.
Eu te procuro.”*
(Sophia de Mello Breyner Andresen)

Somos buscadores, estamos sempre à procura de algo; a psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939) colocou em relevo essa dimensão desejante do ser humano que tem em seu desejo a pré-condição para toda sua ação. A noção de desejo em psicanálise assume um sentido diferente da Biologia, não devendo, portanto, ser compreendido como satisfação de uma necessidade, mas como um desejo desnaturalizado e inscrito numa ordem simbólica. Esse desejo só pode ser pensado na relação com o desejo do outro, deslizando sempre de objeto em objeto numa série interminável que coloca o sujeito diante de uma satisfação sempre adiada e nunca alcançada (GARCIA-ROZA, 1985). Desejo em psicanálise é desejo daquilo que não podemos possuir; é desejar o desejo. Como aponta Roudinesco

(2019) o desejo “faz parte de um imenso continente onde se misturam amor, felicidade, prazer, gozo, posse, falta, morte, destruição, objeto” (p.94). Freud (1914/2010) considerava que o homem nunca renunciava de fato a nada, buscando substituir uma coisa por outra. Nas palavras de Francisco Daudt da Veiga (1997):

em psicanálise, desejo é o grande motivador das pessoas, aquilo que as impele a amar, a detestar, a construir e a destruir, algo mais desconhecido que conhecido, uma força interior que tem direção, mas nem sempre somos nós que estamos ao volante (VEIGA, 1997, p.149)

O desejo e o amor se alimentam da falta, logo, seria legítimo supor que procuramos para não achar, uma vez que isso nos manteria desejando e, portanto, vivendo. Amamos desejar, mais do que amamos o objeto de nosso desejo. Milan (2018) aponta que o amor traz consigo a solidão, entregando-nos “a uma falta como nenhuma outra, falta que ninguém se não o amado pode suprir e eu próprio não tenho como amenizar” (p.30).

Essa dimensão do descompasso dos humanos com seu próprio desejo é retratada no filme *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual* (Argentina, 2011) do diretor Gustavo Taretto. Talvez a cena mais emblemática do filme seja a da personagem Marina “procurando Wally” e levantando a questão “como encontrar o amor se não se sabe onde ele está?”. Após encontrar Wally nos mais variados cenários e contextos, Marina se depara com a impossibilidade de encontrá-lo na cidade. Podemos pensar que enquanto paixão, o amor é indissociável de um não-saber, apresentando-se como enigma que nunca se deixa decifrar totalmente (MILAN,2018). Mas creio que aqui temos uma questão mais fundamental do filme; Buenos Aires é apresentado como a protagonista, como a cidade

que aproxima e afasta Marina e Martin; a cidade cuja arquitetura retrata aspectos subjetivos dos cidadãos que lá vivem (algo mostrado de maneira magistral nos primeiros minutos de filme).

O próprio título do filme remete a isso; *Medianeras* é o nome dado às paredes sem janelas dos edifícios que por sua proximidade com o edifício vizinho, não permitem a abertura de janelas, aqui já há uma denúncia: a não abertura para o mundo externo e para o outro, bem como a precária experiência de alteridade que marca as relações na Contemporaneidade. *Medianeras* denuncia ainda a solidão urbana; solidão que sentimos quando estamos rodeados de desconhecidos, típica das cidades grandes, nas quais as pessoas se sentem mais seguras entre quatro paredes; é a solidão do *delivery*, da mensagem de texto e do e-mail.

Podemos pensar aqui como aponta Birman (2009) na lógica do *engaiolamento espacial* ou ainda na *lógica do condomínio* como postula Dunker (2015); um tempo dos condomínios fechados, das cercas elétricas, do esvaziamento das praças e espaços públicos, do isolamento que faz com que não conheçamos nem mesmo nossos vizinhos. A “vantagem” desse processo seria justamente se fechar num pretenso mundo idílico e narcísico onde só me relaciono com o outro igual ou com os que pensam como eu, excluindo assim todo espaço para a diferença.

Nos deparamos assim, com outro tema fundamental do filme: a era virtual que parece se configurar justamente como esse “paraíso narcísico” que oferece uma solidão interativa (KARNAL, 2018). O virtual alimenta a ilusão de onipotência ao nos apresentar tudo como disponível como na cena em que Martin elenca os inúmeros benefícios que a internet o traz, possibilitando diversão, trabalho e sexo, por exemplo. Estamos diante de mais uma crítica, a saber: a de que o *Ciberespaço* está assumindo o lugar do outro humano.

É inegável que o mundo virtual se apresenta como mais sedutor do que o mundo real, repleto de frustrações, limitações e finitude. Temos dificuldade de acolher os limites, o que é potencializado pela sociedade de consumo e seu *mundo sem limites* (LEBRUN, 2004); essa dimensão da realidade chega até nós quando a operadora do cartão liga nos oferecendo um limite maior, ou ainda quando buscamos internet ilimitada ou assistimos a propagandas que prometem falar ilimitadamente pelo celular. Se deparar com limites não está, evidentemente, na moda.

No filme, Martin chega a formalizar um encontro com uma mulher que conheceu no mundo virtual, mas logo o encontro se mostra desencontrado, o que é retrato de modo jocoso com a mulher falando uma língua que Martin não compreende. Estamos diante da percepção de que apesar de conectar pessoas mundo afora, o virtual não nos dá garantias de vinculação. Vínculo, aliás, pressupõe presença, toque, afeto. Aqui lanço uma hipótese; o virtual longe de ser um lugar onde podemos nos ancorar subjetivamente, se configura como um “não lugar”, ou seja, como um espaço que ao contrário dos lugares investidos de sentido, tais como as noções de pátria, cidade ou casa, são lugares de trânsito, de passagem, de pouco investimento afetivo; lugares onde a vida transcorre sem que haja um sentimento de pertinência, com rapidez e transitoriedade (AUGÉ, 2012).

Os efeitos da imersão nesse mundo virtual são vários e já os mencionei num estudo prévio (GOMES, 2018): a atrofia da capacidade de simbolização, o desinvestimento objetal, a fixação narcísica e a dificuldade de contato com a realidade são algumas dessas consequências que *Medianeras* apresenta. Na sequência pretendo destacar duas implicações subjetivas desse cenário, a saber: os amores expressos e a solidão.

Vídeo Analisado

Tendo a cidade de Buenos Aires como pano de fundo e personagem, Medianeras retrata a complexidade das relações contemporâneas nas grandes cidades ao mostrar as (des)venturas amorosas de Martín e Mariana, vizinhos e às voltas com términos de relação, ambos tentam lidar com a solidão num mundo virtual, no qual paradoxalmente o distante parece próximo e o próximo, distante.

Tipo de Material	Filme
Título Original	Medianeras
Nome Traduzido	Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual
Gênero	Comédia
Ano	2011
Local de lançamento e Idioma original	Buenos Aires / Espanhol
Duração	1h35min
Direção	Gustavo Taretto

Análise Crítica

Amores expressos e de alta performance

*“Se você diz que me ama, prove.
Impossível, as provas são para os atletas, não para os amantes, que se amam e nada mais.”*
(Carlito Maia)

Quem pode sonhar acordado com tantas coisas para fazer? Em tempos compulsivos (EDLER, 2016) como estes em que vivemos nos faltam os espaços vazios para pensar, indagar, sonhar e desejar. Parece que estamos diante de um amor dessubjetivado (COSTA, 2007) que foi

transformado em algo prático que não incomoda. Será que a dimensão enigmática e o mistério atrelados ao amor já não produzem questionamento num tempo performático que preza pela funcionalidade da relação? A quantidade de *coachs* mundo afora pode ser um sintoma desse culto à performance (EHRENBERG, 2010), que atravessa não só o mundo corporativo, mas todos os relacionamentos de nossas vidas.

Tratar o amor como jogo, dissimular, esconder as verdadeiras intenções, “pagar de descolado”, são questões que chegaram até mim a partir da escuta exercida na clínica em meu trabalho com adolescentes às voltas com suas questões amorosas. Me lembro de um paciente que aos 14 anos se deu conta de que “escolher é perder”, abrir mão de algo; logo ele ponderava dizendo “se não der certo tem outras opções no mercado”. Chamo atenção aqui justamente para essa noção de “mercado do amor” que toma as pessoas como mercadorias que podem ser facilmente trocadas quando não cumprirem mais aquilo que delas se esperam. Um outro exemplo disso pode ser visto no uso de aplicativos como o *Tinder*, onde com apenas três atributos (foto, nome e idade) as pessoas descartam ou não a possibilidade de encontro com alguém. Recorro aqui a Leminski (2017) que ao subjetivar o amor, nos lembra de que ele não é um jogo:

*sorte no jogo
azar no amor
de que me ser
sorte no amor
se o amor é um jogo
e o jogo não é meu forte,
meu amor?*

Em tempos performáticos, devemos cuidar com as exigências tiranas e desmedidas que nos são ofertadas diariamente nas redes sociais. A cena da piscina, onde o pretendente de Marina lhe fornece dicas para “otimizar” seu nado “poupando braçadas” me parece muito representativa da obsessão performática que se faz perceber por todos os cantos. Curiosamente, o mesmo pretendente “fracassa” na condição de amante tempos depois. Amor expresso; num tempo de hedonismo e de tirania da felicidade; amor utilitário, onde mais vale viver o momento do que construir algum projeto e pensar em futuro. O imperativo é fruir esse eterno presente sem memória e não pensar no que virá. O amor no contexto contemporâneo carece do olhar que possibilita sonhar. Sonhar e projetar o futuro fica mais fácil quando compartilhamos a vida com alguém que amamos. Como bem disse Tom Jobim:

*Este seu olhar
Quando encontra o meu
Fala de umas coisas
Que eu não posso acreditar
Doce é sonhar
É pensar que você
Gosta de mim
Como eu de você*

Sociedade da Solidão

*“Solidão é lugar onde podemos ser
nós mesmos sem o olhar do outro”
(Viviane Mosé)*

“Solidão: a doce ausência de olhares”; assim Milan Kundera (2016) define a solidão em seu romance *A Imortalidade*. Entretanto, na sociedade contemporânea

vivemos o paradoxo da sociedade da solidão; as redes sociais podem aprofundar o isolamento de alguém e fazer com que o distante esteja próximo na mesma medida que o próximo esteja distante. *Medianeras* retrata esse cenário com maestria. A solidão é uma das faces da castração da qual nos fala a psicanálise; uma experiência simbólica que traz separação, distância e estranhamento em relação a si mesmo. Assim sendo, solidão não é apenas introspecção ou introversão, mas dissolução da própria solidez do ser (DUNKER, 2017).

A solidão pode ser benéfica quando reconhecida; quando cultivamos a solidão estamos cultivando o Outro que nos habita. Isso não significa pensar que “eu não preciso do outro”, mas, sim nos darmos conta de que preciso do outro, mas não absolutamente. Nesse momento a solidão se torna espaço criativo, deixando de ser sentida como experiência deficitária. A essa solidão chamamos “solitude”; a solidão “boa” e necessária, aquela de quando a criança descobre a possibilidade de ficar só, e aprende que sua presença é contingente e não necessária, logo, aprende que ela pode querer e ser querida, algo fundamental para nossa capacidade de amar. Nos dizeres de Karnal (2018) “é apenas na solidão tornada solitude eu consigo um período de mínimo distanciamento para redescobrir quem eu sou e, acima de tudo, quem eu não sou” (p.184).

Dunker (2017) cita vários exemplos de como a solidão pode ser uma experiência enriquecedora, tais como: na filosofia: com meditação grega, o retiro monástico e a introspecção; na arquitetura com os jardins ingleses, átrios, criptas e os escuros do barroco que favoreciam tal experiência; na pintura com os temas da paisagem e o retrato; na poesia com o tema da saudade, desterro e amor inconcluso, ou ainda na literatura, repleta de heróis solitários, como por exemplo: Dom Quixote, Hamlet, Don

Juan, o Flâneur de Baudelaire, Fausto, Robinson Crusoe, Dom Casmurro, etc. Acrescento aqui, mais uma experiência enriquecedora: a análise que para muitos tem início quando paciente e analista podem ficar em silêncio sem cobrir a solidão com palavras vazias.

Agora, falemos da solidão patológica; aquela que é sentida como humilhação social, indiferença, recusa do reconhecimento simbólico do outro, por exemplo não conseguir ir sozinho ao cinema; o fracasso aqui não é o de não conquistar alguém que o acompanhe, mas sim o fracasso em ficar sozinho. As patologias da solidão apontam que estamos em falta com a verdadeira solidão e muitas vezes lançamos mão de falsas experiências de solidão com próteses de experiências de reconhecimento como quando vamos a festas para não nos permitirmos estar sós ou ainda “matamos tempo” em conversas vazias. Estar fazendo alguma coisa pode se tornar um antídoto venenoso contra a solidão; em tempos como os nossos vivemos um ativismo e nos ocupamos de muitas coisas seguindo a cartilha do “homem multitarefa” (HAN, 2015). Se ocupar de si e de tarefas como quem se inspeciona diante do espelho é o oposto da verdadeira solidão; uma vez que o trabalho da solidão é um trabalho de suspensão de si. Como bem disse José Saramago “é preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós”.

Se toda vez que não há nada nos ocupando, pegamos um cigarro, abrimos o *Facebook* ou o *Instagram*? Se quando chega o domingo à noite sentimos vazio e tristeza? Então é hora de tentarmos a solitude, condição imprescindível para o desenvolvimento de autonomia, independência e emancipação. Se tomarmos para análise as personagens de *Medianeras*, veremos que estes em certo momento dizem não ao mundo e para si mesmos, presos no ressentimento que faz com que não consigam se desligar de sentimentos anteriores; assim mesmo estando sozinhos, não estão de

fato sós, pois ressentidos na solidão de seu quarto. Os quadros de fobia social, pânico e agorafobia citados no filme remetem justamente ao fato de que as personagens não conseguem estar diante do olhar do Outro que os rejeita, mas em relação ao qual desejam estar incluídos.

Considerações finais

“A maior solidão é a do ser que não ama” (Vinícius de Moraes)

Cada vez mais encontramos subjetividades em descompasso com o mundo, marcados por uma espécie de errância do desejo e desencontro com o Outro (DUNKER, 2017). Na Inglaterra o estatuto da solidão não poderia ser mais emblemático, tendo sido criado o Ministério da Solidão tendo em vista o alarmante contingente de 9 milhões de britânicos que se queixam desta. (KARNAL, 2018). Outros exemplos disso vem do chamado “isolamento oriental”; fenômenos como *Hikikomori* (solitários em casa) e *Herbs* (aqueles que não se interessam por sexo ou casamento) ou ainda os *neets* (*not in employment, educational and training*, também conhecidos como “nem-nem”). Dunker (op.cit) argumenta que esses perfis fazem uma crítica social eficaz ao nosso modo de vida orientada pelo binômio produção/consumo. Para além da denúncia, creio, no entanto, que são perfis que ao não pedir nem oferecer nada, escancaram o mal-estar contemporâneo e nos lembram de que a impossibilidade de ficar sozinho assim como a de ficar junto com os outros são modalidades de sofrimento.

Freud lembra da metáfora do porco-espinho do filósofo Schopenhauer para retratar o dilema humano; no inverno para sobreviver precisavam se aproximar, porém o excesso de proximidade também poderia mata-los;

solitários somos livres, mas padecemos da falta de amparo, em conjunto sofremos com as diferenças; o desafio seria, portanto, regular essa distância afetiva para o outro de modo a ter o calor necessário sem que os espinhos nos machuquem. A visão que se tem sobre os solitários quase nunca é boa, Karnal (2018) lembra de alguns filmes que retratam isto como *Psicose* (Alfred Hitchcock, 1960), *O Iluminado* (Stanley Kubrick, 1980), *Asas do desejo* (Win Wenders, 1987) e *Náufrago* (Robert Zemeckis, 2000). No entanto, a solidão pode ser iluminadora e criativa como atestam obras da literatura como *A paixão segundo G.H* de Clarice Lispector e *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe.

Se é inegável que a solidão é condição de existência do ser humano no mundo, também o é que a temos tratado muito mal, muitas vezes como sinônimo de abandono. Conviver é fundamental, mas momentos de solidão também são e equilibrar estas duas correntes se faz necessário. Solidão é lugar onde podemos ser nós mesmos sem o olhar do outro. Em nossas vidas, somos atravessados pelo olhar do outro o tempo todo, como nos ensina a psicanálise. De tempos em tempos precisamos questionar esse olhar do outro que nos invade para saber se aquilo que buscamos, desejamos e pensamos é de fato o que se busca, deseja e pensa.

Não falamos, portanto, de uma solidão conectada como a dos *hikikomori*; um tipo de isolamento que aumenta o potencial de uma couraça virtual, tampouco de algo como a vida nos bosques de Thoreau no lago Walden, mas de uma solidão que nos possibilite ouvir a si e ao outro em si e perceber as coisas que o cotidiano empoeirou, questões fundamentais para amar. Não por acaso, Clarice Lispector disse em algum lugar “Todo dia quando acordo, vou correndo desempoeirar a palavra amor”. Amor palavras gasta, banalizada, mas pouco vivida quando não nos permitimos a solitude. Como indaga de modo provocativo

Karnal (2018): *se você não se suporta, quem conseguirá fazê-lo?*

Por fim, creio que a solidão deva ser ensinada e discutida, pois é só aprendendo a ser sozinho que podemos conviver bem e amar. Gostaria de encerrar mais uma vez recorrendo aos poetas que como bem percebeu Freud, chegavam lá nas questões centrais da humanidade antes de nós:

“Que minha solidão me sirva de companhia. Que eu tenha a coragem de me enfrentar. Que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo”.

(Clarice Lispector)

Referências

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

COSTA, G. Amor virtual. In: **O amor e seus labirintos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DUNKER, C. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, C. Solidão: modos de usar. In: **Reinvenção da Intimidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

EDLER, S. **Tempos compulsivos**: a busca desenfreada pelo prazer. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010.

- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo** (1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- GOMES, V. R. R. **Adolescentes na contemporaneidade: desamparo e laços fragilizados em meio aos ideais da sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.
- HAN, B-C. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.
- KARNAL, L. **O dilema do porco-espinho: como lidar com a solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- KUNDERA, M. **A imortalidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- LEBRUN, J-P. **Um mundo sem limites: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- LEMINSKI, P. **Distraídos venceremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MILAN, B. **O que é o amor?** Rio de Janeiro: Record, 2018.
- ROUDINESCO, E. **Dicionário amoroso de psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- VEIGA, F. D. da. **O aprendiz do desejo: a adolescência pela vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Capítulo 5

BLACK MIRROR - ARKANGEL: REFLEXÕES SOBRE NARCISISMO E PARENTALIDADE NO CONTEMPORÂNEO.

Bruna Bortolozzi Maia
Dirceu Duarte Gomes

Introdução

Black Mirror é uma série de origem britânica produzida pela Netflix com episódios independentes, todos com temáticas relacionadas ao uso da tecnologia e suas consequências bioéticas, bem como para o modo como nos relacionamos e como vivemos em sociedade, através de narrativas de ficção científica cujo gênero é o drama. Desta forma, através do referencial teórico da psicanálise, bem como o apoio de autores de outras áreas, trataremos, neste capítulo a respeito do narcisismo, característica das sociedades contemporâneas, implicado na parentalidade.

O termo *parentalidade* é uma concepção recente, criada para ressaltar a ideia de que é uma construção e um processo no exercício da relação dos pais com os filhos, que produz mudanças subjetivas nos pais - através do desejo de ter filhos, da idealização da criança e do contato com ela após o nascimento (ZORING, 2010). Atualmente o conceito é utilizado em diferentes abordagens teóricas para designar este processo que vai muito além da questão biológica, englobando aspectos conscientes e inconscientes, atravessando a história da família e da subjetividade de cada um dos pais, a história do sujeito na

família, bem como o contexto sociocultural (GORIN et. al., 2015).

Entre diversos aspectos deste contexto sociocultural, destacamos aqui o *narcisismo*. Segundo Lasch (1983), a estimulação de desejos infantis, em especial através de anúncios, a diminuição da autoridade parental pelos meios de comunicação de massa e a escola, acompanhadas pela falsa ideia de satisfação pessoal, criam um novo tipo de indivíduo social. Para Lasch (1983) a preocupação do narcisista com sua própria imagem não é o gozo de si, mas uma condição de sobrevivência, adaptação. Seria, assim, um sintoma individual de uma crise própria da cultura, fazendo com que as pessoas atingissem, portanto, não “a plenitude de um ser autêntico, mas seu esvaziamento” (COELHO, 2016, P. 145).

O conceito de narcisismo ganha outro tom na psicanálise. Em “Narcisismo: uma introdução” Freud (1914/2004) aponta o chamado *narcisismo primário* como importante processo para a subjetivação do bebê. Esse é “um estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesma” (LAPLANCHE, 1998, p.290), em um momento no qual a criança é tratada como “Sua majestade, o Bebê”. Nele, as pessoas que cuidam do bebê¹ realizam todos os seus desejos e lhe concedem privilégios que eles mesmos tiveram que renunciar, atribuindo-lhe todas as perfeições, num processo de revivescência do narcisismo infantil. É a partir daí que a criança pode ter uma imagem unificada de si mesma quando o objeto primário se ausenta. (FREUD, 1914/2004). É também neste contexto que ocorre

¹ Aqui quando dizemos ‘mãe’ estamos nos referindo a um/a ou mais pessoas responsáveis pelo cuidado da criança, referentes à função materna, independente de quem (gênero ou parentesco biológico) o faça, representando para o bebê, o objeto primário.

a estruturação do *eu ideal*² na criança, a partir da idealização desta enquanto objeto de investimento narcísico dos pais. (FREUD, 1914/2004; GARCIA-ROZA, 2004).

Portanto, o momento do narcisismo primário é de simbiose da pessoa que exerce a função materna com o bebê. De acordo com Winnicott (1960/2011) há na mãe grávida grande identificação com seu filho, um ‘objeto interno’ da mãe, com muitos significados na sua fantasia inconsciente. Este aspecto da atitude da mãe é denominado por Winnicott de ‘*preocupação materna primária*’, cujo traço mais importante seria esta capacidade da mãe de desviar o interesse de seu próprio self para o bebê. Há uma identificação mútua, como resultado do relacionamento que a mãe possibilita, já que para o bebê nada existe além dele próprio e da mãe. Neste ponto, o “eu sou” não significa nada para o bebê, a não ser que seja juntamente com outro ser humano ainda não diferenciado (WINNICOTT, 2012).

Esta diferenciação só seria possível a partir do *narcisismo secundário*, ou seja, quando já há diferenciação objetual. Isto, por sua vez só poderia ocorrer quando o objeto primário começa a colocar ausências, num esboço da não-onipotência do bebê ao não satisfazer imediatamente seus desejos (FREUD, 1914/2004). Então, a partir destas experiências de desamparo, inicia-se este processo de diferenciação (de desvanecimento da célula narcísica função materna/ bebê), que é, portanto, de extrema relevância para os processos de subjetivação.

Em suma, o narcisismo, a partir deste ponto de vista, é de muita relevância no sentido dos processos de

² Da união da imagem unificada que a criança faz de seu próprio corpo e da revivescência do narcisismo parental forma-se o *eu ideal*, que corresponde ao narcisismo primário (FREUD, 1914/2004; GARCIA-ROZA, 2004).

subjetivação. A ideia é pensarmos nas vicissitudes deste investimento no contemporâneo, entendendo a família, assim como a infância e a parentalidade, como conceitos construídos social e historicamente, e em constante modificação (ARIÈS, 1973).

Roudinesco (2003) afirma que a família contemporânea é uma rede fraterna, sem hierarquia e autoridade, baseada na autonomia individual de cada membro, baseada num “mito de uma humanidade sem interdito, fascinada pelo poder de sua imagem: um verdadeiro desespero identitário” (*ibid*, p. 160). Assim, teria suas bases construídas a partir da busca pela satisfação de cada indivíduo, principalmente após os anos 60, com a crescente valorização do individualismo e da busca pela autonomia (GORIN, et. al, 2015), de forma que os arranjos familiares se dessem, cada vez mais pela história individual e do desejo de cada um do que por um modelo de família nuclear tradicional (KAMMERS, 2006).

Estas questões são essenciais posto que a família constitui-se num grupo de pertencimento e de apoio para a constituição do psiquismo e para a sustentação das identificações da criança. Tal sustentação dar-se-ia através do apoio e da interdição, baseado na assimetria inicial adulto-criança (ROJAS, 2010). Outro ponto expressivo a se destacar é que, apesar de todas as transformações na família, ela ainda ocupa um espaço fundamental para troca afetiva e transmissão simbólica, ou seja, a inserção da criança no mundo simbólico. (KAMMERS, 2006; ROUDINESCO, 2003; ZORING, 2010).

Portanto, o psiquismo familiar auxilia a criança a construir experiências psíquicas próprias e para tal seria necessário que os pais realizem a contenção dos impulsos arcaicos da criança, para que ela metabolize suas angústias e possa definir o limite entre mundo interno e externo (SCHOLZ, et al, 2015). Acrescentando a isto, Janin (2011)

coloca que a constituição de redes representacionais para a criança é possibilitada através da sustentação de um outro, ou seja, de uma pessoa que possa construir um espaço psíquico para ela dentro do grupo primário.

Diante do exposto, da ideia de que vivemos numa sociedade narcísica e entendendo que as representações simbólicas do mundo social, inevitavelmente influenciam o vínculo, inclusive o parento-filial para a constituição subjetiva, refletiremos a partir de Arkangel, sobre as vicissitudes do narcisismo para a parentalidade no contemporâneo.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série: temporada 4 episódio 2.
Título Original	Black Mirror – Arkangel
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama/ficção científica
Ano	2017
Local de lançamento e Idioma original	Reino Unido/ Inglês.
Duração	1h00min
Direção	Charlie Brooker (Criador), Jodie Foster (Diretora)

O episódio do qual trataremos aqui, segundo episódio da quarta temporada, denominado *Arkangel* começa sua narrativa dramática quando a mãe de Sara (personagem principal do episódio) a perde em um parque da cidade. A mãe, desesperada por ter perdido a filha e no intuito de protegê-la, recorre à tecnologia que está em questão neste episódio: um dispositivo, denominado *Arkangel* que consiste em uma espécie de *chip* implantado em Sara no qual a mãe pode, por meio de um *tablet*, ter acesso à sua

localização, informações sobre sua saúde (como batimentos cardíacos, vitaminas, etc.), bem como ver exatamente aquilo que a menina vê. E, além disso, o programa possibilita recursos como ‘limitar visão’, borrando imagens que a mãe considera inadequadas.

Os principais vínculos familiares de Sara são sua mãe e seu avô. Este último, ao ter contato com o dispositivo *Akangel*, é o único que não concorda com a implementação do programa e defende que as crianças eram muito mais livres, e que isto não as tornava menos protegidas. Sara segue se desenvolvendo com o uso do dispositivo *Arkangel*, controlado pela mãe, sem ter acesso a imagens que a assustam (como um cachorro agressivo de sua rua) ou que a deixariam triste (como a face de tristeza de sua mãe).

Ao crescer um pouco, na escola primária, Sara já percebe que não consegue ver determinadas situações e objetos, que passam a despertar sua curiosidade. Não entendendo, a menina começa a apresentar atitudes de agressividade e auto-agressividade, fato que faz com que sua mãe a leve ao psicólogo. Este nota que a menina não consegue distinguir emoções, tais como agressividade, medo ou tristeza, por exemplo, sugerindo que a mãe desligue o *Arkangel*. Seguindo as ordens do especialista, desliga-se o programa e, a partir daí, após uma fase de adaptação, a menina passa a se desenvolver normalmente.

Já adolescente, Sara mente para a mãe em determinada circunstância, e a mãe, no desespero de encontrá-la, reativa *Arkangel*, descobrindo que Sara estava tendo relações sexuais e utilizando substâncias ilícitas. Mesmo ciente do que a menina estava fazendo, a mãe de Sara não conversa com ela, tentando resolver os problemas de sua filha culpando sempre as outras pessoas ao redor e nunca se responsabilizando por seus atos. Ao fim, Sara descobre que estava sendo vigiada e controlada pela mãe, o que lhe desperta reações de fúria e agressividade.

Análise Crítica

Como qualquer boa narrativa dramática este episódio nos desperta muita angústia, em especial em relação ao dispositivo- *Arkangel* - utilizado pela mãe. Isto porque este não deixa de ser uma forma de controle que, sobre a máscara de proteção, sufoca as possibilidades de uma separação saudável de Sara em relação à mãe, bem como a possibilidade de que ela desenvolva mecanismos para lidar com frustrações, a todo custo evitadas por nossa sociedade narcísica, e baseada na satisfação constante. É sobre estas questões que trataremos nesta discussão.

A intenção de proteger as crianças de todas as possibilidades de frustração e de interditos da cultura é uma face do narcisismo aplicada à parentalidade já relatada por Freud (1914/2004), ao afirmar que

também prevalece a tendência de dispensar a criança da obrigação de reconhecer e respeitar todas as aquisições culturais que outrora os pais foram obrigados a acatar em detrimento de seu próprio narcisismo. Também se inclinam a reivindicar, para a criança o direito a privilégios aos quais eles, os pais, há muito, tiveram que renunciar (FREUD, 1914, p. 110).

Esta necessidade incessante de não frustrar as crianças, na ilusão da possibilidade de uma infância sem interditos também é consequência de uma construção social que se inicia com a grande valorização da infância, uma concepção que começa a existir na idade média. Segundo Ariès (1975) é somente com o início dos séculos XIX e XX, que a família converteu a criança em seu centro, girando em torno dela, o que influenciou na redução da natalidade e um novo olhar, mais cuidadoso, sobre este período do desenvolvimento. A modernidade constituiu

um novo lugar para a criança, com novos discursos e exigências, assim como para os pais, que passaram, junto aos discursos médicos e de educação, a ter mais responsabilização por elas.

O imperativo do discurso médico-científico fica claro na tentativa incessante da mãe de Sara de acertar em suas formas de exercer a parentalidade, recorrendo sempre a eles ao tomar decisões sobre a criação da filha. Isto tanto em relação à utilização de *Arkangel*, quanto com seu desligamento. Na compreensão de Lasch (1983), diante da ideia de que psicólogos, pedagogos, médicos, dentre outros, saberiam a forma correta de se educar uma criança, os pais tornar-se-iam inseguros diante de seus filhos, em relação às formas de educa-los. Esta busca por um ideal na educação das crianças³, segundo esta autora, seria um impedimento para que os pais se impliquem nesta tarefa (KAMMERS, 2006).

Ao pensar nessas questões, relacionando-as com o narcisismo, Zanetti (2008) coloca que a criança já se encontra sob os desígnios do amor narcísico parental e, além disso, está inserida numa cultura contemporânea na qual se destacam o individualismo e o narcisismo. A criança estaria, assim, no lugar de um ser ideal que não se pode nunca frustrar e que seria capaz de realizar as frustrações dos pais provenientes do mundo contemporâneo (ZANETTI, 2008). A criança carregaria inclusive, segundo Kehl (2001) a responsabilidade implícita de dar sentido à vida dos pais, que buscam recuperar narcisicamente, à

³ Sempre inatingível, já que não há uma forma correta de educar uma criança. Além disto, as pessoas que exercem as funções paterna e materna para a criança também já foram filhos e, portanto, estão inseridos em sua própria trama intersubjetiva, seu mundo interno, em suma, suas influências psicossociais.

custas dos filhos, sua esperança de perfeição e imortalidade.

Entretanto, os momentos de desamparo e de renúncia da satisfação são de extrema importância para os processos de subjetivação. Observando o lugar do interdito do incesto neste contexto, entendendo que a interdição implica a internalização da castração, compreende-se que existem limites impostos à satisfação nas relações de parentesco. Além disso, faz parte do exercício da parentalidade transmitir a lei que interdita, a fim de humanizar a criança através da experiência da perda da onipotência (GORIN, et. al, 2015), que se inicia com colocações de ausência por parte do objeto-primário.

Estes momentos de ausência não seriam possíveis se a mãe se apresenta numa presença constante, como olho que tudo vê, mesmo quando ausente. Isto fica claro neste episódio já que a mãe de Sara pode ter acesso a tudo o que a filha vê e faz, mostrando-se presente mesmo quando está longe. Um exemplo disto é uma cena na qual a menina pequena está roubando biscoitos no armário e a mãe, mesmo longe, corrige as atitudes da filha, num modelo de controle quase que onipresente.

É interessante notarmos aqui como o controle extremo da mãe apresenta-se para a criança muito diferentemente de uma continência. Em outras palavras, não representa uma ação do objeto primário que possibilita a criança conter e metabolizar suas angústias e, assim, simbolizar seus sentimentos. O excesso de presença, assim como excesso de ausência, impossibilita de que o objeto primário cumpra esta função, já que, segundo Zornig (2018) inviabiliza o trabalho do negativo, ou seja, aquele no qual a ausência do objeto primário se coloca como presença em potencial, permitindo a constituição de limites entre interno-externo e a simbolização.

No episódio, as funções parentais são atravessadas pela tecnologia, o que atualmente tem se tornado uma ferramenta indispensável para as novas formas de estar na sociedade. Destacamos essa inserção das ferramentas midiáticas não como uma crítica, mas para sublinhar que há uma necessidade em entender o papel dessas ferramentas e as funções que são dadas de forma singular em cada relação. Pois, esse contexto criado de forma cênica apresenta uma mãe que não lida com a ausência, além de usar um aplicativo como possibilidade de controlar e se fazer presente de forma onipresente. No entanto, entendemos que essa postura da mãe em relação à filha não é fruto do uso da tecnologia, mas de suas angústias, consequentemente ela se apropria dessa ferramenta para interferir na construção psicológica e social da filha.

Atualmente toda e qualquer ferramenta digital produzida possibilita aos usuários transformarem-na e adaptarem-na para suas necessidades. Então, buscamos trazer a reflexão urgente para uma ética que precisa ser pensada no sentido de regulamentar o uso e as funções que cada um tem dado aos aplicativos e a internet, já que estas transformam também nossas formas vinculares. Uma das principais modificações que a internet incidiu sobre a sociedade foi sobre a forma e o como a comunicação tem sido estabelecida, bem como um imperativo do agir como processo automático, conforme propõe Han (2018).

No lugar da ação, entra a operação. Nenhuma decisão em sentido enfático precede a esta. A excitação ou a vacilação, que seria constitutiva do agir, é percebida como um distúrbio operativo. Ela prejudica a eficiência. Operações são *actomes*, isto é, ações atomizadas no interior de um processo amplamente automático, ao qual falta a amplitude temporal e existencial. (HAN, 2018, p.91).

Defendemos, assim, que uma parentalidade suficientemente boa implica atitudes continentas que permitam a simbolização, por meio do interdito. Entretanto, “este modo de lidar e cuidar de uma criança só é possível se os pais não se encontrarem plenamente mergulhados em meio a projeções narcísicas, próprias da ‘cultura do narcisismo’” (ZANNETI, GOMES, 2011, p. 500). Esta tese corrobora com a de Janin (2011)

Será imprescindível que a criança possa tolerar fraturas narcísicas. Golpes ao narcisismo que resultariam impossíveis se os pais não puderem suportar a queda de ‘Sua Majestade’ ao alcance de criança como outras crianças, se os pais sustentam a si mesmos através deste filho supostamente ideal e consideram a si mesmos como possibilitadores de todos os seus prazeres (JANIN, 2011, p. 26, *tradução nossa*).

O narcisismo parental, implicado nesta relação mãe-filha, portanto é um exemplo de como as projeções narcísicas desta mãe influenciam no desenvolvimento simbólico de Sara. Através do aplicativo, mantém-se este excesso de presença constantemente, já que a ausência da criança se apresenta sempre como desespero e despersonalização para esta mãe. Esta não colocação da ausência e do desamparo pode dificultar na passagem do *processo primário*, que se descreve pela livre circulação de energia no interior de uma rede de representações, de acordo com a lógica do princípio do prazer, para o *processo secundário*, que possibilita a ligação da energia psíquica, possibilitando o adiamento da descarga de energia por meio da elaboração de conflitos ao longo da cadeia de representações (MINERBO, 2019).

Sendo assim, quando se vive um excesso de ausência ou de presença nas etapas iniciais do desenvolvimento, a maturação psíquica não ocorre de forma satisfatória,

levando a dificuldades no estabelecimento de limites, bem como a possibilidade de desenvolvimento de funções simbólicas. Pode-se perceber em “*Arkangel*” que este movimento de simbolização da ausência não tem possibilidade de ocorrer, já que a ausência e os interditos não se colocam, principalmente por esta mãe que parece viver grande angústia de separação na ausência da simbiose. Além disto, privar Sara do contato com o desprazer pode impedir que ela fizesse a passagem do princípio do prazer, experimentado no momento no narcisismo primário momento no qual nossas necessidades pulsionais são satisfeitas, para o princípio da realidade, necessário para a vida social e cultural (FREUD, 1920/1980).

Portanto aqui, a extrema presença da mãe, usando o referencial psicanalítico, seria de uma mãe que não suporta permitir que a filha possa viver as frustrações e deixar de depender do objeto primário – ou seja, trata-se do narcisismo ferido da mãe – que necessita estar presente constantemente na vida da filha para que sua vida tenha sentido.

Considerações Finais

Neste capítulo, buscamos trabalhar três elementos principais da trama. São eles: a) relação familiar, a partir das suas transformações históricas e suas características no contemporâneo; b) os processos de subjetivação e individuação na construção da subjetividade, bem como a influência do narcisismo na parentalidade e a importância da quebra da célula narcísica e da onipotência e, por fim, c) a presença da tecnologia como dispositivo influenciador e constituinte das relações atuais.

Estes temas foram articulados de forma a compreendermos como as transformações históricas em relação à família e a parentalidade afetam os processos de

subjetivação no contemporâneo, em especial no que diz respeito ao narcisismo, já que este, conforme a literatura apresentada, pode influenciar na capacidade dos pais em frustrarem seus filhos e impor a eles os interditos da cultura, necessários para desenvolvimento da função simbólica na criança.

Neste episódio de *Black Mirror*, podemos observar, neste sentido, que a mãe não foi capaz de frustra-la e, assim, realizar os interditos da cultura, já que isso frustraria a própria mãe (KAMMERS, 2006). Este mecanismo se torna ainda mais complexo com o uso da tecnologia, abrindo espaço para uma discussão acerca deste tipo de dispositivos nas formas contemporâneas de subjetivação.

Na visão de Janin (2011), é imprescindível que a criança possa tolerar fraturas narcísicas, o que não é possível se os pais não suportarem a queda de ‘sua majestade’, ao quebrar a onipotência da criança. Faze-lo seria intolerável para os pais porque eles se sustentariam mediante o filho (supostamente ideal) ao possibilitarem à criança todos os prazeres, já que, negar algo implicaria conhecer os limites e dificuldades dos próprios pais. (JANIN, 2011). Em suma, a existência do adulto sustentar-se-ia na imagem ideal da criança, como no caso deste episódio de *Black Mirror*.

Defendemos, diante disto, que uma parentalidade suficientemente boa exige que os pais estejam aptos colocar os interditos da cultura e criar um ritmo de presença/ausência no vínculo com a criança que possibilite a esta, ao longo de seu desenvolvimento, uma construção de si estável, regida pelo princípio de realidade e separada do objeto primário.

Podemos refletir, a partir de tais constatações, que são necessárias ponderações sobre as transformações nas formas de nos relacionarmos no contemporâneo, já que estas se mostram, cada vez mais, atravessadas pelo uso da

tecnologia e pelo narcisismo, conforme aqui apresentamos.

Referências

ARIÈS, P. **A História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

COELHO, D. M. **A fé nos futuros: Um debate sobre o Narcisismo em Christopher Lasch e Sigmund Freud**. In: Amar e si mesmo e amar o Outro. Narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea. Joel Birman, et. al (org). São Paulo: Zagodoni, 2016.

FREUD, S. **“À guisa de introdução ao narcisismo”** [1914]. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Coord geral de trad. L. A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2004.

FREUD, S. **“Além do princípio do prazer”** [1920]. In: O Homem dos lobos e outros textos [1917/1920] - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud - ed. Standard Brasileira. - Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. **“O Mal-estar na civilização”** [1930]. In: O Mal-estar na civilização e outros textos [1930/1936] - Obras psicológicas completas de Sigmund Freud - ed. Standard Brasileira. - Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GARCIA-ROZA, L. A. **Artigos de metapsicologia: 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**, 6ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GORIN, M. C.; MELLO, R.; MACHADO, R. N. e FERES-CARNEIRO, T. **O estatuto contemporâneo da parentalidade**. Rev. SPAGESP [online], v.16, n.2, pp. 3-15, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167729702015000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 maio 2018.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

JANIN, B. **El sufrimiento psíquico en los niños: psicopatología infantil y constitución subjetiva**, 1a ed., Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2011.

KAMMERS, M. As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais. **Estilos da Clínica**, v. XI, n.108 21, pp. 108-125. 2006

KEHL, M. R. **Lugares do feminino e do masculino na família**. In.: A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares. Comparato & Monteiro (orgs). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LASCH, C. **A cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Trad. Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MINERBO, M. **Neurose e não neurose**. 2ª ed. São Paulo: Blucher, 2019.

ROUDINESCO, E. **A Família em Desordem**. [1944]. Trad. André Telles, Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

ROUDINESCO, E., PLON, 1944. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROJAS, M. C. Desamparo y desmentida en la familia actual: intervenciones del analista. **Vínculo [online]**, vol.7, n.2, pp. 2-7, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180624902010000200003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1806-2490. Acesso em 2018-04-18

SCHOLZ, A. L. T.; SCREMIN, A. L. X.; BOTTOLI, C.; COSTA, V. F. da. O exercício da parentalidade no contexto atual e o lugar da criança como protagonista. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte-MG, n. 44, pp. 15–22, dezembro/2015.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. Trad. Jefferson Luis Camargo, 4º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

WINNICOTT, D. W. **'O relacionamento inicial entre a mãe e seu bebê'** [1960]. In: A família e o desenvolvimento individual, 4ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2011.

ZANETTI, S.A.S. **Efeitos da Fragilização dos Papéis Parentais em determinados comportamentos de crianças no ambiente escolar, na contemporaneidade.** Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

ZANETTI, S. A. S. GOMES, I. C. A “fragilização das funções parentais” na família contemporânea: determinantes e consequências. **Temas em Psicologia**, v.19, n. 2, pp.191-502, 2011.

ZORING, S. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, v. 42, n.2, pp. 453-470, 2010.

ZORNIG, S. **Continuidade e Descontinuidade no Processo de Subjetivação do Bebe.** São Paulo: Escuta, 2018.

Capítulo 6

BLUE VALENTINE: REFLEXÕES SOBRE O CASAMENTO E O DIVÓRCIO

Raissa Pinto Rodrigues
Lucas Rodrigues Bento

Introdução

De acordo com a teoria psicanalítica, desde o nascimento até a infância, a relação inicial do bebê com sua mãe se caracteriza como simbiótica, necessária e traz o sentimento de completude. Anos depois, quando a criança passa pelo Complexo de Édipo, ela se identifica com um de seus progenitores ao passo que toma o outro como objeto de desejo. Os vínculos que serão estabelecidos no decorrer da vida de qualquer sujeito estarão, de alguma maneira, diretamente atravessados pelas experiências vividas nas relações primárias do desenvolvimento infantil (FÉRES-CARNEIRO, 1997). Ou seja, em uma relação amorosa revive-se o primeiro vínculo da infância, que muitas vezes foi dolorosamente rompido. Dessa maneira, é comum que os parceiros busquem reviver a onipotência, a simbiose e a necessidade de ser estar sendo sempre contemplado.

Dessa forma, a escolha amorosa está relacionada a vários fatores, desde as relações estabelecidas inconscientemente na infância até a idealização de um amor onipotente do qual se exige ser completo e suficiente. O divórcio ocorre devido ao rompimento entre as características que compõe o outro idealizado e as qualidades que de fato o sujeito possui. Dessa maneira

podemos compreender que há uma dificuldade do parceiro em entrar em contato com a singularidade do outro e que, a partir disso, surge o “estado de irritação” que se caracteriza como a “exteriorização de um forte sentimento de intolerância ao que provém do outro, o não coincidente com o sujeito” (BERENSTEIN, 2011, p.110).

Entende-se, portanto, que enquanto o vínculo e o estar apaixonado prevalecem na relação, satisfazendo-se pelo encontro com o outro na relação ideal, conseqüentemente, ambos fazem uma abdicação em nome da felicidade pelo vínculo estabelecido. Contudo, no estado de irritação, ocorre uma inversão, em função da frustração, quando um no “nós” ou ambos no “nós” se dão conta que o vínculo mãe-bebê não mais poderá ser restabelecido; e assim as singularidades passam a ser atacadas, ou seja, uma incompatibilidade na relação.

A pertinência de tal tema se faz quando se leva em consideração a importância da família na sociedade, que é uma estrutura base e ainda vive no imaginário da grande maioria das pessoas como uma conquista a ser alcançada e como um passo importante durante a caminhada da vida. Por esse motivo, os descontentamentos no casamento são, na maioria das vezes, facilmente descartáveis, pedindo-se a separação e possibilitando um recasamento, sempre na busca pela felicidade conjugal. Tal felicidade idealizada vem atrelada ao amor romântico, um conceito recente e passível de transformação, como concorda Lins (2017):

O amor romântico, que povoa as mentes desde meados do século XX, e pelo qual todos anseiam, prega, como vimos, que duas pessoas vão se transformar numa só, nada mais lhes faltando. [...] Ocorre que estamos no meio de um processo de profunda mudança de mentalidade. A busca pela individualidade caracteriza a época em que vivemos [...]. Cada um quer saber quais são suas possibilidades na vida,

desenvolver seu potencial. O amor romântico propõe o oposto disso; prega que os dois se transformam num só, havendo complementação total entre eles (LINS, 2017, p. 31).

Roudinesco (2003) aponta em seu livro “A Família em Desordem” que o termo família sempre foi definido como um grupo de pessoas ligadas entre si pelo casamento e filiação, ou ainda, pela sucessão dos indivíduos descendentes. Segundo a mesma autora, a família, e consequentemente o modo de formá-la, a partir do casamento, passou por três grandes evoluções na história: partindo da ‘família tradicional’ onde o casamento servia, acima de tudo, para assegurar a transmissão de um patrimônio sem levar em conta a vida sexual afetiva e com total submissão patriarcal, passou para a ‘família moderna’ com o casamento fundado no amor romântico, na reciprocidade dos sentimentos e desejos por uma vida a dois, característica dos séculos XIX e XX, e, por último, para a ‘família contemporânea’, onde o casamento une dois indivíduos em busca de realização sexual, marcando ideais de 1960.

O modo de formar vínculos conjugais diz respeito também a como as desvinculações ocorrem. De acordo com Roudinesco (2003):

O divórcio sempre foi condenado moralmente pelos conservadores, que temiam que sua propagação resultasse na morte da família, na abolição do sentimento da alteridade e, em última instância, no aniquilamento de toda vida social. [...] Foi [o casamento] cada vez mais assimilado a um rito festivo que acontecia não mais como um ato fundador de uma célula familiar única e definitiva, mas como um contrato mais ou menos duradouro entre duas pessoas (ROUDINESCO, 2003, p. 71).

Compreende-se, portanto, que a mutação no modo de se vincular no contexto atual age diretamente na base da família e também nas formas de desligamento do vínculo familiar. O divórcio se faz uma saída para casos em que a relação conjugal não é mais conveniente e feliz, algo que tem ocorrido corriqueiramente. A solidez de uma estrutura tão forte como o casamento tem espantado àqueles que ainda acreditam no amor romântico, pois a separação conjugal se tornou algo corriqueiro e que faz parte da maioria das famílias. Supõem-se inúmeros motivos para que os processos de divórcio tenham aumentado e, considerando o viés psicanalítico, as formas solúveis de vinculação têm dado margem para que se considere e valorize mais a individualidade do sujeito do que a conjugalidade em que ele está inserido, assim como afirmado por Féres-Carneiro (1998):

A constituição e manutenção do casamento contemporâneo são muito influenciadas pelos valores do individualismo. Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 382).

É também por isso que as pessoas geralmente têm dado preferência ao divórcio e ao sofrimento atrelado a ele do que permanecer infeliz em uma relação na qual o individualismo do sujeito está sendo prejudicado, pois “no processo de separação, a identidade conjugal, construída no casamento, vai aos poucos se desfazendo, levando os cônjuges a uma redefinição de suas identidades individuais” (FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 367). Tais percepções acerca da conjugalidade vêm sendo moldadas através de um percurso histórico, que mantém o casamento como uma prioridade, um passo obrigatório

para a constituição de família e para aceitação social, como concorda Lins (2006):

Esperava-se uma esposa dedicada e um marido provedor, não mais que isso, portanto não havia tantas frustrações que motivassem a separação. Mas o casamento por amor, que se generalizou a partir da década de 1940, transformou as expectativas, que passaram a ser de realização afetiva e prazer sexual (LINS, 2006, p. 69).

A concepção de amor romântico, atrelada à onda narcísica, característica do contemporâneo, afeta os indivíduos que têm se preocupado de forma exacerbada com suas próprias idealizações, projetos pessoais e realizações do que com a vida que poderia ser construída através do casamento e por isso, de acordo com Lins (2006):

Ao contrário da época em que, excetuando os casos de intenso sofrimento, ninguém se separava, hoje a duração dos casamentos é cada vez menor. Isso ocorre porque, quando uma pessoa se vê privada das perspectivas que são de alguma forma possíveis, a frustração é inegável (LINS, 2006, p.130).

Segundo o IBGE (2018), o tempo de matrimônio – data do casamento até a data da sentença do divórcio - caiu de 17 para 14 anos entre 2008 e 2018. Além disso, os casos de divórcio aumentaram de 373.216 em 2017 para 385.246 em 2018, apontando para um crescimento nas dissoluções de casamentos.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Blue Valentine
Nome Traduzido	Namorados para sempre
Gênero	Drama/Romance
Ano	2010
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos/Inglês
Duração	2hoomin
Direção	Derek Cianfrance

O filme mostra a rotina de uma família composta pelo casal e a filha pequena. Dean (Ryan Gosling) é brincalhão, não possui trabalho fixo e não se preocupa com suas obrigações. Já Cindy (Michelle Williams) é realista, possui aspirações profissionais e se preocupa tanto com a casa/filha quanto com o trabalho. O filme apresenta inicialmente um conflito no qual a cachorra da família desaparece e é encontrada morta na rodovia. Para lidar com o sofrimento, Dean decide deixar a filha com o avô e passar uma noite em um motel com Cindy, sob o pretexto de descansarem e passar um tempo juntos.

No caminho para o motel, o casal se desentende e parece desencadear a primeira de muitas brigas que surgem no decorrer do tempo em que passam juntos. O filme mostra o presente do casal, mas retoma o passado com muitos flashbacks para a época em que eles se conheceram. Cinematograficamente, as cenas que mostram o passado do casal são leves, com cores vivas e iluminadas, se contrapondo com o presente, em que as cenas são pesadas, com cores escuras e sombreadas. A história de cada um é apresentada até o momento em que eles se conhecem e começam a namorar, o tempo todo

enfatizando as diferenças, como por exemplo, Dean sem aspirações profissionais e Cindy com planos para fazer faculdade. Os flashbacks acompanham do namoro ao casamento, sempre se contrapondo com o presente, onde a relação parece insustentável. Cindy vai embora do motel para o trabalho e não avisa Dean, que quando a encontra começa a última briga do casal. O conflito se estende até o final do filme, onde uma última conversa acontece e resulta no divórcio, encerrando a conjugalidade do casal.

Análise Crítica

Como o filme acompanha a história do casal desde o encontro inicial até o divórcio, podemos perceber as transformações da conjugalidade em diversos momentos. No começo, enquanto as idealizações são correspondidas, ambos estão felizes com a companhia um do outro, vivendo o romance e o nascimento da paixão, que fica claro, por exemplo, quando Dean diz *“sinto que a conheço desde sempre, sinto que ela é diferente e que eu deveria ir atrás dela”*. É possível perceber desde o início do relacionamento, as diferenças individuais, existentes entre Dean e Cindy. Porém, no início do relacionamento, na fase denominada encantamento no qual o vínculo com o outro é interessante por satisfazer as necessidades e idealizações, como concorda Zanetti, Sei e Colavin (2013), tais diferenças não são levadas em consideração, prevalecendo a idealização e a ilusão.

No começo deste percurso [relacionamento], apenas o similar e o parecido são predominantes. Entramos num vínculo pela "porta" da ilusão e somente mais tarde é que a desilusão tende a intervir e a sublinhar em que o outro é diferente. Podemos pensar, a partir de Eiguer (2008), que um vínculo conjugal tende sempre a se iniciar com base

neste modelo de identificação ilusória. (ZANETTI, SEI E COLAVIN, 2013, p.50).

Sendo assim, a relação entre Cindy e Dean se manteve sem maiores conflitos no início. Com a descoberta de uma gravidez não planejada, Dean propôs o casamento, mesmo que o filho não fosse seu, para resolver o conflito que a gestação trouxe e não como um projeto compartilhado pelo casal.

No casamento, a dinâmica da relação do casal se torna diferente. Apesar da possibilidade de perdurar a fase ilusória do apaixonamento, o encontro cotidiano transforma o vínculo, fazendo com que as idealizações, antes satisfeitas, sejam desgastadas. A estabilidade que o casamento propicia faz com que se conheça o outro além das fantasias geradas, que se entre em contato com a alteridade do parceiro e, a partir disso, se aceite o que é diferente de si ou se frustre com a não correspondência das idealizações colocadas no vínculo. De acordo com Lins (2006):

Os divórcios ocorrem com mais frequência por volta do quarto ano de casamento. Os cônjuges ficariam juntos durante os primeiros anos, quando tornam-se pais. Essa época preferencial para o divórcio coincide com o período em que normalmente a paixão chega ao fim, e ambos precisam decidir se vão separar-se ou se continuarão juntos como companheiros (LINS, 2006, p.109).

Como o casamento se constituiu através da parentalidade, Dean conseguiu a família que desejava e buscava, enquanto Cindy renunciou ao seu sonho de crescimento profissional. Ao longo do tempo, essa diferença vem à tona, pois o casamento não é suficiente para oferecer a satisfação necessária e as diferenças

tornam-se impedimentos para a continuidade da vida conjugal. Sendo assim, Dean e Cindy parecem manter o casamento pelo fato de serem pais. Segundo Schneebeli (2011), os casais com filhos não compreendem a diferença entre dissolver o vínculo conjugal e manter o vínculo parental, havendo uma indiferenciação entre eles e ocasionando uma reconsideração da separação por receio de prejudicar a parentalidade.

Porém, o projeto parental e a idealização de Dean não são suficientes para sustentar a relação. Dessa maneira, as diferenças – que sempre existiram – começam a promover desencontros, discussões e brigas, demonstrando que o casal não possuía um vínculo compartilhado necessário para a sua manutenção quando a alteridade se faz presente. Os momentos compartilhados pelo casal durante o filme mostram o quanto um não consegue entrar em contato com outro, prezando pelas satisfações que o vínculo produz e entrando em conflito quando as diferenças entre eles são expostas. Segundo Singly (1993) citado por Féres-Carneiro (1998), a relação conjugal se manterá enquanto for prazerosa para os cônjuges, e valorizar os espaços individuais significa, algumas vezes, fragilizar os espaços conjugais.

O casal, portanto, parecia ter dificuldades em encontrar um denominador comum, em lidar com as expectativas individuais em prol de um projeto conjunto, que não existia. Cindy, não conseguindo mais viver o casamento, começa a se afastar. Féres-Carneiro (2003) aponta que quase sempre o desejo de separação parte das mulheres, enquanto os parceiros desejam manter o casamento. Esse fato acontece porque, segundo Féres-Carneiro (1998):

Para as mulheres, quando a relação conjugal não vai bem, sobretudo na sua vertente amorosa - admiração, intimidade

e sexual - a separação conjugal parece inevitável, tendo em vista que, para elas o casamento é sobretudo “relação de amor”. Para os homens, entretanto, que definem casamento como “constituição de família”, o fato de a relação amorosa não estar bem não é suficiente para justificar o fim do casamento (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p. 383).

Fica clara, no filme, essa questão. Dean preza muito por sua família, enquanto Cindy se volta para suas aspirações pessoais procurando preservar suas idealizações sobre Dean ao invés de lidar com a frustração que seria aceitá-lo como ele é e vice versa, visível no diálogo em que Cindy diz “*É bom em tudo o que faz, não preferia fazer outra coisa?*” e Dean responde “*Tipo o quê? Além de ser marido? De ser um pai?*”. Porém, ambos não desejavam abrir mão de suas individualidades e realizações pessoais em detrimento de uma relação conjugal e por isso, em algumas situações, o divórcio se torna uma possibilidade interessante, pois, segundo Lins (2017), a autorrealização das potências individuais colocou a vida conjugal em novos termos.

Sendo assim, considerando o contexto de mudanças sociais, históricas e políticas que vêm atingindo a organização conjugal e familiar desde o século XIX, o divórcio surgiu como uma possibilidade de desvinculação frente a situações de frustrações e crises no casamento, permitindo aos envolvidos novas configurações familiares, como também complementa Lins (2006):

Agora, devido à importância dada ao desenvolvimento pessoal e à individualidade, observa-se nas pessoas que se separam a partir da segunda metade do século XX a consciência da necessidade de reconstruir uma identidade, de restabelecer novos propósitos de vida (LINS, 2006, p. 130).

Considerações Finais

Segundo Féres-Carneiro (1998, p.380), “o casal contém dois sujeitos, dois desejos, duas histórias de vida que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto e um projeto de vida em comum”. O filme discutido traz consigo a possibilidade de se refletir sobre essa questão, sendo que Dean e Cindy passam a sobrepor suas individualidades acima do que é compartilhado pela dupla conjugal, fazendo com que o casamento não tenha mais sentido já que não se divide nenhum desejo ou projeto de vida.

As mudanças nas relações afetivas podem ser vistas como decorrentes do ideal contemporâneo de casamento, que trouxe um aumento de expectativa sobre a relação e uma exacerbada idealização do cônjuge, provocando tensão e conflito na vida conjugal (SIMMEL, 1971 apud FÉRES-CARNEIRO, 1998). Conforme observado na relação apresentada pelo filme, o casal mantém uma ilusão um para com outro como se ainda fosse possível que ambos correspondessem às idealizações, evidente no diálogo em que Cindy diz “*Você é bom em tantas coisas, por que você não faz nada?*” e Dean responde “*Nos seus sonhos, o que eu faço?*”. Das incontáveis mudanças nas relações interpessoais, algumas passíveis de nomeação são o aumento da preocupação individual e a mudança da posição feminina na sociedade, enfatizadas por Lins (2017):

De uns tempos para cá vem, diminuindo muito a disposição das pessoas para sacrifícios. A maioria busca desenvolver ao máximo suas possibilidades e sua individualidade, evitando manter relações insatisfatórias. Afinal, há muito a ser vivido. O movimento de emancipação feminina e a liberação sexual dos anos 1960 trouxeram mudanças profundas na expectativa de permanência de uma relação conjugal.

Surgiram muitas opções de lazer, para desenvolver interesses vários, para conhecer outras pessoas e outros lugares. (LINS, 2017, p.130).

A psicanálise vincular entende, portanto, que as mudanças sociais transformaram a forma de se vincular e também a forma com que os indivíduos veem a si mesmo e a relação. “Os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um” (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p.381). Contudo, as idealizações e fantasias acerca da conjugalidade se tornam altas e impossíveis de se sustentar, fazendo com que a frustração seja um caminho inevitável e a desvinculação seja necessária quando as concessões feitas se acumulam. O casamento e o cotidiano acabam por desgastar esse imaginário criado e, em contato com a realidade, o casal percebe o quão custoso é aceitar a alteridade alheia. Por isso, para evitar maiores prejuízos à sua individualidade, a conjugalidade é dissolvida, já que a manutenção ou ruptura do casamento está significativamente relacionada com o modo como as dimensões da individualidade e conjugalidade podem se transformar de acordo com a dinâmica do casal (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

As novas formas de vinculação, a autonomia feminina e o exacerbado narcisismo atual transformaram toda a sociedade. O maior controle de reprodução, a inserção cada vez maior no mercado de trabalho e a decadência da submissão feminina contribuem significativamente para que as relações ocorram de formas diferentes das usuais. É necessário entender que o divórcio e os novos arranjos familiares vão fazer cada vez mais parte da sociedade, e é importante reconhecer que todas as formas de vinculação são válidas.

Referências

BERENSTEIN, I. Estados de irritação. In: **Do ser ao fazer. Curso sobre vincularidade**. São Paulo: Via Leterra, 2011. p. 107-122.

BIBLIOTECA DO IBGE. **Estatísticas do Registro Civil 2018**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2018_v45_informativo.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.

FÉRES-CARNEIRO, T. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 351-368, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_art_text&pid=S0102-79721997000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 ago. 2019.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. 1998, vol.11, n.2, p.379-394. ISSN 1678-7153. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.

FÉRES-CARNEIRO, T. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudos de psicologia**, Rio de janeiro, v. 8, n. 3, p. 367-374, ago. 2003.

LINS, R. N. **Novas formas de amar: nada vai ser como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Planeta, 2017.

LINS, R. N.; BRAGA, Flávio. **Separação**. 2 ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2006. 58-130 p.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SCHNEEBELI, F. C. F. **“Com quem os filhos ficarão?”: representações sociais da guarda após a separação conjugal**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 40-97. 2011.

SINGLY, F. **Sociologie de la famille contemporaine**. Paris: Nathan, 1993.

ZANETTI, S. A. S.; SEI, M. B.; COLAVIN, J. R. P. Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade: contribuições da psicanálise sobre a dinâmica conjugal.

Vínculo, São Paulo , v. 10, n. 1, p. 45-54, maio 2013.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902013000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 12 set. 2019.

Capítulo 7

AS COISAS IMPOSSÍVEIS DO AMOR: REFLEXÕES ACERCA DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE MADRASTAS E ENTEADOS

Giovanna Lima Thomazella

Introdução

Para compreender as questões que envolvem as atuais configurações familiares é necessário investigar o percurso histórico de seu desenvolvimento. Roudinesco (2003) destaca três principais períodos para analisar as organizações familiares, a família “tradicional”, a família “moderna” e a família “contemporânea”.

O modelo familiar “tradicional” fundou-se no patriarcado e tinha como função primordial assegurar a transmissão do patrimônio. Em virtude disso, a família “tradicional” exerceu grande influência nos relacionamentos amorosos da época, visto que, com o objetivo de manter os interesses econômicos, o casamento apoiava-se apenas nos desejos familiares. Em contrapartida, a família “moderna” fundamentou-se no próprio desejo dos sujeitos, baseados na ilusão do amor recíproco. Essa configuração familiar baseada na liberdade de escolha amorosa destacou-se também pelo seu caráter nuclear. A família “contemporânea”, fortemente influenciada pelo movimento feminista e alterações no mundo do trabalho, caracterizou-se pela busca de relações íntimas ou pela realização pessoal ao longo de um período relativo. A duração desse modelo familiar associa-se

diretamente aos sentimentos de amor e prazer, esses garantem a sustentação da família “contemporânea” (ROUDINESCO, 2003).

O avanço do movimento feminista, assim como as novas descobertas científicas acerca de métodos contraceptivos e as novas técnicas de inseminação artificial, permitiram a desvinculação entre prazer e reprodução. Isso possibilitou um livre exercício da sexualidade, o que contribuiu para uma maior incidência das dissoluções conjugais (BIRMAN, 2007; OSÓRIO, 2002). Além disso, a modernização da sociedade, a diminuição no tamanho das famílias, a expansão do individualismo e a forma como amor e sexualidade são valorizados culturalmente contribuíram para a denominada “crise do casamento contemporâneo” (FÉRES-CARNEIRO, 2001).

A possibilidade do término do matrimônio sem que tenha ocorrido o falecimento de um dos cônjuges é fato recente na história familiar, sendo concedido esse direito aos brasileiros apenas no ano de 1977 com a regulamentação do divórcio através da Lei nº 6.515/77 (IBGE, 2007).

De acordo com Féres-Carneiro e Magalhães (2011) o divórcio é um processo complexo e em cada família se manifesta de uma maneira diferente, afetando todos os membros de forma individualizada. Esse processo está presente na realidade de muitas famílias brasileiras, visto que as taxas de divórcio aumentaram gradativamente ao longo dos anos, como informado pelo IBGE, o ano de 2017 apresentou 298.676 divórcios concedidos no país, enquanto no ano de 2007 apenas 155.472 divórcios foram registrados (IBGE, 2007; IBGE, 2017).

Com a regulamentação do divórcio, a possibilidade de casar-se novamente foi instituída juridicamente, promovendo a formação das configurações familiares descritas como recasadas. O recasamento representa uma

união na qual pelo menos um dos cônjuges já havia se casado anteriormente e possuía filhos dessa antiga união (GOMES, 2009). Percebe-se que as adversidades enfrentadas por aqueles que decidiram se separar não foram o suficiente para eliminar a vontade de constituir uma nova família. Com isso, evidencia-se que o desejo de recomeçar, de investir em um novo relacionamento é indispensável para o estabelecimento do recasamento (RIBEIRO, 2005). Também é necessário paciência e habilidade para lidar com as dificuldades que podem surgir a partir dessa nova união, pois o recasamento carrega a bagagem emocional proveniente da família de origem, a bagagem emocional do casamento anterior e a experiência emocional do período entre o término do antigo casamento e o começo da nova relação (KUNRATH, 2006).

Alves e Arpini (2017) observam certa ausência de planejamento por parte dos casais recasados e a rapidez com que esses indivíduos se relacionam pode afetar diretamente os filhos do primeiro casamento se o novo casal não conseguir estabelecer uma comunicação clara e não dispuser de um certo tempo para que os filhos consigam incorporar a presença da madrasta ou do padrasto na família. Além disso, as autoras ressaltam que tal rapidez pode ter como consequência um possível aumento de tensão entre os ex-cônjuges e uma desconfiança por parte dos filhos por acreditarem que a madrasta pode ter sido o motivo da separação.

Gomes (2009) aponta que as famílias fundadas a partir de um recasamento representam uma contradição em sua origem, o mesmo sentimento de amor e união que fez com que esse grupo familiar surgisse coincide com o desamor e a raiva, sentimentos responsáveis pela separação de uma antiga família. As famílias recasadas são as representantes mais expressivas das transformações sociais, cada família recasada tem uma estrutura e uma dinâmica específica, que

as tornam únicas e diferentes de qualquer outro tipo de configuração familiar (FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2011).

Por ocasionar mudanças tão complexas e à inexistência de um padrão ou modelo de referência acerca da família recasada, faz-se necessário delimitar as funções de cada membro nessa nova configuração familiar, de forma que fiquem esclarecidas as funções conjugais, parentais e fraternas (GOMES, 2009). Juntamente a tais delimitações de funções, é imprescindível, nesse modelo familiar, “[...] a manutenção de fronteiras permeáveis entre os membros das diferentes famílias, com liberdade de trânsito para os filhos” (FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2011, p. 124).

Enquanto as famílias de primeiro casamento têm seu pertencimento definido por laços sanguíneos, possuindo fronteiras explícitas, a família recasada possui uma estrutura menos definida, menos clara. Na família recasada não há essa simetria existente nas famílias de primeiro casamento, em que todos os membros vinculam-se entre si, pelo contrário, os membros da família recasada não possuem vínculo legal, somente os vínculos afetivos (TRAVIS, 2003). Com isso, a família recasada enfrenta vários desafios, como o sentimento de inclusão/exclusão que madrasta/padrasto pode vivenciar quanto à dinâmica familiar anterior, os conflitos de lealdade que os filhos do antigo casamento podem vir a experimentar, as possíveis dificuldades do novo casal em relação às funções parentais, a criação de uma identidade para essa nova família e, também, a inclusão do ex-cônjuge nos aspectos referentes aos filhos (DANTAS, 2016).

O recasamento pressupõe o ingresso de novos membros no convívio familiar, o padrasto, a madrasta e até mesmo os filhos desses. Por tratar-se de um evento contemporâneo, a função exercida pelo padrasto e pela

madrasta é permeada por grande ansiedade, visto que normalmente eles não possuem um modelo de identificação com o papel que estão assumindo (COSTA; DIAS, 2012).

Kunrath (2006) assinala que além de não terem respaldo sobre o modo de exercer essa função, é esperado das madrastas, devido à questão de gênero, que efetuem as funções do lar e também encarreguem-se dos cuidados com os filhos. Outra questão abordada pelas autoras Alves e Arpini (2017), refere-se à missão de reaproximação da família depositada nessas mulheres, ou seja, o homem acredita que a tarefa de manter e resgatar tais laços pertence à sua nova companheira, transferindo a ela suas responsabilidades parentais.

Em virtude de todas essas questões, muitas madrastas acreditam que a adaptação à situação imposta pelo recasamento é uma obrigação que cabe somente a elas, e que estariam sendo inflexíveis caso fizessem exigências aos enteados (ALVES; ARPINI, 2017a). As madrastas sentem também a necessidade de amar instantaneamente os enteados, pois isso é socialmente esperado em relação ao papel que desempenham. O estereótipo dos contos infantis e essa gama de exigências colocadas para as madrastas contribuem para que esse papel seja considerado ainda mais difícil do que o papel exercido pelos padrastos. Em razão dessas cobranças, a madrasta deve sair “[...] da dicotomia entre a mãe perfeita e a madrasta malvada, criando um lugar singular condizente com sua realidade familiar” (DANTAS, 2016, p. 13).

O laço estabelecido entre madrastas e enteados é de ordem socioafetiva e uma das questões mais conflitivas que transpassa esse laço provém do genitor com quem os enteados residem, muitas vezes a mãe biológica interfere no sentimento do filho pela madrasta, ocasionando o conflito de lealdade (DOLTO, 2003). Travis (2003, p. 49)

aponta “o recasamento de um dos dois ou de ambos faz com que esses conflitos sejam exacerbados. Muitas vezes os sentimentos são desencadeados pela reação dos próprios pais, que buscam cumplicidade de sentimentos nos filhos”.

Variáveis como idade dos enteados, residência principal dos filhos, as circunstâncias do divórcio e o desejo dos envolvidos interferem diretamente na construção desse laço social (KUNRATH, 2006). Além disso, muitas madrastas acreditam que os fatores tempo, respeito ao espaço do outro e paciência são elementos fundamentais para uma boa construção desse vínculo (DANTAS, 2016). Outra questão pertinente ao relacionamento é o apoio simbólico que os pais biológicos oferecem aos seus filhos com relação à madrasta ou padrasto, isso faz com que os novos companheiros se tornem dignos de crédito para os enteados, influenciando positivamente o relacionamento (DOLTO, 2003). Os pais biológicos também são os responsáveis por permitir que a madrasta ou padrasto exerçam maior autoridade na família (ALVES; ARPINI, 2017a). Dessa forma, é possível concluir que os pais podem tanto facilitar quanto dificultar a relação que será construída por madrastas e enteados (DANTAS, 2016).

Mesmo com a complexidade existente entre os enteados e madrastas, a construção de um vínculo afetivo é possível. Dantas et. al (2018) pontua que o vínculo pode ser entendido como um processo, no qual o tempo e o reconhecimento da alteridade do outro atuam como fatores essenciais na constituição dessa díade madrasta-enteado.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Love and Other Impossible Pursuits
Nome Traduzido	As Coisas Impossíveis do Amor
Gênero	Drama
Ano	2011
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América/ Inglês
Duração	2hoomin
Direção	Don Roos

O drama *As Coisas Impossíveis do Amor* retrata a história de uma família descrita como recasada. Emilia é a mais nova associada em um escritório de advocacia, no qual Jack ocupa o cargo de sócio sênior. Os dois se envolvem amorosamente enquanto ele ainda era casado com Carolyn, com a qual tem um filho, William. Ao descobrir que Emilia está grávida, Jack separa-se de Carolyn para casar-se com a amante. No entanto a bebê, Isabel, acaba falecendo logo nos primeiros dias de vida, a causa da morte foi desconhecida e inesperada, caracterizando um quadro de Síndrome da Morte Súbita do Lactente.

A trama é desenvolvida em torno dessa família recasada, o foco recai, principalmente, sobre a relação que vai sendo estabelecida entre a madrasta e o enteado, assim como os conflitos e as dificuldades encontradas pela dupla na construção desse vínculo afetivo. O filme aborda diversos fatores como influentes nessa díade, entre eles a relação estabelecida entre Emilia e Carolyn, que exhibe de forma clara o conflito que se inscreve entre mães e madrastas.

O processo de luto vivenciado pela morte da filha também recebe enfoque no longa-metragem, revelando formas diferenciadas de lidar com essa perda. O filme traz reflexões importantes acerca do fenômeno do recasamento e seus possíveis desdobramentos.

Análise Crítica

A obra cinematográfica possibilita diversas reflexões acerca de situações envolvendo a relação que se estabelece entre madrasta e enteado. Para compreender essa díade, faz-se necessário analisar primeiramente os fenômenos que possibilitam sua existência, isto é, o divórcio e o recasamento.

No longa-metragem, o recasamento é abordado com maior enfoque se comparado ao processo de divórcio, as cenas recaem em sua maioria sobre a nova relação conjugal estabelecida entre Jack e Emilia.

Com relação ao fenômeno do recasamento, é necessário que os novos cônjuges tenham habilidade e paciência para enfrentar as dificuldades que surgirão a partir dessa nova relação, isso porque o recasamento engloba a experiência emocional do casamento anterior e a experiência emocional proveniente da família de origem de cada um dos cônjuges (KUNRATH, 2006). Isso fica evidente no filme quando Emilia tem que lidar com a responsabilidade de ocupar o papel da amante de Jack, o que, por si só, já proporciona certo aborrecimento na ex-esposa Carolyn e do enteado, William. Como apontado por Kunrath (2006), a bagagem emocional das famílias de origem também compõe esse novo relacionamento, observa-se isso quando Emilia revela que seu pai também havia traído a sua mãe e a dificuldade que ela mesma apresentava em aceitar essa falha de sua figura paterna.

As famílias recasadas são as representantes mais expressivas das transformações sociais, ocasionando mudanças complexas, portanto é necessário que as funções sejam esclarecidas, dessa forma os pais biológicos devem separar a conjugalidade da parentalidade (GOMES, 2009). Na obra, Carolyn e Jack não conseguem distinguir a conjugalidade e a parentalidade em alguns momentos, como exposto durante a cena em que Carolyn culpa Emilia pelo fato do filho não ter conseguido uma vaga em uma famosa escola de Nova York. Carolyn, frustrada diante da situação do filho ter sido recusado para uma escola famosa, culpabiliza a madrasta, a separação e o recasamento pela situação, demonstrando não conseguir distinguir a conjugalidade da parentalidade.

Essa dificuldade da mãe também é apresentada ao longo do filme pela atitude de, em momentos destinados aos cuidados e preocupações com o filho, indagar o ex-cônjuge a respeito de seu novo casamento. É notória a interferência da conjugalidade no exercício das funções parentais, uma vez que a nova relação do ex-marido é questionada em um momento em que ambos deveriam preocupar-se com o desempenho escolar do filho.

Na família recasada o pertencimento define-se pelo afeto, não por laços sanguíneos (TRAVIS, 2003). No filme, isso é evidenciado através de um desenho de sua família para um projeto artístico da escola, feito por William, que visava retratar as estruturas familiares. No desenho, retrata sua madrasta, Emilia, e sua irmã, Isabel, num formato de anjo, constatando esse caráter afetivo como determinante para o estabelecimento de laços nesse modelo de família.

Dantas (2016) destaca que devido à complexidade que apresenta, a família recasada enfrenta diversos desafios, sendo o mais recorrente o conflito de lealdade vivenciado pelos filhos do antigo casamento. O conflito de lealdade é evidenciado na relação estabelecida entre William e Emilia,

o enteado não se sentia confortável em estabelecer qualquer tipo de relação afetiva com a madrasta pelo simples fato de que estaria negando seu amor à sua mãe, como se a estivesse traindo. No momento em que Carolyn, não aceita a família retratada pelo filho em seu desenho, pelo fato de nele estarem presentes Emilia e Isabel, é possível compreender essa dificuldade do filho em vincular-se afetivamente à madrasta. Esse conflito de lealdade é evidenciado ao decorrer de todo o filme, William compara, constantemente, Emilia à sua mãe e, só ao fim do filme ele consegue se desvencilhar desse conflito.

O papel das madrastas é permeado por grande ansiedade, e isso se deve tanto devido à inexistência de um modelo de identificação com o papel que irão exercer, como pela questão associada ao gênero feminino. É esperado dessas madrastas que elas se responsabilizem pelos cuidados parentais com os enteados e que também efetuem todas as tarefas domésticas, como assinalado por Costa e Dias (2012) e Kunrath (2006). Logo na primeira cena do filme há um clima de tensão enquanto Emilia aguarda seu enteado na saída da escola, as outras mães a encaram como se ela não devesse estar ali pelo simples fato de ser a segunda esposa e exercer o papel de madrasta, isso demonstra claramente a dificuldade presente no exercício desse papel.

Na mesma cena, a secretária de Carolyn aparece para dar ordens a Emilia sobre os cuidados com William, dizendo a maneira como as roupas deveriam ser dobradas e instruindo sobre os medicamentos do garoto, isso corrobora com o que propôs a autora Letícia Kunrath (2006) acerca da questão associada ao gênero, visto que a ex-mulher de Jack, ao invés de passar instruções ao pai, sobre os cuidados com o filho, decide alertar a nova esposa para tal, já que é esperado que as madrastas efetuassem tais cuidados.

Ao longo de toda a obra também foi possível perceber que os encargos domésticos foram, assim como os cuidados parentais em relação ao enteado, destinados à Emilia. O preparo das refeições e os afazeres em relação ao enteado eram realizados sempre pela figura da madrasta, que, inicialmente, encontrava-se enlutada pela morte da filha recém-nascida, fato que dificultava seu desempenho em tais funções.

Além dessas imposições sobre a figura da madrasta, é esperado socialmente que elas amem instantaneamente os enteados e que se adaptem a essa situação imposta pelo recasamento (ALVES; ARPINI, 2017a). Isso fica evidente na cena em que os amigos de Emilia pontuam que a responsabilidade de agradar o enteado é somente dela e que o sucesso de seu casamento depende de sua relação com o garoto. Os amigos de Emilia reproduzem a determinação social de que a madrasta deve se adaptar a essa nova realidade, desconsiderando que o vínculo é construído a partir de dois indivíduos, além do pai.

Alertada pelos amigos, Emilia decide presentear o enteado em seu primeiro encontro, e, esta cena ressalta, mais uma vez, a necessidade de agradá-lo como se o desejo de construção desse laço fosse sua exclusiva obrigação. A autora Dantas (2016) também entende que essa necessidade de presentear os enteados é uma tentativa realizada pelas madrastas de romperem com o estigma de madrasta má, tão recorrente nos contos infantis. A autora também indica que a madrasta deve então escapar dessa dicotomia entre a mãe perfeita e madrasta má dos contos infantis, procurando ocupar um lugar que seja condizente com a sua realidade familiar.

O laço que a madrasta irá estabelecer com os enteados será transpassado por diversas questões. Além do conflito de lealdade já citado como fator influente no estabelecimento desse vínculo, o processo de luto

vivenciado pelos personagens do filme também foi um fator significativo para que esse relacionamento pudesse emergir, dado que Emilia ainda estava sofrendo pela perda da filha. A circunstância em que ocorreu o divórcio também se apresenta no filme como um fator influente, visto que Emilia relacionava-se com Jack quando ele era ainda casado, isso pode ter dificultado o relacionamento inicial entre ela e William, em razão dele atribuir à figura da madrasta o motivo do divórcio de seus pais.

O tempo e o apoio simbólico oferecido pela figura paterna se apresentaram como fatores essenciais para o desenvolvimento do vínculo entre Emilia e William. Ao longo da obra, os dois personagens construíram juntos uma relação afetiva, compreendendo as limitações, a alteridade e os desejos de cada um, o tempo favoreceu esse processo. Jack, ao ofertar um apoio simbólico para o filho a respeito de Emilia, também contribuiu para a construção de tal afeto. Logo na primeira cena apresentada sobre a relação entre Emilia e William, os dois discutem a respeito dos móveis da bebê, William não vê utilidade em guardar toda aquela mobília, enquanto Emilia se aborrece com a insensibilidade do enteado perante sua dor. O papel de Jack nesse momento facilitou a relação, o personagem atuou legitimando ambos os sentimentos, tanto do filho quanto da nova esposa, principalmente não reforçando uma disputa entre esposa e filho.

Ainda sobre o apoio simbólico que os pais biológicos oferecem aos filhos, Carolyn apresenta isso ao fim do filme. Emilia sente-se a todo momento culpada pela morte da bebê, ela acredita que possa ter sufocado a bebê acidentalmente enquanto ela dormia em seu colo, então William pede ajuda para sua mãe para desvendar o que poderia ter ocasionado a morte da recém-nascida, já que sua mãe é médica. Carolyn então convida Emilia para uma conversa, na qual explica que não existia a possibilidade

dela ser responsável pela morte da filha, esclarecendo que se ela realmente tivesse provocado a morte da bebê existiriam indícios de sufocamento. Ao fim do encontro ela diz que fez isso porque o filho a pediu que a ajudasse, nessa cena fica evidente o apoio simbólico que ela fornece ao filho a respeito da madrasta, ajudando o filho a entender o que houve com a irmã e retirando, de certa forma, a culpa que Emilia sentia, colaborando então para a relação de ambos, validando o sentimento do filho pela madrasta.

Em suma, o filme retrata a realidade de uma família recasada, seus impasses, a construção de sua identidade e as inúmeras situações que a transpassam, abordando aspectos interessantes que despertam reflexões necessárias acerca dessa nova configuração familiar.

Considerações Finais

Ao abordar questões referentes a família recasada, o filme retrata a importância de introduzir reflexões acerca das novas configurações familiares, visto que as transformações sociais proporcionaram uma infinidade de possibilidades de arranjos familiares. A partir do filme é possível entender em quais circunstâncias essas famílias se constituem, quais os atravessamentos desta relação que irá se estabelecer entre duas pessoas em que, obrigatoriamente, um desses indivíduos tenha se casado anteriormente. Além disso, o filme contribui para refletir sobre os modos de se relacionar da atualidade, atentando para a grande incidência de divórcios e seus possíveis impactos na família.

Ao apresentar toda a construção da relação entre madrasta e enteado, o filme, desmistifica a imagem idealizada do amor instantâneo que deve existir entre esses indivíduos e rompe com a ideia da madrasta má dos contos infantis. Além disso, expõe nitidamente a individualidade

dos sujeitos, as dificuldades que madrasta e enteado enfrentarão no estabelecimento desse vínculo e as possíveis interferências que atravessarão a díade, exibindo o conflito de lealdade que muitos filhos enfrentam em relação às madrastas. O longa-metragem também retrata a realidade do papel da madrasta, a dificuldade enfrentada ao tentar encontrar o lugar que deve ocupar, a complexidade em diferenciar-se do papel de mãe perfeita, assim como do papel de madrasta má.

A dualidade entre a madrasta e a ex-mulher também é retratada na obra cinematográfica de forma realista, expressando os obstáculos existentes nessa relação. Ademais, o filme faz alusão a importância do apoio simbólico oferecido pelos pais biológicos, que tem como finalidade o favorecimento da díade madrasta-enteado.

Outro ponto evidenciado no filme foi o luto pela filha que faleceu, sugerindo uma reflexão pertinente acerca do impacto da perda de um membro na família.

Por fim, ao abordar os possíveis desdobramentos do fenômeno descrito como recasamento, o filme estimula reflexões a respeito das imposições sociais acerca dos papéis desempenhados pela madrasta. O filme aponta também a necessidade de se refletir a interferência da conjugalidade no exercício das funções parentais.

Referências

ALVES, Amanda Pansard; ARPINI, Dorian Mônica. A conjugalidade e os conflitos vivenciados a partir do recasamento. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 3-19, jul. 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679494X2017000100002&lng=pt&nrm=iso acesso em 21 set. 2019.

ALVES, Amanda Pansard; ARPINI, Dorian Mônica. O recasamento: o papel da madrasta e sua relação com os enteados. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 185-196, dez. 2017a. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198334822017000200005&lng=pt&nrm=iso> acesso em 05 Set. 2019.

BIRMAN, J. Laços e desenlaces na contemporaneidade. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 72, pp. 47-62, jun. 2007.

COSTA, Juliana Monteiro; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 72-87, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872012000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 Set. 2019.

DANTAS, Cristina Ribeiro Teixeira. **Conjugalidade e parentalidade no recasamento: narrativas das madrastas**. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2016.

DANTAS, Cristina Ribeiro et al. The Stepmother-Stepchild Dyad: Narratives in the Remarriage Context. **Psico-USF**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 37-46, Mar. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712018000100037&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Set. 2019.

DOLTO, F. **Quando os pais se separam**. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal**. In:

FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro, NAU, 2001.

FÉRES-CARNEIRO, T; MAGALHÃES, A. **A parentalidade nas múltiplas configurações familiares contemporâneas**. In:

- MOREIRA, L. V. (Org.) *Família e parentalidade: olhares da psicologia e da história*. Curitiba: Juréia, 2011.
- GOMES, I. C. **Famílias Reconstituídas: um Novo Desafio para a Clínica Contemporânea**. In: GOMES, I. C. *Clínica Psicanalítica de Casal e Família – A Interface com os Estudos Psicossociais*. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2009.
- IBGE. **Estatísticas do Registro Civil, Rio de Janeiro**, v. 34, 2007. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2007_v34.pdf>. Acesso em 17 de Out. 2019.
- IBGE. **Estatísticas do Registro Civil, Rio de Janeiro**, v. 44, 2017. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2017_v44_informativo.pdf>. Acesso em 22 de Out. 2019.
- KUNRATH, L. H. **Recasamento: novas oportunidades para o espaço conjugal?**. *Pensando Famílias*, v. 10, n. 1, p. 101-112, 2006.
- OSÓRIO, L. **Novos rumos da família no limiar do século XXI**. In: Osório, L. & Valle, E. *Terapia de famílias: novas tendências*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- RIBEIRO, R. M. **Adoção emocional em famílias de recasamento: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e seus enteados**. Dissertação (Mestra em Psicossociologia) UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- ROUDINESCO, E, 1994. **A família em desordem**. Trad. André Telles, Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- TRAVIS, S. **Construções familiares: um estudo sobre a clínica do recasamento**. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003.

Capítulo 8

ARMAÇÕES DO AMOR: ARTICULAÇÕES VINCULARES DOS FILHOS ADULTOS QUE RESIDEM NA CASA DOS PAIS.

Graziela Vasconcelos da Silva

Introdução

Desde o nascimento até o fim do seu ciclo vital, o ser humano vive etapas de vida marcadas por constantes mudanças físicas e psíquicas, atreladas ao contexto social que o cerca. Na sociedade ocidental, durante muitos anos, esperava-se que o jovem, ao adquirir uma maturidade para o trabalho ou após o término dos estudos, transitasse para a chamada fase adulta, oportunidade na qual deixaria a casa dos pais e conquistaria o mundo por si só.

Entretanto, para Silveira e Wagner (2006), embora, ao longo de muitos anos e durante várias gerações, fosse comum que, ao atingir a etapa adulta, o indivíduo deixasse o lar dos pais, com o intuito de construir a sua família, aquele velho bordão que dizia “os filhos a gente cria para o mundo” tem sofrido mudanças, na contemporaneidade, o que caracteriza diversos reflexos nas relações vividas.

A geração de filhos que têm prolongado o tempo de permanência na casa dos pais é designada pela mídia por termos como “geração canguru”, “ninho cheio”, “filho bumerangue”, dentre outros. O “ninho cheio” é caracterizado pelo(s) filho(s) que prolongam sua convivência e corresidência na casa dos pais, através dos filhos “cangurus” e “bumerangues” (FIGUEIREDO, 2008).

A “geração canguru”¹, constituída na família de classe média brasileira, abriga jovens de ambos os sexos, os quais, embora considerados aptos para uma vida profissional, parecem ainda não estar preparados para a vida fora dos limites da casa dos pais (HENRIQUES; JABLONSKI; FERES-CARNEIRO, 2004). É importante frisar que, de acordo com o artigo “A doce vida dos cangurus”, publicado na revista *Galileu* (1999), a “geração canguru” desconsidera os filhos adultos que moram com seus pais, por não ter condições financeiras, seja por estar estudando, seja pelo fato de não ter emprego, bem como não podem ser rotulados de filhos-cangurus os jovens adultos que ali residem porque necessitam cuidar dos pais e familiares.

O termo “geração bumerangue”² tem sido muito usado nos Estados Unidos e Canadá, pois, para Figueiredo (2008), também seria uma causa responsável pelo enchimento do ninho, uma vez que se refere àquele que, embora tenha saído da casa dos pais, independentemente do que o motivou, retorna ao lar parental.

Para Henriques, Jablonski e Feres-Carneiro (2004), o término da adolescência se configura como um processo complexo de individuação, pois, além da separação das figuras parentais, abrange a vivência correspondente aos lutos. É geralmente no final da adolescência que o jovem passa a ter uma maior interação social, assim como se

¹ Expressão empregada pela mídia e academia, por fazer analogia entre o desenvolvimento biológico do mamífero marsupial australiano (cuja fêmea abriga os filhos em uma bolsa ventral) e a relação familiar na(s) qual(is) o(s) filho(s) jovens adulto(s) adiam sua saída de casa, prolongando a convivência com seus pais (HENRIQUES; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004).

² A socióloga Mitchell (2005) define o fenômeno “geração bumerangue” como a volta dos filhos para a casa dos pais, depois da entrada no mundo adulto.

vincula a uma escolha amorosa pós-edípica e, no contexto familiar, novas pautas são estabelecidas.

Assim, na juventude, quando o intuito está voltado para que esse adulto jovem saia de casa e estruture a própria vida, a família e o indivíduo têm de renegociar perdas e ganhos. A experiência de se separar dos pais é importante, a fim de que o adulto jovem alcance a maturidade e integre o mundo dos adultos (HENRIQUES; JABLONSKI; FERES-CARNEIRO, 2004).

De acordo com a psicoterapeuta Tereza Kawall (2015), deixar a casa dos pais é um ritual de passagem no qual se configura a separação da origem, daquilo que é familiar e conhecido – um período importante para a avaliação das próprias ideias e valores, além dos potenciais ainda latentes. Essa experiência poderá ser vivenciada de uma maneira dolorosa ou gratificante, mas a dor da partida se expande, quando os pais não encorajam essa transição.

O papel dos pais e a forma como a família se articula diante desse processo de separação têm muita relevância para que de fato ocorra, pois os genitores, se podem permitir a partida de seus filhos, também podem enredá-los a permanecer na teia familiar. Caso isso aconteça, a organização familiar estará voltada para dificultar a saída de seus filhos de casa e não em auxiliá-los na consolidação de seu processo de individuação, autonomia e separação (SILVEIRA; WAGNER, 2006).

Nesse passo, Henriques, Jablonski e Feres-Carneiro (2004) asseguram que o ingresso no mundo adulto é marcado por uma série de transições as quais percorrem do tempo de estudo para o trabalho, da troca da casa dos pais para moradia própria, do *status* de filho para o de pai, dentre outras. Ao prolongar a estadia na residência dos genitores, os jovens adultos não evoluem da condição de dependência para a autonomia.

Com isso, prorrogam compromissos de ordem social e afetiva, o que aponta para a importância em entender como esses jovens adultos lidam com suas vinculações amorosas, no momento em que a contemporaneidade tem resultado em relações frágeis e muitas vezes pouco duradouras, marcadas pela presença de um consumismo exacerbado e uma sociedade narcísica, antenada nas redes sociais.

O presente capítulo tem por intuito fazer uma análise do filme “Armações do amor” (Failure to Launch, 2006) tendo em vista seu enredo ser articulado por uma trama em que um jovem adulto de 35 anos, opta por não sair da casa dos pais, o que ocasiona reflexos na forma como o personagem articula seus vínculos amorosos, bem como na dinâmica familiar estabelecida. Assim, como ocorre com o protagonista do filme, além de possíveis impactos na articulação dos vínculos amorosos dos jovens adultos que moram no ninho, estatisticamente, o fato dos filhos continuarem a viver na casa dos pais, na fase adulta, vem crescendo consideravelmente.

A psicanalista Regina Navarro Lins faz diversas considerações sobre a transformação do amor, em sua obra *Novas Formas de Amar - nada vai ser como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos* (2017), discutindo que, desde a infância, somos condicionados pela busca do amor romântico, de sorte a aprender que só é possível alcançar a felicidade por meio de um romance, que traz a ilusão do amor verdadeiro. Desde o século XIX, esse ideal amoroso só passou a ser possível no casamento, já que, anteriormente, os casamentos eram estabelecidos através de interesses econômicos e políticos. Foi a partir de 1940 que o amor romântico se tornou um fenômeno de massa, quando os filmes hollywoodianos incitavam o desejo pelo casamento.

O livro de Elizabeth Roudinesco (2003), denominado *A família em desordem*, aborda a constituição familiar e suas transformações, ao longo do tempo, inclusive a respeito das mudanças sociais que desencadearam uma forma mais aberta na configuração das relações amorosas.

Roudinesco (2003) salienta que, num período entre o final do século XVIII e meados do XX, vigora a família “moderna”, construída por meio de uma lógica afetiva fundada no amor romântico, com reciprocidade dos sentimentos e desejos carnavais por intermédio do casamento. Nesse contexto, gradativamente a mulher vai assumindo um papel menos submisso, o que valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos e coloca o filho como um sujeito a quem se deveria assegurar educação e bem-estar.

Ocorre que, segundo Lins (2017), esse modelo imposto de felicidade, norteado pela fantasia de que o outro me completa, além de não corresponder à realidade, é muito difícil manter tal idealização na convivência cotidiana, quando percebemos os aspectos que nos desagradam no outro.

Com o advento de uma sociedade contemporânea cercada de tecnologias que auxiliam em uma maior produtividade industrial, destacando a mídia e o consumismo na vida das pessoas, tais mudanças foram acompanhadas de uma maior liberdade no estabelecimento de uma relação amorosa e, nesse âmbito, o chamado “ficar” trouxe grandes reflexos no tocante à fragilidade e insegurança nas relações amorosas.

A relação amorosa prevalece depois de decantar a paixão, momento em que o eu consegue migrar do estado narcísico inicial para o estado de alteridade e reconhecer no outro alguém para amar. Trata-se do eu suficientemente constituído e seguro da sua capacidade de transitar por um campo relacional constituído por subjetividades distintas,

pois, além de sustentar a relação com o outro, consegue se enriquecer pelo compartilhamento de ideias, afetos e novas experiências (RIOS, 2008).

Dessa maneira, assumir um vínculo amoroso comprometido em meio às condições de convivência contemporânea tem-se tornado algo complexo e requer negociações entre o casal, para o prolongamento deste vínculo. Soma-se a isso a extensão da permanência do filho adulto na casa dos pais; desse modo, nesta análise de filme, procuramos compreender a intersecção desses dois cenários, ou seja, os impactos desse prolongamento na configuração amorosa desse filho/personagem.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Failure to Launch
Nome Traduzido	Armações do amor
Gênero	Comédia, Romance
Ano	2006
Local de lançamento e Idioma original	EUA/ Inglês
Duração	1h40min
Direção	Tom Day

O filme conta a história de Tripp, um jovem adulto de 35 anos, que trabalha como vendedor de barcos adora navegar e fazer esportes com os amigos. No entanto, apesar de já ter idade e condições financeiras, o rapaz mora na casa dos pais, onde tem muita comodidade, e não cogita a possibilidade de sair. Todas as vezes que Tripp está “ficando” com alguém e percebe que a relação está tomando um rumo para um compromisso mais sério, o jovem leva a parceira para a casa dos pais, no intuito que a

mesma se assuste com o constrangimento vivido por ele ainda morar na casa dos genitores e não invista mais na relação.

Noutro passo, os pais de Tripp não têm a mesma perspectiva que o rapaz com relação à dinâmica familiar vivida, desejando que o filho saia de casa e construa sua própria família. Para tanto, buscam a ajuda da linda jovem Paula, já que o trabalho dela consiste em oferecer a solução para esse conflito em troca de certa importância em dinheiro. Na trama, a moça passou a exercer esse serviço por ter se frustrado com um antigo namorado que mesmo com todo empenho da parte dela, não deixou de viver com os pais. Paula acredita que a causa primária do filho não sair do ninho está na sua “*incapacidade de lançamento*” e “*falta de auto-estima*”, condições que ele pode desenvolver melhor em uma relação romântica, então ela simula uma, bem como ressalta que não se envolve e nem tem relações sexuais com os clientes, a função dela termina quando o ego do suposto namorado está fortalecido a ponto de deixar de morar na casa dos pais.

Para a surpresa de Paula, Tripp é um rapaz muito interessante e diferente dos seus outros clientes, não tem a auto-estima baixa, é divertido e interessante, mas carrega um trauma pelo fato da antiga companheira com quem vivia ter falecido. As estratégias usadas por Paula, como protegê-la diante da suposta morte de seu cachorro, deixar que ele a ensine velejar e conquistar os amigos de Tripp serviu para que ela caísse na própria armadilha e também se apaixonasse.

Quando um dos amigos de Tripp encontra Paula com outro cliente, parece que os planos da moça vão seguindo para outro rumo, assim, ela acaba descobrindo sobre o passado amoroso de Tripp e ele sobre a emboscada armada entre ela e seus pais. Tripp deixa a casa dos pais, entretanto, quando volta para buscar algumas roupas, ao

chegar a seu antigo quarto, encontra o pai, sem roupa, limpando o aquário, oportunidade em que se depara com a felicidade do genitor em recuperar sua liberdade, mas o mesmo expressa também o desejo de ver o filho feliz e seguir em frente. Na conversa com a mãe, ela pede desculpas e confessa que se acomodou com a situação, pois o fato de o filho sair de casa teria como consequência viver como um casal com o marido e isso é algo que a assusta muito.

A trama termina com um plano armado pelos pais de Tripp e seus amigos, que ao juntarem Tripp e Paula em um lugar reservado obtiveram sucesso em unir o casal, bem como oportunizaram que os pontos de vista sobre o ocorrido e o que cada um deles busca daquela relação fosse esclarecido.

Análise Crítica

O filme “Armações do amor” traz de forma romântica e cômica a história de um jovem adulto de 35 anos que mora na casa dos pais, o *slogan* da trama vem acompanhado da seguinte frase “*Para deixar o ninho, alguns homens precisam de um pequeno empurrão*”. Um conflito vivido não só pelo personagem, mas também por essa nova geração, a qual comumente vivencia uma organização familiar voltada para atender às suas satisfações profissionais e pessoais, sem pressa para deixar o lar dos genitores, muitas vezes, no intuito de alcançar uma melhor condição financeira ou, até mesmo, por comodismo.

Assim, a análise do filme tem por intuito compreender a repercussão de não sair do “ninho” na articulação dos vínculos amorosos de Tripp, um jovem que parece usar o fato de morar com os pais e ser dependente, como um mecanismo de defesa para não assumir maiores

responsabilidades, especialmente com relação aos investimentos para um vínculo amoroso comprometido.

O termo *vínculo*, aqui utilizado para descrever uma relação entre dois sujeitos e um laço que os une, ou seja, dois egos que se encontram em uma relação intersubjetiva, na qual estão presentes elementos conscientes e inconscientes dos sujeitos envolvidos. Além disso, no vínculo, cada um dos sujeitos traz uma representação vincular inconsciente, constituída desde os primórdios da matriz intersubjetiva marcada pela presença do outro. Tal vínculo proporciona ao sujeito um sentimento de pertença, um compartilhamento que faz desse indivíduo parte de um conjunto (WEISSMANN, 2008).

O espaço intersubjetivo refere-se ao espaço psíquico formado pelo encontro de dois sujeitos; os vínculos particularizam esse campo de encontro, por meio de um conector que faz a ligação entre eles. A partir de uma relação vincular vivida por dois integrantes, constrói-se esse espaço comum entre eles, com suas respectivas representações vinculares, vínculos esses que tecem subjetividade. Em sua obra *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo* (2011), René Kaës traz o sujeito singular como alguém que traça sua subjetividade em função de uma conexão com o outro; nessa linha, conceitua a intersubjetividade:

Chamei de intersubjetividade a estrutura dinâmica do espaço psíquico entre dois ou mais sujeitos. Esse espaço comum, conjunto, partilhado e diferenciado compreende processos, formações e uma experiência específicos, por meio dos quais cada sujeito se constitui, por um lado que concerne a seu próprio inconsciente. Nesse espaço, sob certas condições, especialmente da libertação das alianças que o mantêm submetido aos efeitos do inconsciente, mas também que o estruturam, um processo de subjetivação

torna possível tornar-se Eu pensando seu lugar de Sujeito no interior de um Nós (KAËS, 2011, P.224).

Na perspectiva de Bonafé, Colavin e Zanetti (2013), para que um vínculo amoroso seja saudável, é importante que as partes envolvidas consigam elaborar as diferenças presentes no outro, especialmente o que lhes afeta de maneira negativa, ou seja, o que escapa às exigências e expectativas conscientes e inconscientes projetadas em seu par. No entanto, para os autores, esse trabalho de elaboração muitas vezes precisará percorrer um processo de trocas intersubjetivas, pelo diálogo e respeito às particularidades do outro.

Em que pese, Tripp tenha convicção de que deseja morar com os pais e não assumir compromissos, o rapaz não deixa de se relacionar e ter encontros amorosos, oportunidade em que, de certa forma, é gerado um vínculo não duradouro, ocorrem trocas intersubjetivas, mas quando surge um diálogo ou sentimentos que demonstrem um interesse por uma relação compromissada, Tripp tenta romper esse vínculo e leva a parceira para vivenciar uma situação em que ela perceba o fato de ele morar na casa dos pais e não ter por intuito sair dessa condição de dependência.

Atualmente, vivemos em uma sociedade na qual o enfrentamento da alteridade e o respeito às diferenças são considerados obstáculos para que relacionamentos amorosos duradouros sejam mantidos, ou até mesmo buscados pelos sujeitos. Os compromissos não aparecem mais como uma exigência social, enquanto o “ficar”, já há algum tempo, parece ser uma moda que “pegou” e veio para trazer não só liberdade, mas também comodidade aos indivíduos que querem se relacionar, sem se implicar ou ter maiores responsabilidades demandadas por um contrato amoroso estável.

No intuito de compreender as dificuldades contemporâneas inerentes ao encontro amoroso, Rios (2008) considera que, atualmente, existem muito encontros físicos para trabalhar, ganhar dinheiro, se divertir, “ficar”, mas não encontros intersubjetivos de fato, pois a maioria escuta do outro apenas o mínimo necessário para abrir espaço para o seu próprio discurso, havendo certa falta de interesse pelo universo alheio. O importante é a vida idealizada que aparece na tela, nas mídias sociais: as pessoas agem como se estivessem atuando em um espetáculo teatral, encenado por um protagonista e seus “figurantes”, quase como um monólogo.

Assim, Tripp parece se encaixar nesse perfil, já que quando a diversão e o prazer parecem seguir um rumo que o leva a se envolver e entrar em contato com o universo do outro, ele encontra uma maneira de sabotar a relação. No entanto, importante destacar que esse contexto é configurado por uma situação que o precede, já que o rapaz teve um trauma marcado pela perda da companheira com quem tinha um relacionamento compromissado, bem como pelo fato de ter sido acolhido por seus pais, os quais, embora pareçam incomodados com o cenário de ter um filho adulto morando novamente na casa dos pais, também é algo que traz benefícios para a relação de casal.

Quando a personagem Paula é contratada pelos pais de Tripp com o objetivo de tirar o jovem do ninho por meio de um suposto relacionamento amoroso que o ajude a desenvolver a autonomia e segurança que faltam para deixar o lar parental, as coisas parecem não evoluir como a moça esperava, pois além de se apaixonar, a princípio, a jovem desconhecia os motivos e angústias que levavam Tripp a estar nesse conflito.

Paula também carrega marcas e frustrações do passado, vez que o seu antigo namorado não deixou o “ninho” para construir a relação amorosa que ela tanto

desejava. Nesse passo, embora uma das artimanhas de sua profissão seja forjar um relacionamento afetivo, parece que só foi algo realmente concretizado e duradouro quando, depois de esclarecidas as armações e mentiras, houve diálogo e disponibilidade para um encontro por parte do casal.

As experiências amorosas trazidas pelos personagens Tripp e Paula, retratam vivências comuns nos tempos atuais, onde observamos em meio a uma vasta oferta mercadológica, a relativização da temporalidade das relações amorosas e o comprometimento da qualidade com que as mesmas se desenvolvem. Assim, nós nos deparamos com indivíduos que até procuram por uma relação estável, entretanto, se apresentam um tanto desacreditados no que seria o sonhado lema: “felizes para sempre”.

Outro ponto importante do filme se encontra no diálogo estabelecido entre Tripp e seus pais no intuito de entender os motivos que levaram os genitores a contratar Paula, pois para o rapaz se eles não o queriam em casa era só ter falado. Parece que o diálogo sobre afetividade e os desejos de cada membro do grupo, não é algo muito presente na dinâmica da família.

Tripp se surpreende quando encontra o pai nu em seu quarto e aparenta satisfação por ter recuperado a liberdade que não tinha quando o jovem ali vivia. No entanto, em seu discurso, o pai de Tripp enfatiza que deseja a felicidade do filho, pois pensava que depois que vivesse o luto pela morte da antiga companheira, o mesmo seguiria em frente e teria seu próprio lar. Já a mãe confessa para o jovem que um dos motivos de manter aquela relação a três tinha fundamento no medo de retomar a relação a dois com o marido.

Para Bertoldo *et al.* (2018), a nova dinâmica familiar é um fator importante que pode facilitar ou dificultar a independência do filho e prolongar a sua permanência na

casa dos pais. No entanto, as justificativas para a ocorrência do fenômeno “ninho cheio” são de caráter multidimensional, as quais vão além da relação entre pais e filhos, envolvendo questões financeiras, culturais, sociais e psicoemocionais.

Dessa forma, o filme tem o esperado final feliz, a vida de Tripp, mais parecida com a de um adolescente, finalmente deixa o “ninho” e passa a corresponder às expectativas sociais do que é esperado de um adulto. Quando o jovem toma consciência do posicionamento negativo dos pais frente à forma como conduzia sua vida e encontra uma pessoa com quem realmente quer compartilhar e construir a sua própria família, o vínculo afetivo compromissado se torna algo importante na história de vida do personagem.

Considerações Finais

O filme traz de uma forma cômica os impasses de um jovem adulto que não deseja sair da casa dos pais e nem demonstra maturidade perante seus curtos relacionamentos amorosos. A falta de comunicação entre os genitores e o filho com relação à situação vivida é algo que predomina no grupo, já que as partes apresentam ganhos secundários diante da permanência de Tripp.

A princípio, o que parecia um refúgio por parte de Tripp para elaborar o luto pela perda de sua companheira, se transformou em uma condição permanente de comodismo por ambas as partes, ele por não querer se envolver, mas também por se acomodar no ninho e os pais, especialmente a mãe, pelo receio de mais uma vez vivenciar o ninho vazio.

Neste contexto, a solução encontrada pelos genitores não veio de um esclarecimento entre os membros da família, mas em contratar uma terceira, mediadora, não só

no intuito de tirar o filho do ninho, mas também como uma forma de evitar que o mesmo se frustre com um posicionamento que demonstre a rejeição da presença dele no lar parental.

A chegada de Paula na vida do rapaz transformou a maneira como ele habitualmente se vinculava amorosamente, pois através do diálogo e da percepção entre eles, de que ambos tinham um sentimento, o que parecia ser mais uma paixão passageira se transformou em um vínculo compromissado, marcado por projetos futuros e compreensão entre o casal.

Assim, embora desde o início da história a sensação é de que teremos um “felizes para sempre” e Tripp irá ficar com Paula e deixará a casa dos pais, algo típico das comédias românticas americanas, a trama é muito pertinente para entendermos o fenômeno “ninho cheio” tão presente na sociedade contemporânea.

Referências

BERTOLDO, L. T. M.; HENTEGES, C. E.; KLOCKNER, M. I. B.; LÖBLEIN F. G.; PANDO, L. B.; MARIELE, R. Uma configuração familiar: o fenômeno “Ninho Cheio” e suas vicissitudes. **Perspectiva em Psicologia**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 168-179, jan/jun. 2018.

COLAVIN, R. P.; SEI, M. B.; ZANETTI, S. A. S. Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade: contribuições da psicanálise sobre a dinâmica conjugal. **Vínculo** – revista do Nesme, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 45-54, maio 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902013000100008> Acesso em: 22 fev. 2019.

FIGUEIREDO, M. G. **Ninho Cheio, Geração Canguru: a permanência do filho adulto em casa segundo a**

perspectiva dos pais. 2008. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

HENRIQUES, C. R.; JABLONSKI, B.; FERES-CARNEIRO, T. A “Geração Canguru”: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. **Psico**, v. 35, n. 2, p. 195-205, jan/dez. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsa.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=1806631&pid=S1516-3687201200010000700008&lng=pt>. Acesso em: 11 jan. 2019.

KAËS, R. **Um singular plural**: a psicanálise à prova de grupo. São Paulo: Loyola, 2011. 248 p.

KAWALL, T. Geração Canguru. O ninho está cheio, mas eles não querem sair. **Jornal digital Brasil** 247, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/geracao-canguru-o-ninho-esta-cheio-mas-eles-nao-querem-sair/>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

LINS, N. R. **Novas Formas de Amar** - nadavai ser como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos. São Paulo: Planeta, 2017.272 p.

LOPES, C. F. A doce vida dos filhos cangurus. **Revista Galileu**. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<http://galileu.globo.com/edic/95/comportamento1.htm>> Acesso em: 02 abr. 2019.

MITCHELL, B. A. **The Boomerang Age**: transitions to adulthood in families. Canadá: Transaction, 2005. 230 p.

RIOS, I. C. O amor nos tempos de Narciso. **Interface**, Botucatu, v.25, n. 12, p. 421-426, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000200016&script=sci_abstract&lng=pt > Acesso em: 15 jan. 2019.

ROUDINESCO, E. **A família da desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 200 p.

SILVEIRA, P. G.; WAGNER, A. Ninho Cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estudos de**

Psicologia, Campinas, v. 23, n. 4, p. 441-453, out./dez. 2006.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2006000400012&script=sci_abstract&tlng=es>
Acesso em: 14 jan. 2019.

WEISSMANN, L. **Famílias monoparentais: um olhar psicanalítico**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Capítulo 9

TULLY: REFLEXÕES SOBRE O DESEMPENHO DA FUNÇÃO PATERNA NA VIVÊNCIA DA MATERNIDADE

Giovana Benite dos Santos
Isabela Dantas da Silva

Introdução

Diante das grandes transformações vivenciadas pela sociedade ao longo dos anos, é possível perceber que a família também se modificou e teve os papéis de seus membros reconfigurados conforme as mudanças sócio-históricas, em especial a função do pai, assunto a ser discutido neste capítulo. Inicialmente é preciso compreender a importância da família e seu significado diante da subjetivação do indivíduo e a consequência na mudança da função de um membro diante da dinâmica do grupo familiar.

A autora Lisette Weissmann (2009) propõe uma definição de família a partir da psicanálise vincular, entendida como “uma rede de relacionamentos entre sujeitos atravessados pelo parentesco, na qual subjaz uma matriz vincular inconsciente que os abarca” (WEISSMANN, 2008, p.75). De acordo com a autora, tal matriz estaria constituída por funções, lugares e posições que os membros ocupam nesta rede. É através dos membros que os valores da cultura são transmitidos de geração em geração, sendo fundamental para a estruturação do psiquismo individual e também do grupo. Dessa forma,

podemos perceber que a família é um lugar estruturante do ponto de vista intersubjetivo, que leva em consideração a relações intersubjetivas, o espaço intrasubjetivo, que considera o mundo interno do sujeito e o transubjetivo, o qual se refere ao mundo externo. Neste contexto, se há mudanças no espaço no qual ocorre a estruturação psíquica do sujeito, provavelmente haverá também mudanças na subjetividade. Isso diz respeito às mudanças que circunda o mundo social e, inclusive, as famílias.

A psicanalista francesa Roudinesco (2003) nos mostra três tipos de modelos familiares ao longo das transformações sociais e suas respectivas alterações nas funções dos membros. A primeira delas seria a família tradicional, referente à Idade Média, e tinha como principal característica o domínio patriarcal. O pai representava a maior autoridade da família, os casamentos eram geralmente precoces e arranjados entre os pais dos noivos, sem que a vida sexual ou afetiva fosse levada em consideração. Com o advento da modernidade configurou-se a família moderna, fundamentada pelo amor romântico e reciprocidade dos sentimentos. O pai tem sua autoridade dividida com a mãe e passa a desempenhar funções que antes eram exclusivas da mulher. Além dessa divisão, o pai também passa a compartilhar sua autoridade com o Estado no que se refere à criação dos filhos.

Por fim, no século XX, principalmente a partir da década de 60 configura-se a família contemporânea ou pós-moderna, na qual o casal permanece unido em virtude da realização pessoal e sexual. É também a partir do século XX que a educação, saúde e o bem-estar da família passam a ser intensamente estudados pela ciência, e surgem especialistas que indicam como os pais devem agir com seus filhos. Segundo Gomes (1998) esta interferência por parte da ciência, no desenvolvimento infantil, teve suas consequências na relação entre pais e filhos, levando

muitos deles a repensarem sua competência para educá-los. Ao passo que o saber natural dos pais passou a ser desqualificado em relação ao saber dos especialistas, a autoridade dos pais sobre os filhos é retirada, já que eles não são mais considerados inteiramente responsáveis pela educação dos mesmos.

Neste cenário familiar, surgem novas autoridades educacionais, e alguns autores apontam um fenômeno peculiar às famílias atuais, denominado “fragilização parental” (Zanetti e Gomes, 2011). “Caracterizada por pais que sentem culpa, dúvida e insegurança com relação à forma como se posicionam diante do que podem, devem ou não fazer com os filhos” (SCHOLZ, 2015, p. 19). A respeito da questão acerca da autoridade parental, a autora Kehl (2008 apud Araújo, 2009, p. 19) afirma que a falta desta ou recusa por parte dos pais pode deixar os filhos em estado de abandono e desamparo, não por falta de amor, mas por falta de autoridade responsável, que dê sustentação aos seus impulsos, fragilidade e onipotência infantil.

Diante deste breve resumo a respeito das transformações vivenciadas no âmbito familiar ao longo dos séculos, nos referenciaremos em especial às mudanças que afetaram, sobretudo, o papel do pai ao longo dos anos. O sistema patriarcal fundamentado na autoridade paterna iniciou seu declínio no fim na Modernidade. Foi a partir do final século XVIII, segundo Abreu (2012), que essa soberania designada ao homem teve seu fim. Às vésperas da Revolução Francesa, o pai passou a ter suas funções questionadas e suas prerrogativas foram ameaçadas pelo novo pensamento revolucionário que eclodia. Segundo o autor, o símbolo da decadência do patriarcado foi simbolizado na sociedade ocidental por um episódio histórico na França, quando o rei, Luís XVI foi guilhotinado em praça pública. Era o fim da monarquia, sistema no qual

a principal figura era constituída pelo rei autoritário, um grande pai da nação. Iniciava-se na história o sistema político democrático, embasado no pensamento Iluminista e fundamentado na ideologia de “Liberdade, igualdade e fraternidade”, transformando as condutas sociais e influenciando em uma nova forma de subjetivação dos indivíduos e consequentemente, refletindo a mudança na organização da família, que antes tinha no pai sua figura principal de autoridade. Este acontecimento iniciado na França reverberou gradativamente nos outros países ocidentais.

Além da mudança social no sistema patriarcal, o poder do pai se relativiza diante do surgimento de novas figuras que vão emergindo para dividir a autoridade frente à família e a sociedade. A primeira figura a ser considerada é o Estado. Como visto acima, a Revolução Francesa e suas novas ideologias instauraram o sistema político democrático, que tem como principal característica um Estado forte, que vem para garantir a liberdade e igualdade entre os membros da sociedade. Sendo assim, o poder estaria garantido ao Estado, que intervém nos grupos sociais e dita as leis e não mais um rei. Além de influenciar diretamente sobre as leis da família, garantido educação, saúde e direitos e deveres dos membros.

Além disso, durante a modernidade, a mulher começou a conquistar seu espaço na sociedade através de movimentos que lhe garantirão um novo papel diante da família e sociedade. Ceccarelli (2002) nos mostra grandes transformações conquistadas pelas mulheres, a partir do século XIX durante a Revolução Industrial, em que a mulher abandona suas funções em relação aos cuidados de casa e segue para o trabalho nas indústrias.

Posteriormente, no século XX, direitos importantes são conquistados pelos movimentos feministas. Gomes, (1998) faz uma importante análise acerca do papel da

mulher desde a família tradicional até os dias de hoje. Segundo a autora, na Idade Média a mulher vivia isolada no seio de sua família, ocupando uma posição de inferioridade e submissão diante da sociedade. Sem nenhum tipo de liberdade, dependia jurídica, afetiva, moral e religiosamente do marido, sendo dominada pelo modelo patriarcal: quando jovem, dependia de seu pai e ao casar-se passava a ser uma propriedade de seu marido. É no contexto das mudanças sociais advindas da urbanização e do conseqüente declínio da autoridade patriarcal que a mulher se torna consciente de sua importância na organização familiar, passando a reivindicar um cuidado e atenção que não existiam nos anos anteriores.

Assim, os anos 60 foram marcados pela luta feminista pela igualdade de gênero e reconhecimento e apesar de passos lentos, é a partir de então que a mulher vai conquistando seu espaço profissional e social, impactando diretamente na sua função na organização das famílias, passando a dividir o poder familiar com o pai.

Podemos dizer, portanto, que foi a partir do século XVIII que o sistema patriarcal começou a declinar e o que antes era exclusivo ao homem, passou a ser compartilhado. Qual seria, então, a consequência para a família e para a constituição subjetiva dos indivíduos decorrentes de tal declínio da autoridade paterna?

De acordo com a teoria psicanalítica, o pai é uma das figuras centrais para a subjetivação do sujeito, pois é um referencial central na triangulação edípica, promovendo a interdição do desejo incestuoso e a transmissão dos valores culturais. Freud (1913) descreve a origem e a importância da figura paterna em “*Totem e Tabu*”, ao referir-se ao mito da horda primeva. O relato conta a origem mítica da civilização, chefiada por um pai tirânico, que detinha todo o poder da comunidade, controlando a vida dos filhos. Certo dia, os filhos tomados pelo ódio em relação a este pai, se

unem e cometem o parricídio. Para manter a ordem na comunidade, os filhos transformam o pai em um totem e instauram as leis que fundamentam o totemismo: não matar e não se relacionar incestuosamente. O pai tirânico torna-se então uma figura simbólica, representada pelo totem, tornando-se um organizador social e a lei do totemismo como um regulador das relações sociais. É neste contexto que é possível relacionar a figura simbólica do pai e sua função na teoria proposta por Freud, relacionada à triangulação edípica.

O Complexo de Édipo foi um conceito cunhado por Freud (1924/1969), que se refere à construção subjetiva do indivíduo, diante das exigências culturais de renúncia à escolha objetal infantil e os desejos pulsionais. O conceito é pautado na figura do pai, como responsável por assegurar o patrimônio familiar e a inserção do sujeito na cultura, estabelecendo na família, uma ordem representante dos interditos e das leis da civilização (ZANETTI; HOFFIG, 2016). Além disso, Laplanche (2004, apud Zanetti; Hoffig, 2016, p. 698) nos lembra que a teoria edípica apresenta como herdeiro o superego, que seria a instância psíquica responsável em exercer “o papel de um juiz ou censor relativamente ao ego, que se constitui a partir da interiorização das interdições parentais no desenvolvimento do complexo de Édipo”. Goldgrub (1989, apud Gomes, 1998, p. 49) interpreta a resolução do Édipo como a “internalização de uma lei”. Nesse contexto evidencia-se a importância do pai simbólico na subjetivação do indivíduo. Se vivemos na atualidade o declínio da autoridade do pai, qual seria a consequência dessa falta para a subjetivação do sujeito? Segundo Lasch (1991) a ausência da autoridade paterna, gera um conflito nas fantasias inconscientes da criança, levando ao medo de uma possível punição.

Precisamente porque a ausência do pai permite que as fantasias originárias não sejam transformadas pela experiência posterior, a criança teme a possibilidade de uma terrível vingança paterna ao mesmo tempo em que despreza o pai cotidiano que jamais a concretiza (LASCH, 1991, p.239).

Portanto, a subjetivação do sujeito ocorre através dos interditos que lhe foram colocados, através da figura paterna, que não necessariamente é o pai – figura masculina, mas sim o objeto que ocupa a função de interdição do desejo incestuoso e, a partir disso, a criança renunciaria alguns de seus desejos, controlando sua vida pulsional e estabelecendo laços sociais.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Tully
Nome Traduzido	Tully
Gênero	Drama/comédia
Ano	2018
Local de lançamento e Idioma original	EUA/inglês
Duração	1h35min
Direção	Jason Reitman

Marlo, mãe de dois filhos e gestante do terceiro, representa a visão realista da maternidade nos dias atuais. A personagem enfrenta a exaustiva rotina doméstica de responsabilidades as quais são demasiadamente aumentadas com a chegada de Mia, a terceira filha, cuja gravidez não foi planejada.

Com o semblante cansado e desmistificando a ideia de um puerpério sereno e afetuoso, Marlo precisa lidar com a

dura realidade pós-parto ao mesmo tempo em que realiza cuidados maternos à Sarah, a filha primogênita, e ao Jonah, o filho denominado como *peculiar* pela escola por apresentar uma deficiência (não denominada no filme).

O cotidiano vivenciado por Marlo desmistifica a visão de uma mãe heroica, imbatível e incansável, mostrando o esgotamento físico e mental à medida que tem ao lado um marido que não percebe as necessidades fundamentais da esposa, como o compartilhamento de tarefas domésticas e suporte emocional na educação dos filhos.

Preocupado com a exaustão de Marlo, seu irmão Craig oferece uma babá noturna como presente, e embora inicialmente não aceitasse a oferta do irmão, diante do agravo na instabilidade emocional acarretada pela maternidade, aceita a ajuda.

É diante desse cenário que Tully, a babá, adentra a casa de Marlo trazendo apoio e vitalidade para o caos instalado na casa. O apoio de Tully ultrapassa o cuidado à Mia: cuida da limpeza da casa, da alimentação da família, e principalmente, reconhece as demandas singulares de Marlo, como a necessidade de realizar cuidados pessoais e resgatar sonhos adormecidos.

Assim sendo, o ponto evidente do filme é o renascimento de Marlo após a chegada de Tully, pois a relação entre as personagens traz à tona o desejo de reviver a juventude bem como o anseio por retomar sua identidade como mulher à medida que necessita conciliar com seu papel como mãe.

Análise Crítica

O filme *Tully* nos revela a história de uma típica família da contemporaneidade, como descrita na introdução, composta por um pai com sua autoridade enfraquecida e uma mãe extremamente atarefada e cansada devido à

sobrecarga no cuidado da casa, filhos, marido e trabalho. Ao evidenciar as dificuldades enfrentadas na maternidade, o filme também revela como a paternidade vem sendo exercida na família contemporânea, nos levando a refletir sobre o fenômeno que muitos autores nomearam como declínio da autoridade paterna.

No enredo, notamos que Drew não conseguiu “tornar-se pai”, pois não desempenha sua função com os filhos e principalmente com a esposa, na díade da função parental. No cenário contemporâneo, no qual prevalece uma figura fragilizada do pai, temos algumas consequências para a organização da família. O filme ilustra duas delas: a sobrecarga da função materna e as repercussões para a subjetivação do filho, Jonah, além da função da babá na organização psíquica familiar.

Devido à lacuna da função paterna, Marlo realiza todos os cuidados referentes aos filhos, culminando em uma situação de desinvestimento libidinal nos filhos e nela mesma. Para Scholz (20015), existe um psiquismo familiar, que tem como um dos seus objetivos conter os impulsos arcaicos da criança, metabolizando suas angústias e assim contribuindo para a constituição do mundo interno dela. Com a ausência do pai, essa tarefa da família fica impossibilitada de ocorrer, surgindo dificuldades nos membros que a compõe.

Lebovici (2004, apud in Solis-Ponton), aponta que a participação mais ativa dos pais no tratamento das crianças seria fundamental. Foi assim que após dedicar-se anos seus estudos a criança e a família, que destinou sua atenção para uma nova concepção: a parentalidade. Para o autor, ser pai e ser mãe vai além do biológico e implica em entrar em contato com o que foi herdado de seus antecedentes e partir de então vir a se tornar pai ou mãe. Houzel vai concluir que na parentalidade “não basta ser genitor nem ser designado como pai para preencher todas as condições,

é necessário tornar-se pais” (2004, apud in Solis-Ponton, p.46).

A partir dessas consequências diante da ausência de Drew, é possível compreender a importância da função paterna na vida da mãe e dos filhos, compondo um psiquismo familiar consistente. O filme aponta que a maternidade vivida sozinha torna-se muito mais complexa e pode gerar consequências diretas no desenvolvimento psíquico da criança, devido à importância de uma figura que desempenhe a figura de um terceiro que possa exercer o papel de romper a célula narcísica que caracteriza a relação inicial da mãe com o filho, organizando os investimentos libidinais da mãe e, sobretudo, permitindo que o filho tenha acesso à diferenciação e reconheça a alteridade.

Para melhor compreender a importância da função do pai nessa situação, podemos analisar a cena em que se passa na escola, quando Jonah se aterroriza com o barulho da descarga no sanitário. Marlo se desorganiza psiquicamente com o choro do filho e tomada por uma incapacidade de resolver aquela situação se angustia também. A chegada do professor naquele momento de sofrimento acalma ambos.

Nessa cena, podemos notar a importância da entrada de um terceiro, que diante da angústia da mãe, possa lhe oferecer suporte e acalmar seu filho, e assim, a mãe pode voltar-se para si e se acalmar, enquanto o professor cuidava da angústia do garoto. Ou seja, o professor funcionou como a figura do terceiro que oferece continência e proteção aos temores do filho e concomitantemente permite que a mãe também seja protegida. Em outras palavras, a figura do professor pôde organizar os temores do menino, interditando seu sofrimento e promovendo um amparo. A função paterna neste momento se mostrou extremamente necessária para que mãe e filho pudessem se acalmar e retornar ao seu equilíbrio emocional.

Além disso, ao observar como os pais lidam com as queixas do filho, percebemos que eles estão inseguros diante das dificuldades apresentadas por Jonah, não conseguindo promover um amparo em relação às angústias dele. Assim como muitos pais na atualidade, ocorre a valorização do discurso de médicos, professores e especialistas em detrimento de seus conhecimentos enquanto pais. Com isso, é possível notar a fragilização e as dificuldades dos pais diante dos comportamentos de Jonah e a busca por alguma resposta. Assim, após passar por três especialistas, reuniões com a diretora e permanecer sem uma resposta que possa solucionar o comportamento da criança, a mãe recorre à internet em busca de vídeos que possam solucionar o problema de seu filho, como a técnica de escova-lo toda noite antes de dormir. Tal fato demonstra o quanto a mãe necessita de uma figura de apoio e continência para suas angústias no cuidado do filho.

Num segundo momento, podemos refletir acerca do desempenho da função paterna na família é no que diz respeito ao surgimento de Tully. É no final da história que compreendemos que a babá era, na realidade, uma fantasia de Marlo, concebida a partir de uma falta produzida pela ausência do terceiro na dinâmica familiar. A mãe estava passando por momentos difíceis, sobrecarregada e desorganizada para enfrentar a demanda dos filhos e da organização da casa. Após o episódio de expulsão do filho na escola, Marlo chega ao seu limite e aceita o conselho do irmão, de procurar uma babá para ajuda-la com o bebê. É neste cenário de angústias e solidão que surge Tully, uma jovem moça com muita disponibilidade para cuidar das crianças e da casa. Seu trabalho era relacionado aos cuidados com a casa e a recém-nascida, o que possibilitou à Marlo ter um tempo livre para descansar e voltar-se para outras demandas em sua vida. A chegada da babá restituiu

a organização da mãe, ressurgindo até seu sorriso que por tantas cenas ficou escondido. Podemos relacionar o papel desempenhado por Tully com o papel do pai na dinâmica familiar, como um suporte não só para os filhos, mas também para mãe. Segundo Winnicott (1944) a função do pai inicia-se antes mesmo do nascimento do bebê. Seu papel inicial é de proporcionar um ambiente de apoio, que contribua para a organização psíquica da mãe para que ela possa voltar-se exclusivamente para as demandas do bebê e exercer tranquilamente sua função materna.

Acerca da figura paterna na constituição da subjetividade, apontamos para a importância da existência de uma figura que funcione como o terceiro na relação entre a mãe e o filho. É necessário lembrar que existe uma diferença entre a figura do pai e a função paterna (papel simbólico que compõe a constituição da subjetividade). Ceccarelli (2002) esclarece o motivo dessa função carregar o nome do pai, baseando-se em um aspecto cultural da sociedade que leva em consideração o patriarcado vivido ao longo dos anos.

A função fálica, ou se preferirmos, "o outro da mãe", é cada vez menos exercida pelo homem, o que pode provocar profundas crises de angústia. Que haja algo que organize, que separe a célula narcísica mãe-filho, é condição fundamental para que o sujeito se constitua. Entretanto, dar a isto o nome de "Nome-do-Pai", ou "Função paterna", é um reflexo do patriarcado (CECARELLI, 2002, p. 89).

Considerações Finais

Com o roteiro criado em *Tully* fica notória a pretensão do filme em desconstruir a visão sublime da maternidade justamente para evidenciar o impacto psicológico que uma gravidez gera na vida de uma mulher, fator desencadeado

por questões biológicas e pressões sociais que delimitam a posição da mulher no ambiente domiciliar. Tal posição está relacionada com a imagem social da mãe e da figura paterna no grupo familiar, contexto que vem sendo modificado nas últimas décadas.

De acordo com os autores referenciados no presente capítulo, com o declínio do patriarcado ao longo dos anos, atualmente o pai sente-se inseguro em relação à autoridade sobre os filhos e esse fator o impede de desempenhar certas funções, tais como cuidado e educação. Esse processo gera consequências na subjetivação dos filhos, visto que prejudica a imposição de leis e transmissão de valores culturais.

Desencadeada a partir das mudanças sociais, a fragilização parental provoca insegurança no desempenho das funções parentais, repercutindo na subjetivação dos filhos.

Em *Tully* o conflito em relação à função paterna é exibido ao longo da trama à medida que Drew representa uma figura paterna ausente no ambiente familiar. Fragilizado pelas questões levantadas acima, Drew não realiza interdições aos desejos dos filhos, em especial ao Jonah, assim o filho não é capaz de controlar a sua vida pulsional e realiza demasiadas descargas motoras e emocionais à mãe.

Marlo, por sua vez, encontra-se saturada pelas demandas familiares e sociais, principalmente devido à sobrecarga emocional causada por Jonah. Dessa maneira, a mãe vivencia um desinvestimento libidinal do ego e um vínculo simbiótico com o filho.

Nesse contexto de investimento libidinal, a ausência de interdição impede que a simbiose entre Marlo e Jonah seja rompida para que a criança possa vivenciar o narcisismo secundário. A presença efetiva do pai na relação com o filho permitiria o desenvolvimento da independência

e autonomia em Jonah e o reinvestimento libidinal de Marlo em sua vida pessoal e no cônjuge. Portanto, foi possível perceber através da teoria psicanalítica e da análise do filme que as lacunas na função paterna operam na transmissão das interdições culturais, repercutindo na subjetivação dos filhos, além de contribuir para sobrecarga psíquica da mãe, que se sente desamparada diante das demandas sociais e familiares.

A narrativa, portanto, evidencia a importância de um outro objeto na subjetivação dos filhos bem como no amparo às angústias emocionais sentidas pela mãe.

No filme, a personagem Tully realiza tal papel à medida que oferece amparo às angústias emocionais sentidas por Marlo, como o apoio em atividades funcionais e de caráter educativo e doméstico. Ao final do filme fica notório o fato de que, por sentir-se fracassada na tentativa de pertencer ao papel social de mãe perfeita, fomenta uma fantasia de apoio no plano imaginário (relação com Tully) de maneira a buscar recursos para sustentar a não autoridade de Drew no vínculo familiar.

Referências

ARAÚJO, M. D. F. **Gênero e família na construção de relações democráticas. Casal e família: permanências e rupturas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 15, n. 161, p. 88-98, 2002.

DE ABREU, F. S. É possível relacionar a incidência do ateísmo com a decadência da função paterna em que a sociedade contemporânea vive?. **Reverso**, v 34, n64, pp57-62, 2012.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, 14, pp83-119, 1974.

FREUD, S. Totem e Tabu [1913]. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. J. Salomão (trad.), Vol. 13, pp. 13-163. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo [1924]. In S. Freud, O ego o Id e outros trabalhos -**Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**, Vol. 19; pp. 191-199). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969.

GOMES, I. C.. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. 1998. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Zahar, 2003.

SCHOLZ, A. L. T., SCREMIN, A. L. X., BOTTOLI, C., & COSTA, V. F. D. O exercício da parentalidade no contexto atual eo lugar da criança como protagonista. **Estudos de Psicanálise**, v. 44, pp. 15-22, 2015.

SOLIS-PONTON, L., LEOVICI, S., SILVA, M. C., PONTON, L., SILVA, M. G. C. D. **Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**, 2004.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração: A família: santuário ou instituição sitiada?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MELLER, P. L.. Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise. **FEBRAPSI**, 2017. Disponível em: <<https://www.febrapsi.org/wp-content/uploads/2017/02/narcisismo-lores-pedro-meller.pdf>>. Acesso em 06 dez 2019.

MINERBO, M.. **Neurose e não neurose**. Editora Blucher, 2019.

WEISSMANN, L., et al. **Famílias monoparentais: um olhar psicanalítico**. PhD Thesis. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2008.

WINNICOTT, D. Família e maturidade emocional [1960]. In: **A família e o desenvolvimento individual** (pp. 129-138). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WINNICOTT, D. W. E o pai? [1944] In: **A criança e o seu mundo** (6a. ed.). Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1982.

WINNICOTT, D. W. As raízes da agressividade [1939]. In **A criança e o seu mundo** (6a. ed.). Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1982

ZANETTI S. A. S., & HÖFIG J. A. G. Repensando o complexo de Édipo e a formação do superego na contemporaneidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v36, n3, pp.696-708, 2016. doi: 10.1590/1982-3703001652014

ZANETTI, S. A. S., GOMES, I. C. A “fragilização das funções parentais” na família contemporânea: determinantes e consequências. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 2, pp. 491-502, 2011.

Capítulo 10

O REI LEÃO: REFLEXÕES SOBRE O COMPLEXO DE ÉDIPO

Caroline Trevisan Mendes de Almeida

Introdução

Freud elaborou o conceito de complexo de Édipo a partir do mito de Édipo, transformado em tragédia grega por Sófocles (1990), em Édipo rei. A história do mito a qual Sófocles utiliza para produzir sua tragédia se inicia com a maldição imposta a Laio de que se tivesse um filho, este o mataria e se casaria com a sua esposa.

Laio se casa com Jocasta, tornando-se rei de Tebas, e de fato tem um filho que, após o nascimento, é mandado embora com os pés amarrados e perfurados para a morte, sendo daí a origem de seu nome (Édipo = pés inchados). No entanto, Édipo acaba indo viver em Corinto, por caridade daqueles que ficaram responsáveis em abandoná-lo, sendo criado por uma nova família (SÓFOCLES, 1990).

Ao ouvir boatos de que poderia ser um filho adotivo, Édipo busca respostas através do oráculo que lhe responde que ele mataria o seu pai e se casaria com a sua mãe. Desejando evitar fazer mal aqueles que considera serem seus pais, acaba se distanciando da cidade e encontra Laio e seus homens na estrada, desentendendo-se e provocando a morte de seu pai, sem saber que ele era seu pai biológico (SÓFOCLES, 1990).

Ao chegar à cidade de Tebas casa-se com Jocasta, sua mãe biológica, e tem filhos com ela. Na tragédia grega

ocorre uma investigação do assassinato de Laio, e ao descobrir que havia matado seu próprio pai e se casado com a sua mãe, Jocasta se suicida e Édipo mutila seus próprios olhos, ficando cego, exilando-se da cidade (SÓFOCLES, 1990).

É na carta 71 de Freud a Fliess, em 1897, que surge pela primeira vez, conforme aponta Raffaelli (2006), a palavra Édipo nos escritos de Freud. Após correlacionar sentimentos vividos e lembrados de sua infância começa a considerar universal a ideia de que os meninos têm as mães enquanto escolha amorosa e sentem ciúme da relação entre os pais:

(...) mas a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual (FREUD, 1897 apud MASSON, 1986, p. 273).

Laplanche e Pontalis (2004) definem o Complexo de Édipo como uma união de desejos amorosos e hostis vividos pela criança em relação a seus pais. É apresentado de duas formas, sendo a positiva mais próxima da ideia do mito de Édipo, em que se deseja a morte do rival do mesmo sexo e um desejo sexual pela figura do sexo oposto. Em sua segunda forma, considerada negativa, ocorre uma inversão: ama-se a figura parental do mesmo sexo e rivaliza e odeia com a do sexo oposto. Em uma elaboração completa do complexo, ambas são encontradas. Apontam que para Freud o ápice do Complexo de Édipo ocorre dos três aos cinco anos, na fase fálica, tendo seu declínio na entrada da fase de latência. Esta vivência inicial é reeditada

na puberdade, sendo superada de maneira mais ou menos exitosa no tipo especial de escolha de objeto.

Zimerman (2001) aponta que mais do que a ideia de amor pelo genitor do sexo oposto e da disputa/ódio ao genitor do mesmo sexo que remete ao mito de Édipo, o conceito implica principalmente no entendimento de que os sentimentos de amor e ódio pelos genitores são alternantes. Sua importância na atualidade refere-se a muitos aspectos necessários para a convivência social e em grupo, dentre eles a possibilidade de triangulação nas relações, formação de identificações e ingresso em uma genitalidade adulta.

No artigo O Ego e o Id, Freud (1923) relata considerar o Complexo de Édipo como um processo de identificações duplo, chamado de positivo e negativo, pois percebe que tanto o menino quanto a menina se identificarão com ambos os genitores durante sua elaboração antes de estabelecer a identificação definitiva.

Freud (1923) complementa que além de constituírem fontes de identificações, os pais precisam estabelecer o interdito, ou seja, os filhos precisam também se identificar com as proibições parentais que impedem a realização de desejos incestuosos, surgindo então o ideal de ego / superego³ (termos que Freud ainda não havia definido com

³ Segundo Laplanche e Pontalis (2004), o ideal de ego se constitui como uma instância em que se unem a idealização do ego (narcisismo) e as identificações com os pais, seus substitutos e ideais coletivos; é uma instância diferenciadora, que serve como um modelo ideal a ser seguido. Freud também abordará esse conceito na obra Psicologia de grupo e análise do ego (1921), na qual considera que o ideal de ego pode constituir-se como elemento de ligação entre as pessoas, sendo a base para participação no grupo, por meio de um ideal de ego coletivo. Ao longo da evolução dos conceitos realizada por Freud, ideal de ego passa a ter um significado diferente do conceito de superego (empregado como sinônimos no texto “O Ego e o Id” [1923]); tornando-se uma subestrutura do superego. Este é definido como uma instância da

precisão nessa obra). Freud (1923) ressalta que quanto mais intenso tiver sido a experiência do Complexo de Édipo, mais forte e severa será a dominação do superego sobre o ego, através da consciência moral e da culpa inconsciente.

Freud (1923) aponta que o superego não é somente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id, mas também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. Não se trata somente de expor o que deve ser feito (você deveria ser assim, como o seu pai), pois inclui também a proibição (você não pode ser assim, como o seu pai, não pode fazer tudo o que ele faz, pois existem coisas que são inerentes à sua posição enquanto pai). Esse caráter duplo do ideal do ego/superego deriva do fato de que este ideal do ego deve reprimir o complexo de Édipo, sendo esta a razão de sua existência. Como a repressão do complexo de Édipo não era uma missão fácil, sendo os pais da criança, e em especial o pai, percebidos como obstáculos para a realização dos desejos edipianos, tornou-se necessário que o ego infantil desenvolva dentro de si próprio esse mesmo obstáculo para concretização da repressão.

Tomando emprestada a força desse pai para a construção de tal obstáculo, o superego retém o caráter do pai, de forma que quanto mais tiver poder o complexo de Édipo, e de quanto mais rápido submeter-se à repressão, por meio da influência de autoridades, religião, educação escolar, etc, mais severa será, posteriormente, a dominação do superego sobre o ego, através da consciência ou sentimento inconsciente de culpa. Desta forma, o ideal do ego ou superego consiste no

personalidade com papel similar ao de um censor para o ego, com funções de consciência moral, auto-observação e formação de ideais; é o “herdeiro do complexo de Édipo, constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004; p. 497-498).

representante das nossas relações com nossos pais, sendo que quando crianças admiramos e tememos essas naturezas mais elevadas, posteriormente inserindo-as em nós mesmos (FREUD, 1923).

Considerando a importância da dinâmica familiar implicada no processo de elaboração do complexo de Édipo, Kaës (2011) aponta que no relacionamento com o outro e o grupo social são realizados investimentos libidinais recíprocos que colaboram para a formação de identificações inconscientes que nos levam a um objeto e traços em comum, aspectos fundamentais para a formação do vínculo, sendo realizadas alianças conscientes e inconscientes.

Kaës (2011) afirma que estabelecer uma aliança implica em um processo de ligação entre duas ou mais pessoas que pressupõe um objetivo e comprometimento em comum. Forma-se uma realidade psíquica do grupo, por meio das alianças, que requer concessões, mas concede satisfações com base em custos psíquicos. A aliança adquire para cada um dos sujeitos um valor psíquico decisivo, de modo que o grupo ligado, como a família, deriva sua realidade psíquica das alianças, contratos e pactos que tais sujeitos promovem e que sua posição no conjunto os obriga a manter. Cada um é sujeito do seu inconsciente, que fica envolvido pelas alianças psíquicas, de forma que a aliança molda e forma parte do inconsciente e da realidade psíquica de cada sujeito (KAËS, 2011).

Sendo assim, de acordo com Kaës (2011) a malha da trama familiar envolve uma série de fatores que não podem e nem se restringem a um indivíduo isolado nesse contexto. Nesta malhagem da trama familiar se promovem as identificações e os investimentos narcísicos que permitem a continuidade dos vínculos, os mecanismos de defesa próprios e predominantes das pessoas envolvidas, as transmissões psíquicas elaboradas e as não simbolizadas e

as alianças psíquicas formadas de forma consciente e inconsciente para preservação e continuidade da estrutura familiar.

Julien (2000) considera que a família é a responsável pela transmissão dos interditos, bases da ordem social e que é por meio dela que se estabelece uma estrutura na qual o sistema de parentesco define lugares simbólicos e promove um discurso que organiza esses lugares. Lopes e Paiva (2012) afirmam que o Complexo contribui para a organização, no contexto familiar, da lei reguladora do desejo e da proibição, a lei da diferença sexual, promovendo, assim, a diversidade e o respeito. Segundo os autores,

Na família, o triângulo não pode ser entendido como equilátero. Há uma relação de assimetria, pois há um plano onde está inserido o casal parental e, em um outro plano, os filhos. Espera-se que esta relação de assimetria, que se comunica constantemente, funcione como um aprendizado para a maturidade, é uma condição necessária que visa gerar justamente a autonomia. Nessa experiência de experimentar diversos lugares estabelece-se um modelo de relacionamento caracterizado pela preocupação com as necessidades do outro e do desenvolvimento pessoal (LOPES, PAIVA, 2012, p. 164).

Rojas (2010) considera a família como uma estrutura que serve como sustentação e fonte de identificações possibilitando a elaboração de importantes trabalhos psíquicos. A autora aponta que a função parental serve de fonte de apoio e interdição, necessárias para a construção do psiquismo infantil e tal função apoia-se numa assimetria inicial entre adultos e crianças, que proporciona o estabelecimento de lugares para cada um nessa organização, ou seja, dos pais e dos filhos.

Na contemporaneidade compreende-se o conceito de complexo de Édipo através de uma vertente mais ampla, no sentido de não necessariamente ocorrer com a presença de um pai e uma mãe conforme proposto por Freud. León (2016) ressalta o papel de uma função diferenciadora, no qual ao invés de se falar de papéis parentais estritamente definidos, podemos considerar como uma função, que permitiria o registro das diferenças e separação nas relações intersubjetivas. Assim, entende a importância de um equilíbrio no exercício das funções parentais, em que tanto o pai quanto a mãe possam exercer funções de continência, narcisização e proibições. Não que sejam papéis indiferentes, mas que cada família construirá de acordo com sua dinâmica, um modelo próprio de parentalidade e exercício de funções.

Neste sentido, a constituição psíquica e, conseqüentemente, a elaboração edípica dos sujeitos funciona de forma interdependente com os três espaços psíquicos apontados por Vidal (2002), sendo eles o transubjetivo, intersubjetivo e intrasubjetivo. O espaço transubjetivo aponta todas as representações sociais, com relação às mudanças nos contextos familiares através da história, a descentralização da figura patriarcal, as funções parentais e a forma como devem ser exercidas. No que diz respeito ao espaço intersubjetivo, encontram-se fatores tais como o impacto que aspectos transgeracionais, como a vivência edípica das gerações anteriores, influenciam significativamente na história e elaboração edípica da geração atual; alianças inconscientes e “dívidas” que são estabelecidas e transmitidas no meio familiar; e funções atribuídas a cada membro do grupo dentro da família. O espaço intrasubjetivo inclui a forma como cada sujeito lidará consigo mesmo com as pulsões, desejos e relações objetais vivenciadas.

Sendo assim, quando são referidas as vivências relacionadas ao vínculo da mãe e do bebê, experiências narcísicas anteriores às vivências edípicas, muitos outros já estão presentes, todo o registro de uma ancestralidade, transmitida de forma transgeracional, do que é ser mãe, de como as mães de uma determinada família exercem as funções de cuidado e narcisização, e também do que a sociedade entende como representação desta relação materna. O bebê não é um ser isolado, é fruto de um projeto da sua mãe, um projeto do seu pai, de tudo o que se inscreveu na relação do par e da bagagem psíquica herdada por cada componente do casal, e que permitiu que o bebê ocupasse um lugar no momento atual (ALMEIDA, 2018).

Da mesma forma, quando se chega à vivência da experiência edípica, não se trata somente da relação entre pai, mãe e a criança, mas toda a construção social, familiar e vincular pregressa, que repercute e influencia de forma significativa para estas relações e como serão elaboradas pelos componentes da trama familiar na geração atual, inclusive permitindo ou dificultando que a função terceira ou diferenciadora consiga ser exercida levando a uma elaboração edípica da criança (ALMEIDA, 2018).

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	The Lion King
Nome Traduzido	O Rei Leão
Gênero	Drama, Animação
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos/ Inglês
Duração	1h58min
Direção	Jon Favreau

Simba é um leão que acaba de nascer e tem como pais Mufasa, o rei da selva, e Sarabi, a rainha, sendo herdeiro do trono. Ao nascer, é recebido com alegria pelos animais do reino, exceto pelo seu tio Scar, que até seu nascimento seria o herdeiro do reinado por direito, no caso do falecimento de seu irmão Mufasa.

Scar, ao perceber que não terá a sucessão direta do trono de Mufasa, prepara uma armadilha para o pequeno Simba, que vai para um local indicado pelo seu tio para descobrir o seu rugido e ser considerado adulto, sem o conhecimento e a autorização dos seus pais, o que acaba gerando o falecimento de Mufasa ao tentar salvar Simba de um desfiladeiro de animais. Esta situação foi planejada por Scar, porém, o tio leva Simba a acreditar que ele é culpado pela morte de seu pai e, por isso, deve se afastar do reino, não merecendo a posição de rei e sucessor de seu pai.

Simba se sente entristecido e culpado e acaba se afastando do reino, desejando nunca mais voltar, por acreditar que prejudicou a todos com o falecimento do pai. Conhece novos amigos, Timão, um suricato, e Pumba, um javali, que procuram demonstrar a ele uma nova vida que não inclua a ingestão de carne, o que colocaria em risco a vida dos animais. Esta amizade trás alegrias para Simba, que cresce ao lado dos amigos e adquire como filosofia de vida “Hakuna Matata”, o que corresponderia a “sem problemas”, tentando não se preocupar com os problemas passados anteriormente e o impacto emocional frente a morte de seu pai.

Enquanto isto, na floresta, Scar assumiu o reinado tendo as hienas como parceiras, modificando a vida de todos os animais que passam a ser perseguidos por elas e não protegidos pelo rei. Nala, uma leoa muito próxima de Simba quando eram filhotes, decide procurar ajuda para que o reino volte a ser um lugar que promova o cuidado, a proteção e união dos animais.

Após sair a procura de auxílio, Nala encontra Simba e descobre que ele está vivo - Scar havia mentido sobre sua morte - e ambos retomam a aproximação de outrora. Porém, ao ser solicitado por Nala para que retorne ao reino, Simba afirma que não poderá voltar. Será preciso a presença de Rafiki, um chimpanzé considerado como sábio desde os tempos de Mufasa, apontar para Simba o quanto ele traz aspectos do pai em si mesmo, ao se ver como adulto refletido no lago, para que ele decida retomar o seu papel frente ao reino.

Simba decide enfrentar seu tio para assumir a posse enquanto rei, e obtém o auxílio de seus amigos e de Nala no retorno. Precisa enfrentar Scar e as hienas durante o confronto, em que acaba descobrindo que a morte de Mufasa foi fruto de uma armadilha de Scar, libertando-o da culpa. É só a partir deste momento, ao descobrir que não foi o causador da morte do pai, que se sente digno de assumir o seu posto de direito. Scar insiste em impossibilitar que Simba assuma o reino, e acaba falecendo no confronto, atacado pelas hienas, que percebem a sua falta de fidelidade ao grupo.

Simba assume o trono e começa uma nova família ao lado de Nala, tendo um filho, atuando como um verdadeiro rei, conforme o exemplo de seu pai e sua fala ao filho quando filhote *“Filho, enquanto os outros só querem ter, um verdadeiro rei se preocupa em oferecer”*. A floresta retoma a união que existira anteriormente e os animais são novamente respeitados por todos.

Análise Crítica

Verifica-se, no decorrer do filme, o quanto Mufasa é uma referência que promove em Simba uma série de identificações. É um rei amado pelos seus súditos, mas também temido pelas hienas, protetor do grupo e do

próprio filho. Simba observa Mufasa e deseja ser como o pai, rugindo como ele, para não ser mais considerado um filhote, desejando a admiração deste pai.

Conforme aponta Freud (1923), no complexo de Édipo verifica-se um processo de identificações duplo, em que tanto o menino quanto a menina se identificarão com ambos os genitores antes de estabelecer a identificação definitiva. No filme, a identificação é mais claramente realizada com Mufasa, mas a identificação de Simba com sua mãe Sarabi também pode ser considerada, sendo ela um modelo relacionado ao cuidado e afeto tanto com a família quanto com o grupo de animais de forma mais ampla.

Rojas (2010) aponta o quanto a família serve como sustentação e fonte de identificações, e considera que a função parental funciona como fonte de apoio e interdição necessárias para a construção do psiquismo infantil. A importância da interdição e de uma relação de assimetria inicial entre pais e filhos é evidenciada na literatura, indicando inclusive uma condição para gerar autonomia, na experimentação de lugares que levam a relacionamentos que apresentam preocupação com as necessidades do outro e ao desenvolvimento pessoal (LOPES, PAIVA, 2012).

Mufasa demonstra, em diversos momentos, essa relação assimétrica com o filho, proibindo-o de frequentar lugares sombrios do reino e alertando-o para o papel de um verdadeiro rei, que implicaria não somente a busca na obtenção de bens e riquezas, mas o oferecimento de proteção e respeito ao reino pelo qual é responsável. Trata-se também de uma interdição social, de controle de impulsos e contenção da satisfação imediata dos desejos. Mufasa oferece seu próprio exemplo ao proibir que os animais do reino sejam caçados para tornarem-se alimentos dos animais carnívoros, incluindo as hienas e os próprios leões.

Freud (1923) considera que no estabelecimento dos interditos, os filhos também precisam se identificar com as proibições parentais promovendo o surgimento do superego. Esta instância psíquica não somente expõe o que pode ser feito (o que o sujeito deve ser, assim como o seu pai), mas também inclui a proibição (aquilo que o sujeito não pode ser, o que não pode fazer assim como o seu pai faz). O ego infantil cria dentro de si próprio esse obstáculo para a concretização da repressão dos desejos edipianos que não podem ser satisfeitos, estruturando um superego durante a elaboração edipiana.

Verifica-se que Simba, sendo ainda um filhote, com desejos e impulsos que gostaria que fossem realizados, desobedece às ordens do pai ao frequentar uma parte sombria do reino proibida por ele. É influenciado pelo seu tio Scar, que rivaliza com o irmão Mufasa e o próprio Simba, por desejar um lugar de rei que não lhe pertence, com dificuldades na repressão e contenção de seus impulsos. Mufasa consegue salvar o filho uma primeira vez, conversando com ele sobre a sua atitude e a importância da sua obediência, procurando deixar claro os interditos.

Porém, Simba ainda sente que é enxergado como um filhote, e seu tio Scar o convence a tentar encontrar o seu rugido e provar para todos que já cresceu, levando-o a um local perigoso. E é justamente a negligência do interdito imposto pelo pai que leva à sua morte e Simba enfrenta, então, as consequências por não respeitar a interdição, rivalizando a autoridade paterna em busca de tornar-se adulto como seu pai.

Conforme apontado por Zimmerman (2001), o conceito de complexo de Édipo implica compreender que os sentimentos de amor e ódio pelos genitores são alternantes. Simba não se dá conta dos sentimentos de ódio e rivalidade que possui em relação ao seu pai, expressando somente os sentimentos de amor durante o

filme, mas as fantasias inconscientes de que poderia superar o seu pai e assumir o seu lugar de poder e prestígio perante o reino, apresentam uma influência muito intensa a partir da morte concreta de Mufasa.

Freud (1923) também considera que quanto mais intenso o poder do complexo de Édipo e quanto mais rápida ocorrer a repressão, por meio de alguma influência externa, como de autoridades, mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, por meio da consciência ou sentimento inconsciente de culpa. O tio Scar, considerado uma autoridade perante Simba, acusa-o da morte de Mufasa e ordena que fuja, por não ser digno de assumir a posição de rei após cometer o suposto parricídio.

A facilidade com que Simba acredita que de fato provocou essa morte deriva dos desejos inconscientes que parecem ter sido concretizados com a morte do pai. O sentimento de culpa é tão intenso, que ao ouvir a recomendação de Scar, Simba de fato vai embora, impondo a si mesmo um castigo, privando-se do seu lugar de direito, assim como observamos em Édipo Rei. Quando Édipo descobre ter assassinado seu pai e se casado com sua mãe, mutila seus próprios olhos, ficando cego e exilando-se de Tebas (SÓFOCLES, 1990). Além disso, existe uma associação entre a busca em crescer, ser adulto e assumir uma posição equivalente ao pai, por meio de uma atitude não aprovada por ele quando se afasta do reino, e o quanto a desobediência às suas ordens acabou resultando na morte do pai.

A constituição de um superego ocorre, e Simba consegue escapar do ataque das hienas e afasta-se do reino. Como tentativa de lidar com a culpa derivada de uma espécie de concretização da tragédia grega de Édipo Rei, Simba realiza uma repressão das questões edípicas por meio da aproximação de seus amigos Timão e Pumba,

adotando o lema “Rakuna Matata”, “sem problemas”, para não tomar contato com os sentimentos derivados da morte do pai e seus reflexos psíquicos.

Simba vivenciará a latência, que segundo Laplanche e Pontalis (2004) ocorre com o declínio da fase fálica em que o complexo de Édipo é vivenciado, desviando sua libido para outras experiências relacionadas ao aprendizado, como aprender o que deve comer, qual filosofia de vida deve adotar e como manter um relacionamento amistoso com os demais animais. Durante este período, cresce e deixa de ser um filhote.

No tocante à busca de ajuda por Nala que resulta no reencontro entre ambos, ela pede para que Simba volte e confronte Scar, assumindo sua posição de rei. Laplanche e Pontalis (2004) afirmam que a vivência edípica inicial é reeditada na puberdade, e após passado o período de latência, em que Simba vive “sem problemas” (Rakuna Matata), é chegado o momento em que deverá deparar-se novamente com as emoções e culpa experienciados quando filhote.

Nala leva Simba a repensar sobre a sua importância para o reino, o seu papel social, atribuindo-lhe o legado transmitido por Scar ao filho primogênito, que deve assumir o reinado no caso da morte do pai. As alianças formadas inconscientemente no grupo indicam que Simba é por direito aquele que deve ser consagrado rei. O próprio Mufasa já tinha indicado para Simba a sucessão do reinado, porém a culpa do filho após a morte do pai, bem como a acusação de Scar a qual gerou a culpa em Simba, o impediram de assumir essa posição. Conforme afirma Mufasa ao filho: *“Olhe Simba, tudo o que o sol toca é o nosso reino (...), mas o tempo de um rei governar, nasce e se põe, como o sol. Um dia Simba, o sol vai se pôr no meu reinado, e nascerá no seu como um novo reino.”*

Verifica-se o quanto a intersubjetividade é importante para a manutenção do grupo, por meio da confirmação dos interditos, da lei social, do controle dos impulsos e dos legados familiares. A constituição e a permanência no grupo estão relacionadas a estas confirmações, que possuem como base a ligação entre seus membros por meio da identificação.

A forma como Simba lidou consigo mesmo com relação às suas pulsões e desejos, que se relaciona ao espaço intrasubjetivo apontado por Vidal (2002), passando por um período de latência e reedição das experiências edípicas ao chegar na puberdade, afastado do reino, é composto também pelo reflexo da intersubjetividade em sua constituição psíquica. Ausenta-se do reino por entender que descumpriu um mandato social quando ocorre a morte do pai. Simba passa, inclusive, por um período de dificuldade em perceber sua própria identidade, não enxergando-se parecido com o pai, e a possibilidade de se defrontar com seus medos e culpa do passado retornam com a presença de Nala.

Rafiki, uma figura importante desde os tempos de Mufasa, procura promover em Simba um novo olhar sobre si mesmo, ao sugerir que se “encontre” com o pai ao se olhar no lago, quando Simba percebe o quanto é parecido com Mufasa. Aos poucos pode resgatar a importância do papel do pai no reino e como ele mesmo deve honrar com este compromisso. Cabe ressaltar que ao enxergar-se como o pai, as identificações positivas que tinha feito anteriormente com seu pai, estabelecendo em seu superego a forma como deve ser, assim como o pai, também são reavivadas neste período.

Simba decide, então, assumir sua posição de rei, contando com o auxílio dos amigos. Porém, ao encontrar-se com Scar, este conta para os demais que Simba havia sido culpado pela morte de Mufasa, de forma que não

mereceria ser rei. Uma aliança foi quebrada, um pacto rompido por meio do parricídio. A acusação do tio traz à tona a culpa derivada das questões edípicas vivenciadas, que promoveram uma espécie de concretização dos impulsos agressivos ao ver o pai morrer.

Esta culpa leva Simba a afastar-se do legado de rei transmitido por seu pai, quase caindo em uma fogueira abaixo de um conjunto de rochas, com a presença de Scar, assim como havia acontecido com seu pai. No entanto, neste momento Scar acaba contando o que havia feito com Mufasa, o que possibilita simbolicamente a Simba lutar pela sua posição enquanto rei, pois não sendo culpado pela morte do pai, deve honrar e ser merecedor do trono, impedindo que o verdadeiro assassino, Scar, continue a promover a desunião no reino e a desproteção dos animais de todas as espécies.

Neste momento verifica-se que as alianças inconscientes foram desfeitas, mas não pela atitude de Simba, e sim pela disputa e inveja de Scar, que provocou a morte de seu irmão e quase levou Simba ao mesmo destino. Conforme aponta Kaës (2011), a aliança implica em um processo de ligação entre duas ou mais pessoas, com um objetivo e comprometimento em comum. Através da aliança é formada uma realidade psíquica do grupo, que exige concessões, mas concede satisfações a partir dos custos psíquicos. Perante cada um dos sujeitos pertencentes ao grupo a aliança adquire um valor decisivo, com contratos e pactos que os sujeitos precisam manter. Neste caso, Scar rompeu com o contrato do grupo, e ao perceber que a aliança com seu pai Mufasa tinha sido preservada por Simba, o filho se sente autorizado a assumir sua posição.

Simba entra em confronto com Scar, e esse embate resulta na morte do tio. Porém, acaba sendo atacado pelas hienas, pois novamente Scar havia rompido uma aliança,

dessa vez com elas, ao tentar convencer Simba a aceitá-lo no reino. Após o confronto e esclarecimento de que não tinha sido o responsável pela morte do pai, Simba consegue retomar o seu papel no reino, atuando como um rei à semelhança do reinado de seu pai, podendo se relacionar com Nala e ter um filho com ela, conforme o término da reedição edípica na puberdade com o tipo especial de escolha de objeto (LAPLANCHE, PONTALIS, 2001).

A continuidade da família pode ocorrer e o reino volta a ser constituído pela união, afeto e respeito entre os animais. A ordem e a lei, no sentido da contenção dos impulsos, dos animais carnívoros não atacarem os outros animais, volta a existir, demonstrando simbolicamente a questão da importância do Édipo em todo o meio social.

Considerações Finais

Considera-se que o filme possibilita contribuir de forma reflexiva sobre a experiência do complexo de Édipo, sendo este um importante conceito formulado por Freud e que tem reconhecimento e impacto social até a contemporaneidade.

Através das vivências de Simba, é possível observar os caminhos percorridos durante seu desenvolvimento e como a questão edípica se relaciona com cada um deles. Retomando ao início do filme, quando Simba é apresentado aos animais do reino, o processo de investimento narcísico está presente, e Simba aos poucos começa a desenvolver sua constituição psíquica, promovendo identificações, lidando com seus sentimentos de rivalidade inconscientes por meio da concretização da morte do pai, formando um superego e transitando para a fase de latência e revivescência da questão edípica na puberdade.

Verifica-se que além da forma intrasubjetiva que o complexo de Édipo é vivenciado por Simba, relacionado à

sua maneira de lidar com seus impulsos e sentimentos, a intersubjetividade é fundamental para compreender a elaboração edípica de forma mais ampla. Quando o seu tio Scar, uma autoridade no grupo, lhe dirige a culpa pelo rompimento de uma aliança por meio do suposto parricídio, a questão da intersubjetividade, dos acordos psíquicos e controle dos impulsos necessários para manutenção do grupo reavivam as questões intrasubjetivas já presentes em Simba, causando um impacto emocional profundo que o leva a afastar-se.

O filme “O Rei Leão” retrata um modelo tradicional de família, referência de Freud na elaboração da sua teoria, porém na contemporaneidade o papel estabelecido anteriormente pelo pai ou pela mãe é compreendido por meio do exercício das funções parentais, sejam elas de cuidados, narcizização e apoio, ou de diferenciação e interdição. Ainda assim, o filme possibilita a reflexão dessas experiências tão profundas, de amor e ódio pelas pessoas que representam as funções parentais, por meio de uma simbolização e de uma forma lúdica acessível às diferentes idades.

Referências

- ALMEIDA, C. T. M. de. **Vivências e significados do complexo de Édipo em uma família contemporânea**. 2018. 271 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Sociedade) – Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2018.
- FREUD, S. O Ego e o Id (1923). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XIX (1923-1925), O Ego e o Id e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 1, p. 13-80.
- JULIEN, P. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KAËS, R. **Um singular plural** – A psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

LAPLANCHE, J; PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEÓN, E. P. “Funcion diferenciadora” y parentalidad. **Apuruguay**, sem ano. Disponível em: < <http://www.apuruguay.org/sites/default/files/Ema-P-de-Leon-Funcion-diferenciadora-y-parentalidad-apu.pdf>>. Acesso em: 31 ago 2016.

LOPES, A. R.; PAIVA, M. L. de. S. C. Entendendo uma família monoparental à luz do Complexo de Édipo. In: Gomes, I. C.; Fernandes, M. I. A.; LEVISKY, R. B. (Orgs.). **Diálogos psicanalíticos sobre família e casal**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2012. p. 161-212.

MASSON, J. M. **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

RAFFAELLI, R. Freud: Questões Epistemológicas. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 80, p. 1-19, abr. 2006.

ROJAS, M. C. Desamparo e desmentidos na família atual: intervenções do analista. **Vínculo**, v. 7, n. 2, p. 2-7, dez. 2010. SOFOCLES. **A Trilogia Tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ZIMERMAN, D. E. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Capítulo 11

PROJETO FLÓRIDA: DESAFIOS DA MATERNIDADE FRENTE A VULNERABILIDADE SOCIAL

Bruna Martins Veroni Palma

Introdução

Com as mudanças socioculturais ocorridas nas últimas décadas, o grupo familiar tem passado por importantes transformações. Não é mais possível pensar em uma família expressa por um modelo único e tradicional de organização. Falamos agora em *famílias*, buscando contemplar a diversidade de composições possíveis no contemporâneo (GOMES, PEREIRA, 2005).

Abriu-se, portanto, o leque para a formação de novos arranjos familiares. A organização nuclear, composta por um homem, uma mulher e seus filhos, co-existe na atualidade com novos modelos. Há hoje famílias homoparentais, monoparentais, pluriparentais, regida pelos avós, adotantes, entre outras (ROUDINESCO, 2002).

Nem sempre, entretanto, há espaço para a tolerância e compreensão a certos modelos, atribuindo a eles um lugar marginal. As concepções, calcadas no modelo da chamada *família margarina*, ainda norteiam a conduta de muitos profissionais e políticas de assistência, culminando em expectativas que nem sempre são possíveis de serem alcançadas, frente à realidade social que vivem esses sujeitos. (RIOS, 2017; ACHING, 2013).

Nesse sentido, acompanhamos com frequência a estigmatização de famílias em situação de vulnerabilidade social, principalmente quanto à sua capacidade de cuidar e educar os seus membros. Em especial, é sobre a figura da mãe que recai grande parte da responsabilização pelas falhas na família. Isso porque, historicamente, a ela foram atribuídas as tarefas da casa e a criação dos filhos, quase isentando a importância de outras figuras, tais como o pai, a família extensa e as garantias do Estado, para o desenvolvimento de uma criança (KEHDY, 2019).

O tema *maternidade* é complexo, uma vez que a idealização e as altas expectativas quanto ao desempenho materno recaem sobre todas as mulheres, independentemente de sua classe social. Entretanto, a mãe pobre sempre enfrentou maiores dificuldades em assumir este papel (BADINTER, 1985), cabendo a nós dar-lhes destaque na nossa discussão.

Em *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, Badinter (1985) tece considerações sobre a construção desse lugar para o feminino e como as concepções moralizantes da época ainda pesam no nosso entendimento sobre a maternidade e família. Segundo a autora, é em meados do século XVIII que as transformações começam a ocorrer, com base na necessidade de diminuir as taxas de mortalidade entre crianças, e assim, promover uma guinada econômica.

Antes desse período, quase 50% da população infantil não chegava a completar os dez anos de idade. Com as baixas possibilidades de sobrevivência, não existia uma preocupação social para com este período da vida. Entretanto, com as transformações histórico-políticas pela qual passava a humanidade, tais como a ascensão da burguesia e a revolução industrial, novas necessidades surgiram ao Estado. Era preciso cortar os gastos e promover o crescimento populacional para o

desenvolvimento econômico. É a partir dessas necessidades que surgiu o sentimento de infância (ARIÉS, 1978).

Passa-se, então, a garantir a sobrevivência de crianças por meio da valorização de um cuidado próximo, executado agora pela mãe. Nesse cenário, a figura paterna foi gradualmente afastada de sua autoridade e, a mulher, por meio da maternidade, passou a ocupar um papel fundamental na família, cabendo-lhe o domínio da casa e a educação de seus filhos. (BORSA, NUNES, 2011; BADINTER, 1985). Como aponta a autora,

No fim do século XVIII, o amor materno parece um conceito novo. Não se ignora que este sentimento sempre existiu em todos os tempos, senão o tempo todo em toda parte [...]. Mas o que é novo, em relação aos dois séculos precedentes é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade. Alguns, mais cínicos verão nele, a longo prazo, um valor mercantil. (BADINTER, 1985, p.145).

Cabe destacar que o discurso científico também colaborou para a centralização do cuidado materno para a garantia do sucesso ou fracasso do desenvolvimento da criança. Podemos exemplificar o peso da responsabilidade materna por meio das palavras do advogado H. Rollet, escritas para o prefácio do livro “Le Devoir Maternel” (1911) de Ida Seé.

Na qualidade de advogado das crianças, depois de ter estudado mais de vinte mil processos de menores delinquentes ou criminosos, temos certeza que a criminalidade juvenil é quase sempre a consequência, seja da ausência da mãe no lar, seja da sua incapacidade ou de sua indignidade; por outro lado, temos a mesma certeza de que fazemos um pouco de bem em nossa vida, é a nossa

querida mamãe que devemos a inspiração para isso (*apud* BADINTER 1985, p. 273).

A mãe considerada *descuidada* e *negligente* por não cumprir com o seu papel, passou a ser vista como indigna do exercício materno. As mais pobres eram altamente condenadas, por exemplo, por deixarem seus filhos brincarem na rua, lugar de nascerça dos vagabundos e delinquentes. Aos olhos de moralistas e filantropos, esse era o sinal de que a família era malconduzida e a mãe, uma incapaz (BADINTER, 1985).

O projeto da maternidade, tal como proposto, não era acessível a essas mulheres, que sempre precisaram trabalhar para ajudar no sustento da casa. Com todas as suas obrigações, essas mães não tinham tempo para exercer o cuidado integral de seus filhos (BADINTER, 1985; DONZELOT, 1986).

Segundo Donzelot (1986), o Estado, em nome da conservação das crianças (e do capital), passou a intervir por meio das instituições protetoras da infância. Instaurou-se, a partir daí, uma vigilância sobre essas famílias e suas condutas, ditando o normal e o patológico, por meio do discurso médico e do judiciário.

Essa retomada histórica é pertinente para a nossa discussão, pois conseguimos observar as raízes das concepções de inadequação das famílias em vulnerabilidade social, em especial, sobre a mãe e seus cuidados. Desta forma, é possível ter em vista também, quais as repercussões dessa concepção para essa população nos dias atuais (NASCIMENTO, 2012).

Segundo Nascimento (2012), o discurso sobre a família pobre e suas supostas incapacidades se fortaleceram de tal forma que, as próprias passaram a se subjetivar sob essa afirmação. Assim, muitas dessas famílias concluíram que o melhor para seus filhos era a institucionalização. Passaram

a aceitar que seus cuidados não eram suficientes e adequados, e que os centros de acolhimento poderiam lhes oferecer melhores oportunidades, e quem sabe, uma melhor família.

Desta forma, se por um lado, as políticas de proteção à infância e a adolescência tem grande importância para a defesa de seus direitos, por outro, quando mal aplicadas, reforçam os estereótipos que não condizem com o que de fato se observa nessas famílias e suas reais necessidades (NASCIMENTO, 2012; IACONELLI, 2019).

Cabe ressaltar que no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reforça que nenhuma criança deve ser separada de sua família exclusivamente pela falta de recursos materiais, devendo-se investir no vínculo familiar. Após esgotadas as possibilidades de manutenção na família de origem é que o encaminhamento às instituições deve ser feito (BRASIL 1990).

Todavia, como ainda sugere Nascimento (2012), mesmo as questões de negligência merecem ser melhor analisadas, levando-se em conta as condições, a história e os recursos que essas famílias dispõem. Isso não implica em demonizar as ações de acolhimento institucional, uma vez que em alguns casos ela pode ser necessária e benéfica. O problema ocorre quando esta é a única solução proposta, não investindo em outras possibilidades de trabalho com famílias.

Por meio de algumas questões levantadas pelo filme *Projeto Flórida*, discutiremos os desafios de exercer o papel materno frente às questões impostas pelo contexto de vulnerabilidade social. Assim, faremos uso da teoria psicanalítica para ilustrar algumas situações apresentadas no longa, em consonância com as questões reais apresentadas neste capítulo.

Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	The Florida Project
Nome Traduzido	Projeto Flórida
Gênero	Drama
Ano	2018
Local de lançamento e Idioma original	EUA / Inglês
Duração	1h 51min
Direção	Sean Baker

Projeto Flórida nos conduz a um mundo onde a magia não alcança a todos. Com a trama centralizada na cidade mundialmente conhecida pelos famosos parques da Disney, acompanhamos a história uma parcela da população pobre e invisibilizada, que contrasta a todo momento com a ludicidade e magnitude do local.

O filme foca a história de Halley (Bria Vinaite), uma jovem mãe solo de temperamento impulsivo, e que enfrenta dificuldades em conseguir um emprego após ser presa, e sua filha Moonee (Brooklyn Prince), uma garotinha de 6 anos que vive perturbando a paz local com seus amigos Scooty (Christopher Rivera) e Jansey (Valéria Cotto).

Ambas são moradoras do *Magic Castle*, que apesar do nome, trata-se de um motel barato no subúrbio de Orlando, que serve de habitação à população de sub-trabalhadores da cidade. O local é administrado por Bobby (Willem Dafoe), uma figura que, apesar da rigidez, é afetuoso e se preocupa com as dificuldades enfrentadas pelos moradores do motel.

Halley conta também com a melhor amiga Ashley (Mela Murder), com quem divide os momentos de festa e

curtição. Desempregada, Halley cuida de Scooty para que a amiga possa trabalhar em uma lanchonete. Ambas se apoiam e inicialmente, esperam em breve trabalharem juntas. Entretanto, a relação das duas acaba quando seus filhos se envolvem em um incêndio de casas abandonadas.

Análise Crítica

A trama nos mostra o cotidiano desses personagens, nos colocando no campo de visão das crianças. É por meio do olhar delas, expresso pelo posicionamento da câmera que o diretor utiliza, que observamos a complexidade do mundo adulto. Apesar do tom doce e inocente que o filme transmite com as travessuras desmedidas das crianças, logo nos deparamos com a dureza e escassez da realidade em que vivem.

O filme nos possibilita uma importante oportunidade de discutirmos questões como a maternidade, vulnerabilidade social e infância nesse contexto. Sem incorrer em exageros e apelações, o longa constrói conosco os aspectos da vida real desses personagens. Conseguimos nos empatizar e entender suas decisões, dentro do que a realidade lhes impõe.

Halley está longe de ser a mãe ideal descrita por Badinter (1985). Ela é impulsiva, e seu temperamento explosivo nos causa inicialmente um certo temor. Quando tem uma briga violenta com sua amiga Ashley, ou mesmo nas situações adversas que enfrenta ao longo do filme, percebemos o quanto é difícil para a personagem lidar com seus sentimentos: tudo é resolvido no ato e com certa agressividade.

Entretanto, não podemos questionar o seu afeto e carinho pela filha. Apesar da escassez de recursos - até mesmo psíquicos -, ela tenta proteger Moonee daquilo que sabe que está errado e tem momentos muito doces com

ela. Halley transforma, da maneira como pode, momentos dramáticos em experiências com alguma ludicidade e diversão para a garota, mediando a relação com a difícil realidade que vivem.

Para a psicanálise, tornar-se mãe envolve fatores que vão muito além de uma capacidade biológica ou de uma conduta pré-determinada pela sociedade. O desejo, a história pessoal, assim como os legados inter e transgeracionais é que ditam os recursos que cada uma terá para se posicionar frente à maternidade (HOUZEL, 2006; SANTOS, MOTTA, 2014).

Desta forma, o fato de viver em uma situação de pobreza e não corresponder aos ideais da maternidade, não determina que uma mãe (ou um pai, por exemplo) não terá condições, ao menos psíquicas, para exercer as suas funções parentais. Como afirma Kehdy (2019), “[...] há cuidadores que representam um risco para as crianças não pela pobreza material, mas pelo impedimento psíquico de investir amorosamente, cuidar e proteger” (p.31).

É preciso, contudo, reconhecer que as condições sociais e econômicas interferem de maneira significativa para a execução desse papel (SANTOS, MOTTA, 2014). A família em situação de vulnerabilidade social é atravessada constantemente pela falta de recursos materiais, pela instabilidade e pela fragilização das redes de apoio, condições estas que repercutem também na sua subjetividade (KLAUTAU, 2017; STERN, 1998).

Segundo Winnicott (1999; 2000), o cuidado nos anos iniciais da criança é crucial para o seu desenvolvimento emocional, destacando a relação mãe-bebê e a importância do *ambiente* para o estabelecimento do psiquismo. A *mãe suficientemente boa* gradualmente apresentará o *ambiente* a seu filho, permitindo que ele experimente um sentimento de identidade, sem ser invadido precocemente pela realidade.

Para que uma mulher - ou qualquer outra figura que exerça os cuidados primários - possa exercer uma maternagem *suficientemente boa* para o seu bebê, é preciso que ela entre em um estado de retraimento e sensibilidade exacerbada. Esse estado, que em outras situações poderia ser considerado uma doença, é denominado *preocupação materna primária*. É ela que permite uma profunda identificação da mãe com seu bebê, e por meio dela, atender às necessidades dessa criança ou não.

Aching (2013), em um estudo com mulheres em situação de vulnerabilidade, aponta-nos para a dificuldade de entrar no estado de *preocupação materna primária* por elas. É difícil direcionar totalmente o psiquismo para o cuidado de uma criança quando questões básicas, como moradia e alimentação não são garantidas. Além disso, segundo a autora, ocorre com frequência a perda de laços com familiares e/ou com o companheiro, pessoas que são extremamente necessárias para apoiar a mãe nesse momento.

Segundo Podkameni e Guimarães (2010), ainda que uma mãe exerça uma maternagem afetiva, permitindo que o bebê viva *ilusão* de criar um *ambiente bom* e integrador no meio familiar, o *ambiente encontrado* na realidade externa não será compatível com o de suas fantasias. Este ambiente, marcado pela desigualdade, instaura uma insegurança, mobilizando então, os sistemas de defesa da criança.

A realidade concreta não provê os elementos fundamentais para garantir nem mesmo o básico para a existência, impactando negativamente sobre os recursos que esse sujeito poderá desenvolver. A capacidade de enfrentamento das adversidades da vida e as saídas criativas, por exemplo, nem sempre serão encontrarão sustentação nessa realidade (KLAUTAU, 2017).

No longa, vemos que Halley busca de todas as formas encontrar uma maneira socialmente aceita de se estabelecer: ela recorre a assistência social, vende

perfumes nas portas de hotéis para os estrangeiros, tem esperança que a amiga lhe consiga um emprego na lanchonete. Entretanto, nenhuma dessas alternativas lhe oferece uma resposta satisfatória. Após a briga com Ashley e a segurança do hotel no qual vendias perfumes informalmente tomar os seus produtos, não lhe restam muitas alternativas para garantir o sustento de sua família.

O ponto decisivo do filme é quando a personagem perde a guarda de sua filha, após a denúncia de que ela estava se prostituindo no motel que habitavam. O fato é agravado quando descobrimos que, sem o apoio de Ashley, que por vezes cuidava de Moonee enquanto ela trabalhava, a menina permanecia dentro do quarto durante o programa.

Hayley buscava, como podia, preservar a filha, e proibia seus clientes de usar o seu o banheiro durante seus encontros. É apenas quando um deles ultrapassa esse limite que percebemos o absurdo da situação: nos damos conta de que todos os momentos de música alta e brinquedos na banheira ao longo da trama escondiam essa realidade.

O esgarçamento da sua frágil rede de apoio, e a falta de recursos para que consiga resolver a situação de outra forma, leva essa mãe a atitudes desesperadas. Ainda assim, ela tenta preservar a filha. Como aponta Gomes e Pereira (2005),

[...] quando a casa deixa de ser um espaço de proteção para ser um espaço de conflito, a superação desta situação se dá de forma muito fragmentada, uma vez que esta família não dispõe de redes de apoio para o enfrentamento das adversidades, resultando, assim, na sua desestruturação. A realidade das famílias pobres não traz no seu seio familiar a harmonia para que ela possa ser a propulsora do desenvolvimento saudável de seus membros, uma vez que seus direitos estão sendo negados (GOMES, PEREIRA, 2005, p. 359).

É preciso, portanto, que a assistência social opere, tal como preconiza Winnicott (1999; 2000) para minimizar os efeitos da pobreza e construa um lugar de dignidade para essas pessoas. A provisão material, bem como o acolhimento das demandas emocionais, tem um papel fundamental para garantir um *ambiente* seguro e capaz de sustentar desenvolvimento da família (ACHING, 2013).

A cena final, em que somos confrontados com a separação de Halley e Moonee, nos coloca em um sério questionamento: seria a separação realmente a melhor solução para aquela família?

Em *Sobre a criança carente e de como ela pode ser compensada pela perda da vida familiar*, Winnicott (1980) faz importantes considerações quanto ao acolhimento institucional de crianças e seus critérios. Para o autor, apenas se justifica a separação familiar nos casos onde as figuras parentais encontram-se indisponíveis para o cuidado da criança. Preconiza-se, portanto, o investimento nessa família antes de incorrer em uma intervenção mais drástica.

[...] nossa atenção deve estar sobretudo voltada à provisão, para o comum dos lares, de condições básicas de habitação, alimento, vestuário, educação, recreação e de algo que se poderia chamar alimento cultural. [...], quando o lar é suficientemente bom, é ele o melhor lugar para a criança se desenvolver. A maioria das crianças perturbadas sofre em decorrência de fatores internos, distúrbios do desenvolvimento emocional do indivíduo que têm como raiz o fato de a vida ser naturalmente difícil. Essas perturbações podem ser tratadas enquanto a criança permanece em casa. (p. 113-114).

Em *Cuidados maternos e saúde mental*, John Bowlby (2006) também apresenta algumas pesquisas sobre o desenvolvimento infantil, comparando os ditos lares

“inadequados” e os centros de acolhida para crianças. Como demonstra, os resultados positivos foram encontrados muito mais presentes nos lares “desfavoráveis” do que nas instituições. Isso porque, apesar de toda falta e comportamentos questionáveis por parte dos responsáveis, estar em família confere à essas crianças a sensação de continuidade e pertença.

A literatura também aponta que crianças que passam pelo acolhimento institucional vivenciam rupturas importantes. Essas rupturas produzem marcas no psiquismo da criança e, por isso, não devem ser a primeira medida adotada (SOUSA et. al., 2016; BERNO, 1999). Muitas perdem os vínculos com seus familiares e não são inseridas em famílias de apoio ou adoção, em razão da idade ou do tempo de abrigamento. Assim, essas crianças permanecem “[...] sem referências socioemocionais relevantes para apoio e conquista em direção à autonomia” (FÁVERO, VITTALE, BAPTISTA, 2009, p. 20).

O peso da separação fica evidente na cena final. Ironicamente, o conselho tutelar, supostamente presente para defender a criança das atitudes condenáveis de sua mãe, não consegue conter a menina, que facilmente foge. Moonee, que até então se apresentou como uma criança forte e destemida, encara o desamparo e pela primeira vez, vemos seu lado frágil aparecer. Observamos nesse momento a discrepância entre o que enxergam os serviços de proteção social e o que de fato pode sentir uma criança nessa situação.

Podemos entender que a avaliação feita pelo conselho tutelar sobre o caso de Hayley e sua filha, aponta para as inúmeras inadequações dessa família: a conduta da mãe, o ambiente pouco favorável, a instabilidade de suas vidas e de seu humor. Se analisarmos a situação apenas por esse viés, somando às concepções que muitas vezes norteiam o

trabalho desses profissionais (NASCIMENTO, 2012) é possível entender a decisão de separar a dupla.

Entende-se que essa é a melhor saída para garantir o desenvolvimento e segurança da menina. O que se perde, entretanto, em meio às informações concretas e uma avaliação pontual, é a qualidade e a importância dessa relação, tanto para filha como para mãe. A separação refletirá diretamente no futuro de ambas.

Como apresenta o filme, Moonee se distancia do que concebemos como uma criança ideal: ela fala palavras chulas e de baixo calão, desafia aos mais velhos, se envolve em aventuras sem pensar muito nas consequências de seus atos. Em função da sua idade, e mesmo de seu temperamento difícil, sabemos que é possível que ela passe a vida uma instituição sem ser adotada.

Hayley, por outro lado, é praticamente invisível nesse momento: está ali apenas para entregar a sua filha. Não observamos nenhuma conduta por parte dos profissionais que lhe ofereça perspectivas de recuperar Moonee, ou de algum acolhimento para ela naquela situação. Sua reação explosiva ao final deixa claro o quanto também sofre com a separação. Ela, que já tinha tão pouco, perde mais uma vez. Não temos perspectivas para o seu futuro.

Já a dor e o choro sincero da criança nos momentos finais nos chama a atenção para a importância do vínculo que tem com sua mãe, ainda que ela seja imperfeita. Mesmo vivendo em um quarto alugado e bagunçado, mesmo privada de materialidades e conforto, ela ama sua mãe, seus amigos e o lugar onde vive. Se a princípio perguntávamos qual seria a melhor alternativa para seu caso, ao final concluímos que o melhor seria ficar com sua mãe.

Segundo Leoncio (2009), questões como negligência, violência e privações prejudicam o desenvolvimento da criança. Entretanto, não é incomum que quando separadas

e institucionalizadas, peçam para voltar para seus familiares e amigos. Ao invés de solucionar, o acolhimento, em alguns casos, intensifica o sofrimento da criança, que perde seus referenciais. É nesse sentido que o investimento na família, com uma visão compreensiva de sua realidade, pode fazer a diferença.

O vínculo da personagem estabelecido com a mãe marca a origem da sua história. É por meio dele que seu psiquismo pôde se formar, servindo-lhe de objeto de identificação e pertencimento. É a partir dele que pôde criar as referências de quem ela é (MACHADO et, al, 2019). Quando é afastada bruscamente dessa figura e do ambiente que compõe a sua infância, vemos o mundo de Moonee e todas as suas certezas ruírem.

A última cena do filme é bastante simbólica. A garotinha procura por Jansey e juntas fogem para os parques da Disney. Moonee foge da dura realidade que lhe foi imposta naquele momento, da ruptura com a sua história e com todos que conhece. Busca concretamente, como seu último refúgio, o reino da fantasia.

Considerações Finais

A maneira como Sean Baker conduz a trama nos possibilita uma interessante aproximação com o tema. Ao abordar a narrativa a partir do ponto de vista da criança, mergulhamos na história com um olhar compreensivo, sem, entretanto, romancear a realidade. Sabemos que algumas atitudes de Hailey são questionáveis, entretanto, somos capazes de entender seu posicionamento, e mesmo diante do absurdo, não a odiamos.

No trabalho com famílias, facilmente somos levados a pensá-las sob o ponto de vista dos modelos tradicionais, muitas vezes impondo-lhes um olhar normativo e preconceituoso (CECCARELLI, 2005; KEHDY, 2019). A partir

das questões disparadas pelo filme, somos capazes de refletir sobre a nossa visão quanto às famílias que estão em situação de vulnerabilidade, compreendendo-as para além da estigmatização.

Estar em situação de vulnerabilidade social não determina que uma família será inadequada para o cuidado de um filho, tampouco que seus cuidadores representam um risco para o seu desenvolvimento. Antes, cabe-nos refletir o papel do Estado e de políticas públicas para a garantia de direitos básicos e de um cuidado efetivo para essas famílias.

O que observamos hoje é uma falta de investimentos no fortalecimento do grupo familiar e na sua capacidade de cuidar e zelar por seus membros. Como demonstram alguns trabalhos, com frequência a separação é a primeira alternativa adotada, ainda que o ECA preveja o contrário (NASCIMENTO, 2012). Em casos de acolhimento, a família de origem nem sempre é vista com bons olhos, implicando também em uma recusa da parte de profissionais em trabalhar juntamente a ela (LEONCIO, 2009).

Projeto Flórida permite-nos notar que, em meio a caminhos incertos e questionáveis, há também vínculo, afeto e pertença. A ausência de um olhar humano, capaz de enxergar a complexidade das relações nesses casos, implica em fragilizações intensas, que impactam não apenas o futuro e psiquismo da criança (FÁVERO, VITTALE, BAPTISTA, 2009; SOUSA et. al., 2016), como também o de seus cuidadores (FÁVERO, VITTALE, BAPTISTA, 2009; BATISTA, FONSECA, PONTES, 2018), figuras essas que são frequentemente esquecidas em seus sofrimentos.

É preciso, portanto, oferecer um espaço, um contexto que possibilite a criatividade e a transformação (CORREA, 2003). Um espaço para que a família “[...] seja realmente vista, acolhida e compreendida, de maneira que consiga se

constituir um *holding*, de desenvolvimento e saúde” (SEI, GOMES, 2007, p.136).

Referências

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAKER, S. **The Florida Project** [film]. New York, NY: Cre Films/Freestyle Picture Company/June Pictures/Sweet Tomato Films, 2017.

BATISTA, G. F.; FONSECA, M.C.; PONTES, M. G. “É uma dor que não tem explicação, é a vida da gente que eles tiram”: narrativas de mulheres na resistência pelo seu direito à maternidade em Belo Horizonte - MG. **Saúde em redes**, v. 4 (Supl.1), 2018. p. 129 - 189.

BERNO, R. O trabalho do psicólogo nas varas da infância e da juventude In: Ramos, M. (org.) **Casal e família como paciente**. São Paulo: Editora Escuta, 1999. 2ª ed. p.138-178

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 29, n. 64, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19835/19141>>. Acesso em: 19 maio 2019.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm> Acesso em: 15 set. 2018

CECCARELLI, P. R. Violência simbólica e organizações familiares. In: FERES-CARNEIRO, T. (Org.) **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005. 266-277 p.

CORREA, Olga B. Ruiz. Transmissão psíquica entre as gerações. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 35-45, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642003000300004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 set. 2018

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. 2ª edição. Rio de Janeiro, editora Graal, 1986

FÁVERO, E. T., VITALE, M. A. F., & BAPTISTA, M. V. (Orgs). **Famílias de crianças e adolescentes abrigados: quem são, como vivem, o que pensam, o que desejam**. São Paulo: Paulus, 2009.

GOMES, M. A.; PEREIRA, M. L. D. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 357-363, Apr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Dec. 2019.

HOZEL, D. As Implicações da parentalidade. In: SOLIS-PONTON, L. **Ser pai, ser mãe: parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 47-51.

IACONELLI, V. Parentalidade e vulnerabilidades. Condições, impasses e saídas no exercício da parentalidade em nossa época. **Cult - Revista Brasileira de Cultura**, São Paulo, v.22, n.251, p. 20-21. Nov. 2019.

KHEDY, R. Invisibilidade e visibilidade: Paradoxo da parentalidade em situações de vulnerabilidade do laço social. **Cult - Revista Brasileira de Cultura**, São Paulo, v.22, n.251, p. 31-33. Nov. 2019.

KLAUTAU, P.. O método psicanalítico e suas extensões: escutando jovens em situação de vulnerabilidade social.

Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo , v. 20, n. 1, p. 113-127, Mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547142017000100113&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Dez. 2019.

LEONCIO, A. H. **Consulta terapêuticas de crianças abrigadas e seus pais. Uma investigação dos vínculos familiares.** 232 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.

MACHADO, Rebeca Nonato et al. O mito de origem em famílias adotivas. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 30, e160102, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642019000100202&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 Fev. 2020.

NASCIMENTO, M. L. Abrigo, pobreza e negligência: percursos de judicialização. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. spe, p. 39-44, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19 Set. 2018.

PODKAMENI, A.B; GUIMARÃES, M.A.C.. Afrodescendência, família e prevenção In: MELLO FILHO, J. [ET. AL] **Doença e família.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

RIOS, A. G. **O fio de Ariadne: sobre os labirintos de vida de mulheres grávidas usuárias de álcool e outras drogas.** 277 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, 2017

SANTOS, K. D.; MOTTA, I. F. da. O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 31, n. 4, p. 517-525, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Out. 2019.

SEI, M.B., GOMES, I.C. Violência familiar, o transgeracional e a arteterapia com famílias: aproximações. **Encontro: Revista de Psicologia**; 2007;11(16):133-9.

SOUSA, C. A.; SEGUIM, C. B.; LEVISKY, F. B.; RUDGE, L. L. T. & UNGARETTI, S. S. G. O direito de construir a própria história: contribuições psicanalíticas na clínica e no abrigo. In Ghirard, M. L. A. M. & Ferreira, M. P. (Org.). **Laços e Rupturas: Leituras psicanalíticas sobre adoção e acolhimento institucional**. São Paulo: Editora Escuta, 2016.

STERN, D. **A constelação da maternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

WINNICOTT, D. W. Psicoses e cuidados maternos. In: **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. Sobre a criança carente e de como ela pode ser compensada pela perda da vida familiar. In: **A Família e o Desenvolvimento Individual**. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)

Bruna Bortolozzi Maia. Graduanda em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Áreas de atuação: Psicanálise Vincular. **Email:** bruna.b.maia@unesp.br

Bruna Martins Veroni Palma. Psicóloga, mestranda em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Áreas de atuação: Psicanálise, maternidade e vulnerabilidade social. **E-mail:** bruna.veroni@unesp.br

Carolina Caires Motta. Professora Assistente no Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC - Campus Londrina; Doutoranda em Psicologia na Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Áreas de Atuação: Saúde Mental; Políticas Educacionais para a Infância e Clínica Psicanalítica. **E-mail:** carolina.caires@pucpr.br

Caroline Trevisan Mendes de Almeida. Mestre em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pelo Centro Universitário Eurípides de Marília - UNIVEM em parceria com o Núcleo de Psicanálise de Marília. Áreas de atuação: Clínica Psicanalítica e Docência. **E-mail:** carol_psicotrevisan@yahoo.com.br

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel. Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis. Especialista em Psicoterapias de Orientação Psicanalítica (Faculdade de Medicina de Marília –FAMEMA). Participou do Projeto Development of Psychological Support for Returnee Dekasegi in Achi, Mie and Shiga, do Governo Japonês pela Japan International Cooperation Agency (JICA) em parceria com a Unesp de Assis, em 2012. **E-mail: ciressfer@yahoo.com.br**

Dirceu Duarte Gomes. Bacharel em Psicologia e Psicólogo Clínico - UNESP Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Mestrando na mesma instituição. Áreas de atuação: atendimentos individuais, casal e família com orientação psicanalítica e pesquisa sobre término de relacionamento e a utilização de aplicativos. **E-mail: dirceu.duarte@unesp.br**

Giovana Benite dos Santos. Psicóloga graduada pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Áreas de atuação: Psicanálise Vincular. **E-mail: giovanabenite.ds@gmail.com**

Giovanna Lima Thomazella. Graduanda em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Áreas de atuação: Psicanálise Vincular. **E-mail: giovannalthomazella@gmail.com**

Graziella Vasconcelos da Silva. Graduada em Psicologia pela Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Assis (2018) e em Direito pela UNIFIL- Universidade Filadélfia (2007). Mestranda em Psicologia na Faculdade de Ciências e Letras

de Assis da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” com linha de pesquisa voltada para ‘Processos Psicossociais de Subjetivação na contemporaneidade’ – UNESP. **E-mail: gravasconcelossilva@gmail.com**

Isabela Dantas da Silva. Graduada em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Residente em Psicologia no Programa de Residência Multiprofissional de Saúde do Adulto e Idoso. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Medicina de Botucatu. Áreas de atuação: Psicanálise Vincular; Psicologia Hospitalar. **E-mail: isabela.dantas@unesp.br**

José Eugêno Valério Pereira. Graduando em Psicologia. Universidade de São Paulo - USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Integrante do Grupo de Ação e Pesquisas em Diversidade Sexual e de Gênero – VIDEVERSO. Áreas de atuação: Psicanálise. Literatura e homoerotismo. **E-mail: eugenio13valerio@gmail.com**

Juliana Beatriz Ferreira de Souza. Psicóloga, graduada em Psicologia pela Univ. Estadual Paulista- UNESP/ FCL- Assis. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo- USP. É membro do Laboratório de Casal e Família: clínica e estudos psicossociais na mesma instituição. Áreas de atuação: subjetividade no contemporâneo, conjugalidade, parentalidade, intersubjetividade e psicanálise de família e casal. **E-mail: souza.jbf@gmail.com**

Lucas Rodrigues Bento. Graduando em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Áreas de

atuação: Psicanálise; Freud. **E-mail:**
rodrigues.bento@unesp.br

Manoel Antônio dos Santos. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo - USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Coordenador do Grupo de Ação e Pesquisas em Diversidade Sexual e de Gênero – VIDEVERSO. Áreas de atuação: Psicanálise, saúde da população LGBTQI+, Homossexualidades, Lesbianidades e Transexualidades. **E-mail: masantos@ffclrp.usp.br**

Mary Yoko Okamoto. Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. É coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Vincularidade (LAPsiVi). Áreas de Atuação: Desenvolvimento infantil; famílias; psicanálise e imigração japonesa. **E-mail: mary.okamoto@unesp.br**

Raissa Pinto Rodrigues. Graduanda em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Áreas de atuação: Psicanálise Vincular. **E-mail: raissa.prodrigues@gmail.com**

Thaís Yumi Shirane. Graduanda em Psicologia. Universidade de São Paulo - USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Integrante do Grupo de Ação e Pesquisas em Diversidade Sexual e de Gênero – VIDEVERSO. Áreas de atuação: Psicanálise. Literatura e homoerotismo. **E-mail: thais.shirane@usp.br**

Thássia Emídio Thassia Souza Emídio. Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP. É doutora em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP. É mestre e graduada em Psicologia (Bacharelado, Licenciatura e Formação de Psicólogo) pela mesma instituição. É coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Vincularidade (LAPsiVi) e membro do grupo de pesquisa Figuras e Modos de Subjetivação no Contemporâneo. Tem experiência na área de Psicologia Clínica. Áreas de atuação: pesquisas com ênfase em Psicanálise e Vincularidade e Psicanálise Freud – Ferenczi, atuando principalmente nos seguintes temas: família, vincularidade, maternidade, feminino. **E-mail:** thassia.emidio@unesp.br

Vinícius Alvim. Graduando em Psicologia. Universidade de São Paulo - USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Integrante do Grupo de Ação e Pesquisas em Diversidade Sexual e de Gênero – VIDEVERSO. Áreas de atuação: Psicanálise, Transicionalidade. **E-mail:** vinialvim@gmail.com

Vinicius Romagnolli Rodrigues Gomes. Psicólogo (CRP 08/16521), psicanalista, historiador, docente do curso de Psicologia (PUC-Maringá). Mestre e doutorando em Psicologia (UNESP-ASSIS). **E-mail:** viniciusrrgomes@gmail.com

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Bruna Bortolozzi Maia. Graduanda em Psicologia na UNESP/FCL- Assis, desde 2016. Em 2017, cursou três disciplinas, em intercâmbio informal, na Universidade do Minho, Portugal. É bolsista de Iniciação Científica da FAPESP, com projeto intitulado "Considerações psicanalíticas sobre narcisismo parental: uma revisão de literatura" desde 2018. Integrante do Laboratório de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Vincularidade - Lapsivi.
E-mail: bruna.b.maia@unesp.br

Mary Yoko Okamoto. Psicóloga e docente do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras - FCL - Universidades Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Vincularidade – LaPsiVi. Áreas de atuação: psicanálise, psicanálise de vínculos, imigração, famílias e casais. **E-mail: mary.okamoto@unesp.br**



Este livro é destinado ao público em geral, interessado em cinema, leigos ou não, assim como aos diferentes profissionais e acadêmicos na área da Educação, Psicologia e afins. O diferencial é que, neste volume, há autores que têm em comum o referencial psicanalítico para direcionar a compreensão e a análise de cada mídia compartilhada com nossos leitores. A partir da abordagem teórica da psicanálise vincular, são discutidos temas atuais e instigantes: o amor e novas formas de subjetivação no contemporâneo, as transformações nos vínculos de parentalidade e filiação, o atravessamento da conjugalidade na parentalidade, entre outros.

